

**ANEXOS**

## **Anexo 1**

Guiões de entrevistas aos Pais e Professores/Outros

Pré - Teste e Guião Final

## Guião de entrevista aos Pais (Pré - Teste)



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

Esta entrevista semi estruturada destina-se ao trabalho de investigação para a Tese de Mestrado, cujo tema é "O Luto na criança pequena; Perspectiva Sociológica da Perda na Criança", no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, da U.M. Com ele pretendo recolher informação que me ajude a perceber a relação que as crianças pequenas têm com a perda de alguém e o modo como interagem com os outros no seu quotidiano, quando numa situação de luto

Será respeitado o anonimato e os dados recolhidos destinam-se exclusivamente a ser usados nesta pesquisa. A sua colaboração é fundamental!

Obrigada!

Maria Augusta Carvalho

**1. Qual o papel que ocupa na família**

---

**2. A sua idade situa-se entre, e a do seu cônjuge/companheiro(a):**

-----

**3. Qual é a sua profissão?** -----

**4. Qual é a profissão do seu cônjuge?** -----

**5. Quantos filhos têm?**

**6. Que idade têm?** -----

### Questão Introdutória

1- Já viveu de perto um luto? De quem?

Quem partilhou consigo de perto essa vivência?

### Questões de Transição

1- Falemos agora especificamente de-----

## Questões Chave

- 1 – Quem participou ao seu filho(a) a morte do familiar e quando?
- 2 – Que lhe disse concretamente? Usou de artifícios para lhe dar a notícia?
- 3 – Como reagiu a criança? Notou mudanças no seu comportamento? Especifique melhor.
- 4 – O que a preocupou mais a si? Que dúvidas tinha a criança e que lhe respondia?
- 5 – A criança participou de algum ritual fúnebre? Qual?
  - a) - Funeral
    - Missa
    - Luto (negro)
    - Visitas ao cemitério
    - Celebração de datas/aniversário
    - Arrumar os objectos pessoais
    - Guardar recordações
  - b) Se sim, porque o fez?  
Se não, porque o não fez?
- 6 – Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade?
- 7 – Que comportamentos revelou ela na Escola? Que apoios teve e de quem?
- 8 – Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.

“O Luto é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral”

### Questão Final

- 1 – Que comentário faz a esta citação? Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?

**Obrigada pela sua colaboração!**

## Guião de entrevista a Professores/Outros (Pré – Teste)



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

Esta entrevista semi estruturada destina-se ao trabalho de investigação para a Tese de Mestrado, cujo tema é "O Luto na criança pequena; Perspectiva Sociológica da Perda na Criança", no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, da U.M. Com ele pretendo recolher informação que me ajude a perceber a relação que as crianças pequenas têm com a perda de alguém e o modo como interagem com os outros no seu quotidiano, quando numa situação de luto

Será respeitado o anonimato e os dados recolhidos destinam-se exclusivamente a ser usados nesta pesquisa. A sua colaboração é fundamental!

Obrigada!

Maria Augusta Carvalho

**1.Qual é a sua idade?**

---

**2.Há quanto tempo é professor(a)?** -----

**3.Tem filhos? Quantos?**-----

**4.Que idade têm?** -----

### **Questão Introdutória**

2- - Já viveu de perto um luto? De quem?

Quem partilhou consigo de perto essa vivência?

### **Questões de Transição**

1– Falemos agora especificamente de-----

### **Questões Chave**

1 – Sabe como e quem participou ao seu (sua) aluno(a) a morte do familiar?

2 – Como reagiu a criança na escola? Especifique melhor.

3 – O que a preocupou mais a si? Que dúvidas tinha a criança e que lhe respondia?

4 – Sabe se a criança participou das cerimónias fúnebres? Quais?

a) - Funeral

- Missa
- Luto (negro)
- Visitas ao cemitério
- Celebração de datas/aniversário
- Arrumar os objectos pessoais
- Guardar recordações

b) Se sim, porque acha que a deixaram participar?  
Se não, porque o terão feito?

5 – Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade?

6 – Que comportamentos revelou ela na Escola? Teve apoios e de quem?

7 – Que peso tem um luto na criança, a seu ver? Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.

## **Questão Final**

“O Luto é um estado de margem para os sobreviventes, no qual entram mediante ritos de separação e do qual saem por ritos de reintegração na sociedade geral”

1 – Que comentário faz a esta citação? Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?

**Obrigada pela sua colaboração!**

# Guião Final de entrevista aos Pais



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

Esta entrevista semi estruturada destina-se ao trabalho de investigação para a Tese de Mestrado, cujo tema é "A criança em luto...Perspectiva Sociológica da Perda na Criança", no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, da U.M. Com ele pretendo recolher informação que me ajude a perceber a relação que as crianças pequenas têm com a perda de alguém e o modo como interagem com os outros no seu quotidiano, quando numa situação de luto  
Será respeitado o anonimato e os dados recolhidos destinam-se exclusivamente a ser usados nesta pesquisa. A sua colaboração é fundamental!  
Obrigada!

Maria Augusta Carvalho

## 1.Qual o papel que ocupa na família?

Mãe  Pai  Outro. Qual? \_\_\_\_\_

## 2.A sua idade situa-se entre, e a do seu cônjuge/companheiro(a):

- a)20-29
- b)30-39
- c)40-49
- d)50-59

<input type="checkbox"/>	<input type="checkbox"/>

3.Qual é a sua profissão? \_\_\_\_\_

4.Qual é a profissão do seu cônjuge? \_\_\_\_\_

5.Quantos filhos têm?

6. Que idade têm? \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos

3- Já viveu de perto um luto? De quem?

1– Quem partilhou consigo de perto essa vivência?  
Falemos agora, especificamente d(a)/d(o).....

1 – Quem participou ao seu filho(a) a morte do familiar? Quando?

2 – Que lhe disse concretamente? Usou de artefactos para lhe dar a notícia?

3 – Como reagiu a criança? Notou mudanças no seu comportamento? Especifique melhor.

4 – O que a preocupou mais a si? E à criança? Que dúvidas tinha?

5 – A criança participou de algum ritual fúnebre? Por exemplo:

a) - Funeral

- Missa
- Luto (negro)
- Visitas ao cemitério
- Celebração de datas/aniversário
- Arrumar os objectos pessoais
- Guardar recordações

b) Se sim, porque o fez?

Se não, porque o não fez?

6 – Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade que se tenha apercebido?

7 – Que comportamentos revelou ela na Escola? Teve apoios e de quem?

8 – Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.

**Os adultos tendem a esconder os sinais de morte à criança.**

1 – Acha que este procedimento está correcto? Como acha que deveria ser? Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?

**Obrigada pela sua colaboração!**

**Guião Final de entrevista a Professores/Outros**



**Universidade do Minho**  
Instituto de Estudos da Criança

Esta entrevista semi estruturada destina-se ao trabalho de investigação para a Tese de Mestrado, cujo tema é "A criança em luto...Perspectiva Sociológica da Perda na Criança", no âmbito do Mestrado em Sociologia da Infância, da U.M. Com ele pretendo recolher informação que me ajude a perceber a relação que as crianças pequenas têm com a perda de alguém e o modo como interagem com os outros no seu quotidiano, quando numa situação de luto  
Será respeitado o anonimato e os dados recolhidos destinam-se exclusivamente a ser usados nesta pesquisa. A sua colaboração é fundamental!  
Obrigada!

Maria Augusta Carvalho

### 1.A sua idade situa-se entre

- a)20-29
- b)30-39
- c)40-49
- d)50-59


### 2.Há quanto tempo é professor(a)? \_\_\_\_\_

3.Tem filhos? Quantos? **Sim**  **Não**

4.Que idade têm? \_\_\_\_\_anos \_\_\_\_\_anos \_\_\_\_\_anos \_\_\_\_\_anos

1 - Já viveu de perto um luto? Como o comunicou aos seus filhos?

1 – No seu caso particular, já viveu de perto o luto de algum aluno? Quem lhe comunicou o falecimento?

Falemos, agora especificamente d(a), d(o).....

1 – Sabe como e quem participou ao seu (sua) aluno(a) a morte do familiar?

2 – Como reagiu a criança? Notou mudanças no seu comportamento? Especifique melhor.

3 – O que a preocupou mais a si? E à criança? Que perguntas lhe fazia?

4 – Sabe se a criança participou de algum ritual fúnebre? Por exemplo:

a) - Funeral

- Missa

- Luto (negro)

- Visitas ao cemitério

- Celebração de datas/aniversário

- Arrumar os objectos pessoais

- Guardar recordações

b) Se sim, porque acha que a deixaram participar?

Se não, porque o terão feito?

5 – Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade, que sejam do seu conhecimento?

6 – Que comportamentos revelou ela na Escola? Teve apoios e de quem?

7 – Que peso tem um luto na criança, a seu ver? Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.

### **Os adultos tendem a esconder os sinais de morte à criança.**

1 – Acha que este procedimento está correcto? Como acha que deveria ser? Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?

**Obrigada pela sua colaboração!**

## **Anexo 2**

Declarações de Autorização e Participação no estudo  
Pedidos de autorização da participação de Docentes e Auxiliares a Instituições



**Universidade do Minho**  
Instituto de Estudos da Criança

## DECLARAÇÃO

Eu,            declaro            que            autorizo            o            meu            filho(a)  
\_\_\_\_\_, a participar nas sessões  
de investigação para a Tese de Mestrado da Educadora Maria Augusta  
Carvalho, nas instalações da Universidade do Minho, subordinadas ao tema  
das Emoções e Sentimentos/Afectos relacionados com o tema das Perdas na  
criança.

A/O Declarante

\_\_\_\_\_

Braga, \_\_\_\_\_



**Universidade do Minho**  
Instituto de Estudos da Criança

## DECLARAÇÃO

Eu,

\_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_, declaro que aceito participar nas sessões de investigação para a Tese de Mestrado da Educadora Maria Augusta Carvalho, nas instalações da Universidade do Minho, subordinadas ao tema das Emoções, Sentimentos e Afectos, relacionados com Perdas nas crianças.

A/O Declarante

\_\_\_\_\_

Braga, \_\_\_\_\_



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

M<sup>a</sup> Augusta Carvalho  
R. António José Lisboa, 229, 3<sup>o</sup> esq. Ap.1  
4700-255 Real Brg

Exm<sup>o</sup>.

Director do Colégio \_\_\_\_\_

Maria Augusta Carvalho, aluna mestranda do IEC, Universidade do Minho, no Mestrado de Sociologia da Infância, vem requer a V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se digne autorizar entrevistar alguns dos seus funcionários, nomeadamente a Educadora ----- e sua Auxiliar-----, com o intuito de conhecer o comportamento de crianças em luto, no caso, as crianças \_\_\_\_\_ e \_\_\_\_\_, alunas deste Colégio, nos anos lectivos de 2005-2006 e 2006- 2007 e, cuja finalidade é a elaboração da sua Tese de Dissertação, intitulada “O Luto na Criança, perspectivas sociológicas da Perda na Criança”.

Pede Deferimento

Com os melhores cumprimentos

A Aluna Mestranda

\_\_\_\_\_  
Braga, \_\_\_\_\_



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

M<sup>a</sup> Augusta Carvalho  
R. António José Lisboa, 229, 3<sup>o</sup> esq. Ap.1  
4700-255 Real Brg

Exm<sup>o</sup>.  
Directora do Colégio \_\_\_\_\_

Maria Augusta Carvalho, aluna mestranda do IEC, Universidade do Minho, no Mestrado de Sociologia da Infância, vem requer a V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se digne autorizar entrevistar alguns dos seus funcionários, nomeadamente a Professora -----, com o intuito de conhecer o comportamento de crianças em luto, no caso, a criança \_\_\_\_\_, aluna do 2<sup>o</sup> Ano Turma B, neste Colégio desde o ano lectivo de 2007-2008 e, cuja finalidade é a elaboração da sua Tese de Dissertação, intitulada “O Luto na Criança, perspectivas sociológicas da Perda na Criança”.

Pede Deferimento

Com os melhores cumprimentos

A Aluna Mestranda

\_\_\_\_\_  
Braga, \_\_\_\_\_



Universidade do Minho  
Instituto de Estudos da Criança

M<sup>a</sup> Augusta Carvalho  
R. António José Lisboa, 229, 3<sup>o</sup> esq. Ap.1  
4700-255 Real Brg

Exm<sup>o</sup>.

Presidente do Conselho Executivo  
do Agrupamento\_\_\_\_\_

Maria Augusta Carvalho, aluna mestranda do IEC, Universidade do Minho, no Mestrado de Sociologia da Infância, vem requer a V<sup>a</sup> Ex.<sup>a</sup> se digne autorizar entrevistar alguns dos seus Docentes, nomeadamente a Professora ----- , com o intuito de conhecer o comportamento de crianças em luto, no caso, a criança \_\_\_\_\_, aluna da EB1 da \_\_\_ e, cuja finalidade é a elaboração da sua Tese de Dissertação, intitulada “O Luto na Criança, perspectivas sociológicas da Perda na Criança”.

Pede Deferimento

Com os melhores cumprimentos

A Aluna Mestranda

\_\_\_\_\_  
Braga, \_\_\_\_\_

### **Anexo 3**

Transcrição das Sessões do Grupo de Enfoque

## 1ª Sessão:

**Maria Augusta:** Eu chamo-me Maria Augusta, mas todos os meninos chamam-me “Gu”, é o meu diminutivo. Desde pequenina que me chamam assim, em família e os meus alunos e amigos. Por isso, uma vez que vamos ser amigos a partir de agora também o podem fazer, mas se preferirem Augusta, professora...estão à vontade. Está bem? Agora que já me apresentei, vocês vão fazer o mesmo, está bem?

Muito bem! Então agora vamos falar sobre o assunto que nos trouxe aqui... o que é que nós estamos aqui a fazer? Eu tirei um curso, sou Educadora de Infância, mas para além desse curso, agora estou a tirar outro. Estou a tirar outro curso para perceber algumas coisas sobre os meninos com quem eu trabalho, sobre todos os meninos em geral. Para tirar esse curso, eu tenho de fazer um trabalho para apresentar ao meu professor que costuma estar ali naquela cadeira à frente, nesta sala de reuniões e palestras. Então, a Gu escolheu fazer um trabalho em que pudesse reunir meninos, falar com eles, ouvi-los... Sabem o que era mais fácil para mim? Ir falar com os vossos pais e perguntar aos vossos pais, o que é que vocês pensavam, o que é que vocês faziam, como é que se comportavam quanto ao assunto que vamos tratar. Mas eu pensei, não... eu quero é falar com os meninos, eu quero ouvir os meninos, porque a voz dos meninos e a palavra dos meninos vale muito mais. É a voz deles e a palavra deles que eu quero ouvir, saber, registar e dar valor... valorizar no meu trabalho, não é a dos pais. Então eu juntei este grupinho todo e vamos falar de quê? Vamos falar sobre emoções e sentimentos! Sabem o que são, não é?

**J.:** E atitudes.

**Maria Augusta:** E atitudes, muito bem. Se eu falasse com os vossos pais, de certeza que eles tinham respostas esclarecedoras para mim. O J., o J. é um menino assim..... Mas eu não quero saber através da mãe e do pai do J., eu quero é que o J. me conte e me fale de si, dos seus sentimentos, das suas emoções e das suas atitudes. Porque as toma? Quando as toma? E o que sente quando as coisas acontecem? Porque os sentimentos...quem sabe o que são sentimentos?

**J.:** São dores.

**Maria Augusta:** Muito bem...podem ser dor e prazer, não? Serão sensações?

**J.:** Sim.

**Maria Augusta:** São coisas sentidas, agradáveis ou não?

**J.:** Sim.

**Maria Augusta:** Vividas por nós?

**J.:** Sim.

**Maria Augusta:** Por nós, por todos quando acontece alguma coisa.

**J.:** Quando temos uma dor começamos a gemer ou qualquer coisa assim.

**Maria Augusta:** Sim...?!? E emoções então, o que são?

**J.:** Emoções são coisas que queremos fazer.

**Maria Augusta:** Coisas que queremos fazer...?!?

**J.:** Pensamos fazer, queremos realizar, fazê-las...

**Maria Augusta:** Isso não serão desejos?

**J.:** Desejos são pedir uma coisa que se possa realizar. Emoções são pensar numa coisa e querer que ela aconteça.

**Maria Augusta:** Então, eu vou dizer-vos o que penso sobre sentimentos e emoções... também acho que há uma diferença entre as duas coisas. Os sentimentos acontecem quando nós vemos alguma coisa, quando alguém nos diz alguma coisa, quando sentimos alguma coisa causado por um estímulo que vem de fora de nós... Todos temos sentimentos!

**J.:** Quando nós dizemos alguma coisa mal.

**Maria Augusta:** Por exemplo, alguma coisa que nos causa uma sensação agradável ou desagradável...os sentimentos são mais sensações de momento, acontecem de momento e nós reagimos através de uma atitude ou de uma acção. Ficamos tristes, ficamos alegres, choramos, não ligamos, são sensações mais momentâneas e visíveis ou não...mas eu acho que emoções são mais fortes. Eu acho, pela minha experiência, que sou mais velha do que vocês, que as emoções são mais fortes, são vividas de maneira mais intensa, mais forte. Por exemplo, uma emoção forte, mais forte, era... se eu visse um crocodilo, lá fora... O que é que me acontecia? Eu entrava em pânico! Não era simplesmente medo... Era uma emoção tão forte, tão forte... que eu era capaz de quê? De desmaiar, de ficar paralisada, de gritar....

**J.:** De começar a correr.

**Maria Augusta:** De correr, dizes bem.... de pedir socorro a alguém, não era? As emoções são de facto vividas de maneira muito forte, fazem com que o nosso corpo reaja também, ou com dores de barriga, ou com tremores de pernas, ou corar, ou com situações de pânico.... Não é? Reagimos de forma tão intensa interiormente, fazendo o nosso corpo revelar atitudes visíveis de mal-estar ou bem-estar...

**J.:** Se eu visse uma anaconda não sei o que é que fazia!

**Maria Augusta:** Nem eu!

**J.:** Eu ficava parado e depois é que começava a correr.

**Maria Augusta:** Pois, lá está, Joaquim... Exactamente, e sabes porquê? Ficavas apanhado por uma emoção tão forte de pânico e não sabias como reagir. Nestes casos já não seria um simples sentimento de medo, mas antes uma grande emoção de pânico e pavor. As tuas pernas ficavam presas ao chão....

**J.:** Não conseguíamos mexer!

**Maria Augusta:** Ora bem... eu acho que vocês já sentiram arrepios de medo. Dores de barriga, corar, ...uma alegria fora do normal, risos incontroláveis...

**Mag.:** Gu, eu na casa da minha avó quando fui ao sótão com os outros meninos, eu vi um ratinho e eu vim logo a correr para baixo, mas não quis dizer a ninguém. A minha prima R. até ficou lá em cima porque não viu.

**Maria Augusta:** E não quiseste dizer a ninguém porquê?

**Mag.:** Porque não...

**Maria Augusta:** Tiveste medo ao ratinho? Ela expressou uma emoção... de medo, correu, fugiu e chegou cá baixo e não quis dizer nada porquê? Sentiste-te envergonhada foi, de contar a verdade? Que tiveste medo?

**Mag.:** Não...

**Maria Augusta:** .... o que se tinha passado.

**J.:** Porque tinhas medo.

**J.:** Sentia-se envergonhada, porque não queria que ninguém soubesse.

**Mag.:** Mas o rato era um bocado grande...

**Maria Augusta:** Era? Vamos agora deixar falar de ratos...

**J.:** São nojentos.

**Maria Augusta:** São nojentos, não são? Provocam em nós esse sentimento de nojo. É uma sensação, não é? Não é palpável, não é uma coisa palpável, mas sentida. Quer dizer, a gente olha e através do olhar, do sentido do olhar, a sensação ou percepção que nós temos do rato é de nojo, não é?

**J.:** Gritamos!

**Maria Augusta:** É isso! Eu acho que vocês já sabem mais ou menos o que são sentimentos e emoções. São duas coisas quase parecidas, mas emoção é muito mais forte do que os sentimentos. Olhem... a alegria, a tristeza, a surpresa, a simpatia, o medo, a vergonha, a zanga, a felicidade, o amor, a amizade, o ódio, a vaidade, a liberdade, o conforto, a paixão... São sentimentos, mas quando eles são mais fortes, têm outras consequências. O que é uma tristeza muito forte pode provocar?

**J.:** Choro...

**Maria Augusta:** Quando é vivida com intensidade, aí torna-se uma emoção muito forte de infelicidade, dor, sofrimento... Pronto, não vamos falar mais de sentimentos, nem emoções, porque ao longo destas sessões tudo vai estar ligado às emoções e aos sentimentos, e eu espero que vocês os expressem livremente... Eu só queria que vocês as expressassem à vontade e sintam a liberdade para o fazer.

Agora... vou vos mostrar um vídeo que é muito engraçado... para rirem, para descontraírem e para perceberem se estão sentimentos expressos. Mas antes disso quero que conheçam uma amiguinha muito gira que vos vai dar os bons dias. Esta amiguinha tem som, portanto é bom que vocês estejam caladinhos. Está a transferir o ficheiro, estão a ver? Diz "Cu, Cu". O que será que vai acontecer? Quando se diz "Cu, Cu", é sinal de quê?

**J.:** É sinal de assustar! Dizer olá.

**Maria Augusta:** Assustar?... é mais de surpresa... que alguma coisa vai acontecer, "Cu, Cu", vai aparecer alguém, vai aparecer alguma coisa, então é mais uma surpresa do que um susto.

(*Nota:* Visualização do vídeo "Cu, Cu!!!")

**Maria Augusta:** "Ainda bem! Agora vou, vou mesmo. Ou não? Beijinhos e um bom dia e adeus." Esta girafinha foi me mandada por uma amiga e eu achei tão engraçada, que eu pensei: eu vou pôr esta girafinha a dar os bons dias aos meninos. Agora... vamos ver o vídeo que vos quero mostrar...

**R. F.:** Agora quero saber como é que ela sabia as horas?

**Maria Augusta:** Pois, e se eu puser amanhã ou depois ou logo, ela vai saber sempre as horas.

**J.:** Ela não sabe o raciocínio.

**Maria Augusta:** Pois não, mas quem fez este vídeo, fê-lo de maneira que quando ele aparece, ele está conectado com o relógio do computador e dá a hora certa como aparece ali. Vocês ficam espantados, ficam com um sentimento de espanto. Como é que ela sabia, esta girafinha!?

**J.:** Por exemplo, se agora passar um minuto, ela sabe sempre as horas?

**Maria Augusta:** Sim, sabe sempre as horas e é isso que tem piada...

R. F.: Sabe sempre as horas do computador!

**(Nota: Visualização do vídeo “Agenda para 2009” com imagens de animais.)**

J.: Este é muito giro. (Imagem do cão à frente da ventoinha)

**Mag.:** Parece o “Fredí”. O que é idioma?

**Maria Augusta:** Linguagem, língua.

J.: Isto é impossível, só se o cão vir um gato logo quando nasce.

**Maria Augusta:** Não é impossível... exactamente, se forem habituados.

J.: Só se forem criados desde pequenos.

**Maria Augusta:** “Fazer novos amigos.” Vocês acham que eles estão a fazer novos amigos?

R. F.: Que fofinho.

**Maria Augusta:** Sonhos... está a sonhar.

J.: Este aqui está fofinho.

**Mag.:** “Ouvir os mais velhos.”

**Maria Augusta:** Às vezes é preciso. Olha este; “Rir muito.”

J.: Ele não se está a rir, está a preparar-se para atacar!

**Maria Augusta:** Pois, aí é que está a graça, ele (um leão) não se está a rir mas parece.

**Mag.:** “Cantar à sua amada.”

**Maria Augusta:** “Beijar com muito amor.”

**Mag.:** Que fofinhos!

R. F.: Vêm como eles podem ser amigos. (Imagem do gato com as patas nas orelhas do cachorro.)

**Maria Augusta:** “Viver emoções fortes.” “Ser feliz!”

J.: Trabalhou, a tentar andar.

**Maria Augusta:** Pronto...Eu vou pôr o vídeo novamente, para vocês verem novamente e vão registar na folhinha que está por trás, quais são as imagens que gostam mais.

**Mag.:** ...mas tens que deixar mais tempo, se não nós não conseguimos ver bem.

J.: O outro era mais fixe.

**Maria Augusta:** Cada menino escolhe, pode escolher mais do que uma imagem...

**Mag.:** Eu gostei mais do último, estava tão fofinho.

J.: Eu acho que gosto de todos.

**J.:** Posso anotar aqui?

**Maria Augusta:** Podes, escolhes os que tu gostares mais...e depois vais escrever aí o porquê se conseguires perceber porque é que gostas deste. São três cãezinhos iguais, um é diferente, mas contudo são amigos, aceitaram-se. Não foi?

**J.:** O diferente faz mal, enquanto os outros são mansinhos.

**Mag.:** Eu pus assim: três brancos e um cinzento, são fofinhos, amorosos....

**Maria Augusta:** Sim... porque o diferente é diferente, tem atitudes diferentes, mas consegue ser aceite pelos seus colegas, pelos seus amigos.

**J.:** Porque os outros são melhores.

**Maria Augusta:** Não são melhores... são amigos. Ser amigo é isso, é aceitar os amigos com as diferenças deles. Diz Mag....

**Mag.:** Eu pus assim: três brancos e um cinzento.

**Maria Augusta:** Muito bem, são fofinhos. É precisamente isso que eu quero que digam, porque é que escolheram.

**J.:** Estão a cuidar de si próprios.

**Maria Augusta:** Massagens... foram fazer massagens... a gatinha está com a touca na cabeça que quer dizer que arranjou o cabelo e a gatinha massagista está a fazer-lhe massagens. Estão relaxados, faz bem....

Aqui, "Aprender outro idioma." Há bocado a Mag. perguntou-me o que era idioma, é outra língua. Cada país fala uma língua, nós falamos português, em Inglaterra fala-se inglês, em França francês. Ali estão duas línguas representadas, é o "gatês" e o "patês". É? Como é que falam os patos?

**Maria Augusta:** Coitadinho, está com enxaqueca, com os problemas dele ficou com enxaqueca, pôs uma botijinha na cabeça e ficou muito tristonho.

**Mag.:** O que é uma enxaqueca?

**J.:** É uma dor de cabeça muito forte, não é?

**Maria Augusta:** Exactamente, muito forte.

**J.:** É mais forte do que uma dor de cabeça?

**Maria Augusta:** É muito mais, uma dor de cabeça chama-se cefaleia... que com um comprimido passa. Mas a enxaqueca é uma dor de cabeça tão forte que não passa só com um comprimido. Às vezes as pessoas têm que se deitar, têm que apagar as luzes todas, não ouvir barulhos, dormir...

**J.:** Ficar no escuro.

**Maria Augusta:** Exactamente... no escuro, sem ruídos, dormir para a dor passar. Neste caso eu acho que ele só tem uma dorzinha de cabeça por causa dos problemas. E pôs ali uma botijinha de água na cabeça. Porque a cabecinha dele está a trabalhar tanto que está a provocar aquela tristeza. Não acham que ele está triste?

**Mag.:** Sim.

**Maria Augusta:** Triste, desiludido, cansado, não é.

**J.:** Está estafado.

**Maria Augusta:** Estafado, muito bem, completamente estafado, mas é dos problemas, porque ali diz dos problemas. Ele podia estar estafado das brincadeiras, de brincar, mas não, neste caso está estafado com os problemas que tem.

**J.:** Alguém lhe causa muitos problemas ou ele próprio.

**Maria Augusta:** Também pode ser isso... Olhem, deixem ver este, "Esquecer as diferenças". Aqui temos um cãozinho grande, tão fofinho a nanar com um gatinho pequenino, o cão adoptou este gatinho como amigo. Apesar de diferentes, esta imagem ensina-nos que mesmo diferentes, nós podemos ser amigos, só temos que nos aceitar... aceitar as diferenças dos outros.

**J.:** E ao aceitar as diferenças e os outros não aceitam, estamos a ser melhores do que os que não aceitam.

**Maria Augusta:** Precisamente, e acabamos por contribuir para que os outros acabem por mudar de atitude. Não achas?

**J.:** E temos um novo amigo.

**Maria Augusta:** Certíssimo, acabamos por mudar um bocadinho o nosso amigo, não é? Aqui diz: "Namorar mais". Aqui eu acho que já não é para a vossa idade, ou será que vocês já namoram? Há aqui alguém que tenha namorado?

**Mag.:** Eu só gosto de um rapaz da minha sala.

**Mag.:** A M. e o P. já namoram, mas não dão beijinhos na boca, dão beijinhos na cara.

**Maria Augusta:** Exactamente Mag.... é essa a diferença. Namorar em pequenino é gostar muito...

**Mag.:** E a M. deu um chocolate milk ao P. e o P. deu-lhe uma caneta, um colar e uma pulseira.

**Maria Augusta:** Exactamente, também se dão presentes quando se namora...porque fazem o(a) nosso namorado feliz, não é?

**Maria Augusta:** E agora... "Ter bons sonhos", o que te parece?

**J.:** Que não devemos sonhar o mesmo, se não ficamos irritados.

**Maria Augusta:** Tomem nota dos que gostarem mais e depois escrevem porquê. Eu gosto muito deste... porque eu acho que aqui neste gatinho sente-se a paz... a calma, a tranquilidade...este gatinho não deve ter problemas, parece que está ali todo satisfeítissimo a sonhar.

**J.:** Mas não podemos fazer isso!

**Maria Augusta:** E não podemos porquê?

**J.:** Quer dizer, podemos.

**Maria Augusta:** Dormir de forma relaxada?...como este? Está contente com a vida. Não acham que ele está contente com a vida?

**Maf.:** Sim, está.

**Maria Augusta:** E então, se ele não estivesse contente com a vida ele não estava a sonhar assim... e não tinha esta atitude de calma, de paz, de felicidade, de serenidade.

**Maria Augusta:** Estes dois fofinhos estão a dar beijinhos, são muito meiguinhos. A meiguice, o carinho, o amor está ali naquele beijinho, naquele encontro dos dois gatinhos. Não é bonito? Até podem ser irmãos, não importa se aqueles gatinhos são namorado ou namorada... podem ser irmãos que se estão a cumprimentar com um beijinho de amor, porque os irmãos também

têm amor uns pelos outros. Quando falamos em amor, não falamos só em amor de um homem por uma mulher, falamos em amor pelos amigos, pelos irmãos, pelos pais, pelos familiares. Não é?

**Maf.:** Em amizade.

**Maria Augusta:** Também...mas o amor é mais forte que a amizade ainda.

**Maria Augusta:** Esta também está muito bonita, “brincar mais com os amigos” e esta é muito própria para a vossa idade. Vocês devem brincar muito com os vossos amigos, são os vossos parceiros de brincadeiras do dia-a-dia, com quem vocês expressam os vossos sentimentos, a quem vocês manifestam os vossos sentimentos, a quem vocês contam segredos, que às vezes nem aos pais, nem aos professores vocês contam.

**Maf.:** Pois é...

**Maria Augusta:** Agora, J., ele ali está a viver uma grande emoção, ele está perante um perigo eminente... ser caçado. Portanto ele deve estar com o corpo todo alerta, está com dores de barriga, está com os ouvidos atentos, com os olhos bem abertos.

**J.:** Aquilo é praticamente impossível porque a ratoeira é bem maior.

**Maria Augusta:** Vamos olhar este vídeo como uma brincadeira e não uma realidade.

**J.:** De alegria, de divertimento.

**Maria Augusta:** Agora e finalmente, este vídeo tem uma mensagem para vocês... no fundo, no fundo, este vídeo deseja que vocês sejam felizes... façam o que fizerem daquelas coisas todas que aconteceram para trás, o importante é que vocês sejam felizes. A felicidade é um sentimento bom que deveríamos poder sentir pela vida fora, exprimindo-o de várias formas...

**J.:** Aqui, será aceitação, aceitar o outro.

**Maria Augusta:** Sim... e se eles são bonitos, há um sentimento?

**J.:** A beleza.

**Maria Augusta:** Exactamente, muito bem J.

**Maria Augusta:** Gostaria que me relatassem um acontecimento que tenha sido agradável ou desagradável na vossa vida... que já vos tenha acontecido e explicam porquê. Podem pedir a ajuda do pai e da mãe, mas se o quiserem fazer sozinho, melhor...

**Maria Augusta:** Está bem? Podem conversar com o pai, podem conversar com a mãe, podem mostrar, que não há problema nenhum. Uma coisa é certa, aqui neste estudo, só vale aquilo que vocês pensam e aquilo que vocês dizem e não o que os pais pensam ou dizem. Para o meu estudo só vocês valem, vocês são reis e rainhas, príncipes e princesas do meu estudo.... Agora vamo-nos despedir, até para a semana e bom fim-de-semana...

**Maria Augusta:** Vamos baptizar a girafa, vai ficar a nossa mascote.

**Maria Augusta:** “Olá”, vejam as vossas horas e vamos ver se ela sabe as horas. Pensem num nome para dar a esta girafa que ela vai ser a nossa mascote, a mascote do nosso estudo.

**J.:** “Horaia.”

**Maria Augusta:** J...que nome esquisito... uma coisa assim com mais sentimento, talvez...

**Mag.:** Felicidade.

**Maria Augusta:** Felicidade pode ser, é um nome apropriado ao que falamos... Concordam? Ou propõem outro...?

**Todos:** Sim...é giro.

28-02-2009

## 2ª Sessão:

**Maria Augusta:** Na semana passada como foi a primeira sessão, a Gu apresentou-se bem como todos os meninos presentes. Hoje vão se apresentar novamente todos para os que não estiveram, está bem?

**Maria Augusta:** Muito bem, então já estão apresentados, já se conhecem. Agora e antes de ver o filme, a Gu vai falar... vai perguntar aos meninos que estiveram cá na semana passada, de que é que nós falamos? Vocês lembram-se?

**R. F.:** Falamos sobre os sentimentos.

**Maria Augusta:** E ...?

**R. F.:** E emoções.

**Maria Augusta:** E vimos um vídeo sobre animais, cada imagem do vídeo representava animais em determinadas posições e em determinadas situações, revelando sentimentos. Por acaso, os meninos sabem o que são sentimentos? Sabem? Diz lá Mª M. o que é que achas?

**Mª M.:** São coisas que nós temos dentro de nós e que sentimos.

**Maria Augusta:** Diz M.

**M.:** Que sentimos quando se passa alguma coisa connosco.

**Maria Augusta:** Que sentimos, muito bem. Que sentimentos conhecemos? Diz lá, assim que te lembres de momento...?

**R. M.:** Sentimento de alegria, ambição.

**Mª M.:** Amizade.

**B.:** Tristeza.

**Maria Augusta:** Tristeza, exactamente... que é o contrário de alegria. E uma emoção? Vocês sabem o que é uma emoção?

**R. M.:** É algo que sentimos também, mas com mais força...

**Maria Augusta:** Muito bem, que sentimos de maneira muito mais forte. Não é? Quando o sentimento passa a emoção, o nosso corpo reage. De que maneira?

**R. M.:** Pode ser trágica.

**Maria Augusta:** Pode ser trágica e como é que nós ficamos? Cheios de medo, por exemplo. Mais?... Corados, com as pernas a tremer, com a barriga a doer, podemos desmaiar, podemos ficar aflitos, em pânico, pavor, cheios de alegria... Quando estamos cheios de alegria como é que ficamos? Histéricos, hilariantes não são?

**R. M.:** Sim.

**Maria Augusta:** Isso é uma emoção que vem do sentimento de alegria, mas que foi de tal forma elevado e forte, que nos fez ficar eufóricos e histéricos.

**R. M.:** Como uma erupção vulcânica.

**Maria Augusta:** Como uma erupção vulcânica, tal e qual. Portanto, emoções são coisas que nós sentimos, porque nós somos seres humanos e temos a faculdade ou a capacidade de os sentir. Embora os sentimentos sejam ligeiramente menos intensos que as emoções. Os sentimentos sentem-se porque nós nos apercebemos no dia-a-dia das coisas que vemos, das coisas que nos dizem e das coisas com que lidamos. Tudo aquilo... a nossa acção, tudo aquilo que nós fazemos se traduz em sentimentos de alegria, de desprezo, de tristeza, de aborrecimento, de fadiga... De qualquer coisa... que se for explorada ao máximo, se transforma numa dessas emoções mais fortes. Não é? Uma notícia boa ou má traz sempre consigo uma emoção mais forte. Não é? Se for uma notícia que estejamos à espera, ficamos com um sentimento de tristeza ou alegria, satisfação, prazer. Mas se for uma notícia surpresa, boa ou má... pode causar em nós uma emoção igualmente boa ou má mas, mais intensa...

**R. M.:** Que não estávamos à espera.

**R. M.:** Má é pior!

**Maria Augusta:** Má é pior, mas a boa também causa emoção... se for trágica, pior ainda, a emoção é negativa.... Ora bem, foi disto que nós tratamos a semana passada... estivemos a falar sobre sentimentos e sobre o tal vídeo que a Gu passou, que tinha animaizinhos muito interessantes... que estavam em várias situações e que revelavam vários sentimentos. Foi uma forma engraçada de começarmos o trabalho porque o que eu quero mesmo é que vocês falem à vontade... falem sobre sentimentos e emoções e exprimam à vontade aquilo que sentem. Não tenham medo porque esta conversa não vai sair daqui, é só entre nós, é um segredo nosso. Nem que digam coisas que achem que algum adulto pode ficar magoado, ninguém vai saber, porque esta conversa como eu disse, estas sessões de trabalho são só para o meu estudo. Vocês estão aqui a colaborar comigo no meu estudo, estão a ajudar-me. Eu só me vou servir das vossas conversas para fazer o... este estudo, não é para contar a ninguém, nem vou revelar o que vocês disserem. Portanto, podem falar à vontade sobre sentimentos, emoções e sobre coisas vividas por vós. O que eu quero precisamente... e disse na semana passada, é ouvir essas coisas da vossa boca, porque se eu quisesse saber dessas emoções e sentimentos vividos por vós, sem vos ouvir, eu ia entrevistar as vossas mães ou os vossos pais. Não era? Mas eu não quero falar com os vossos pais, quero que sejam vocês a dizerem-me, a contarem-me, a falar. Está bom...? Estejam à vontade...

Então agora vamos ver e ouvir uma história. A história vai ser falada aqui no computador, por isso vão ter que ficar em silêncio para ouvir. Está bem? Vai ser contada, aliás. Vamos voltar atrás à biblioteca e vai aparecer aqui: "O bebé que não gostava de televisão". Ele não gostava de televisão... Porque é que ele não gostaria de ver televisão? Quem imagina?

**R. M.:** Porque se calhar os adultos não metiam os programas que ele queria ou não o compreendiam.

**Maria Augusta:** Se calhar os adultos não põe os programas que ele queria...? Porque normalmente os adultos põem os programas que as crianças querem...?

**R. M.:** Não... metem programas mais para adultos. Por exemplo, o telejornal, os documentários.

**Maria Augusta:** E quando é que vocês podem ver os vossos programas preferidos?

**R. M.:** Ao sábado de manhã, que é quando dá os bonequinhos.

**Maria Augusta:** Ou quando têm outra televisão ou vão para o quarto, é?

**M.:** Ou ao domingo à tarde.

**Maria Augusta:** Então, normalmente são os adultos que escolhem os programas de televisão. É isso que vocês querem dizer?

**M.:** É.

**Maria Augusta:** E seria por isso que ele não gostava de televisão? Estava insatisfeito por não poder ver televisão, porque não queria ver esses programas de adultos...? Então vamos lá ver!!!

### **Visualização do filme: “ O bebê que não gostava de ver televisão”**

Era uma vez um bebê muito bonito que gostava muito do pai e da mãe. Quando adormecia ficava muito feliz, porque tinha sonhos muito bonitos. O bebê só não gostava de uma coisa, ele não gostava de televisão. O bebê apagava sempre a televisão.

O pai e a mãe estavam muito preocupados e decidiram levar o bebê ao médico, depois levaram ao padre e por fim a uma senhora com poderes mágicos. Mas ninguém pôde fazer nada pelo bebê.

Um dia, o bebê deu a mão ao pai, à mãe e apontou para o ecrã cinzento e mudo. Nele, a julgar pelo seu sorriso, estava tudo bem. Num ecrã liso como um espelho estava a família toda reflectida. O pai, a mãe, o bebê. Viva! Viva! Pularam eles de alegria. Afinal o bebê gostava de ver televisão.

Mas gostava ainda mais de ver o pai, a mãe, os dois, lado a lado, a fazerem um carinho ao bebê, a darem atenção ao bebê.

E viveram felizes para sempre.

**Maria Augusta:** Então a história fala de quê?... De um menino que não gostava de ver televisão e como bem vocês disseram antes da história, normalmente são os adultos que escolhem os programas de televisão e não vos dão o direito de escolher. Quando vocês querem ver o que é que têm de fazer?

**M.:** De sair.

**R. M.:** Pedir autorização.

**Maria Augusta:** Ou sair daquele sitio e ir para outro ou esperar que eles acabem aquilo que estão a ver. Neste caso o bebê não gostava da televisão, porquê precisamente?

**R. M.:** Porque ele queria a atenção dos pais.

**Maria Augusta:** Ele queria a atenção dos pais e lá estavam os pais sentados a ver os seus programas, sem prestarem atenção ao bebê que queria brincar, miminhos... Não era?

**M.:** Era.

**Maria Augusta:** Ele também gostava de televisão afinal, não gostava?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** Mas gostava quando?

**R. F.:** Quando os pais lhe davam carinho e atenção.

**Maria Augusta:** Quando os pais lhe davam carinho e estavam sentados a acompanhar o bebê a ver televisão. Ele gostava de ver televisão no fundo... só que gostava era de ver com os pais e gostava que os pais não perdessem tanto tempo com a televisão, decerto...

**Maf.:** Tanto tempo com a televisão e mais tempo com o filho.

**Maria Augusta:** Com o filho, exactamente! Porque o bebê precisava de quê? De atenção....

**R. F.:** Carinho e amor.

**Maria Augusta:** Sentimentos muito importantes para que os meninos cresçam fortes e saudáveis, tanto por fora como por dentro. Agora este menino resolveu tomar uma iniciativa, que foi não deixar os pais verem a televisão. Vocês acham que ele fez bem?

**M.:** Não.

**Maria Augusta:** Não...porquê?

**Mª M.:** Porque primeiro devia falar com os pais e explicar porquê.

**M.:** Só que ele só explica ao fim!

**Maria Augusta:** Só explica ao fim, porquê...teve outra alternativa?

**M.:** Em vez de explicar ele desligava a televisão.

**Maria Augusta:** Vocês acham que se ele tivesse explicado logo de início os pais teriam percebido?

**M.:** Sim.

**R. F.:** Não.

**Maria Augusta:** Não ou sim?

**M. e R. F.:** Sim.

**Maria Augusta:** Alguns pais sim, outros não. É isso que acham...?

**R. M.:** Eles só começaram a perceber quando ele desligava a televisão.

**Maria Augusta:** Exactamente, às vezes as pessoas ou os adultos só compreendem as crianças quando elas tomam determinadas atitudes.

**R. M.:** Esse é o mal dos adultos.

**Maria Augusta:** Este menino aqui teve de tomar uma decisão, tomar uma atitude que mudou o comportamento de quem?

**Maf.:** Dos pais.

**Maria Augusta:** Vocês costumam, no vosso dia-a-dia ou na escola, ter esse poder para tomar decisões?

**M.:** Não.

**Maria Augusta:** Que alterem a vossa vida familiar, a vossa vida escolar...?

**M.:** Não.

**Maria Augusta:** Não têm esse poder... Em casa nunca aconteceu nada que vocês tenham feito ou dito que tenha alterado o modo de estar em família, na escola? Nunca sugeriram nada? Não dão opiniões? Os vossos pais não valorizam as vossas opiniões?

**R. M.:** Às vezes sim.

**Maria Augusta:** Mas valorizam-nas? Praticam-nas?

**R. M.:** Depende dos aspectos que lhes apresentarmos.

**Maria Augusta:** Exactamente R. M... que aspectos por exemplo?

**R. M. :** Se formos convincentes.

**Maria Augusta:** Se forem convincentes, se conseguirem mostrar que é para o vosso bem e que vocês também têm uma palavra a dizer sobre os assuntos ... eles até são capazes de aceitar, compreenderem e perceberem. Se vocês fizerem birras, não têm nada, não conseguem absolutamente nada dos pais. Neste caso, o menino como era pequenino... não era bem uma birra, mas era uma insistência constante em apagar a televisão aos pais. E qual foi a primeira preocupação dos pais?

**R. F.:** Foi achar que o menino estava doente.

**Maria Augusta:** Que estava doente da cabeça... Qual é a primeira preocupação dos pais? É saber se os filhos estão bem fisicamente, de saúde, bem alimentados, bem vestidos.... não é?

**R. M.:** E às vezes não pensam se nós estamos bem por dentro.

**Maria Augusta:** Escutem o que a R. M. disse que é muito importante. Às vezes não pensam se os meninos estão bem por dentro. O que é que quer dizer isso? Se estão bem com os seus próprios sentimentos...?

**R. M.:** E emoções, se temos problemas...

**Maria Augusta:** E às vezes esquecem-se também de tentar perceber se vocês estão bem por dentro... tendo conversas ou formas de vos fazer falar, expressar os vossos sentimentos. Há pais que falam muito bem com os filhos e eles têm à vontade para expressar os seus sentimentos, há outros pais, como o deste menino, que ligam a televisão e esquecem que o filho pode ter uma conversa muito importante para lhes fazer...

**Maf.:** Para dizer.

**R. M.:** Mas pode não ser só por causa da televisão. Por exemplo, há pais que estão sempre ocupados com o trabalho.

**Maria Augusta:** Exactamente, a televisão aqui é um exemplo, pode ser os trabalho... estarem muito ocupados com o trabalho. Mas acham que o estarem ocupados com o trabalho justifica que não tenham tempo para ter uma conversa com os filhos?

**Todos:** Não.

**Maria Augusta:** Não justifica... há sempre tempo, é isso? Tem que haver sempre tempo para que os pais possam estar um bocadinho com os filhos e ouvi-los, porque é aí nessas horas que vocês conversam com os vossos pais... que vocês poderão dizer aquilo que está cá dentro, aprender com eles e receber apoio...

**Maf.:** Por isso pensaram leva-lo ao médico, depois ao padre e depois a uma senhora com poderes mágicos.

**Maria Augusta:** Tipo bruxa... preocuparam-se com todos os aspectos físicos, exteriores e não pensaram nos pensamentos da criança e nos sentimentos da criança. Mas também vocês aprenderam, que como este bebé, vocês têm poder para tomar iniciativas. Não é chegar a casa e dizer eu quero, eu faço e aconteço.... Vocês têm poder porque os meninos são um grupo dentro da sociedade em que vivemos, são um grupo muito especial, sabiam? São um grupo como os adultos e como os idosos. Já pensaram nisso?... Uma sociedade... que não tem cara, é uma coisa que existe... é o conjunto de todas as pessoas que vivem juntas. Numa sociedade, convivem três grupos, três categorias de pessoas: os idosos que são os nossos avós, os adultos que são os vossos pais e as crianças.

**M.:** E os adolescentes.

**Maria Augusta:** Os adolescentes estão entre as crianças e os adultos, até terem 18 anos continuam a ser crianças, a pertencer ao um grupo; a Infância. Logo se vocês pertencem às três categorias de gerações de uma sociedade...

**R. M.:** Porque sem nós não há adultos, porque depois nós temos de crescer.

**Maria Augusta:** Logicamente R. M., sem vós não há adultos, exactamente. E sem adultos não há o quê?

**R. M.:** Idosos.

**Maria Augusta:** E sem idosos?

**R. M.:** Não há mortos na cova.

**Maria Augusta:** Mas sem adultos? Os adultos, na vida adulta, depois de casarem têm filhos.

**B.:** Sem adultos não há filhos.

**Maria Augusta:** Portanto a criança acaba por ser o pai das outras gerações, sem crianças não há outras gerações. Vocês têm tanto poder e têm tanto direito a reclamar o vosso estatuto social, uma posição com direitos dentro da sociedade em que vivem.... Vocês sabem que há os Direitos das Crianças que foram proclamados para vos proteger...?

**R. M.:** Mas só a partir dos 18 anos é que podemos escolher alguns direitos.

**Maria Augusta:** A partir dos 18 anos tens a maioridade, és um adulto e tens outros direitos e deveres, mas até aos 18 anos estás protegida pelos Direitos da Criança.

**Mª M.:** Eu sei dois.

**Maria Augusta:** São direitos que abrangem todos os meninos, em todo o mundo. Mas na próxima sessão eu vou vos mostrar um filme para vocês verem meninos muito diferentes de vocês. Vocês vão ver se esses meninos têm de facto esses direitos... se têm poder para intervir, participar na sociedade como vocês ainda vão tendo algum... como este menino teve. Eles vivem em situações muito diferentes das vossas. Agora, voltando a este bebé... acabou por falar num assunto muito importante que é a família e como nós sabemos, hoje as famílias são muito diferentes do que eram antigamente. O que é uma família? É um pai, uma mãe e um filho.

**R. M.:** Já não há família tradicional.

**Maria Augusta:** O que era uma família tradicional? Era aquela família alargada, que tinha avós que viviam junto...?

**R. M.:** Com os avós, com os tios...

**Maria Augusta:** Mais a cunhada, mais o cunhado, mais o tio, mais os primos. Agora as famílias tornaram-se pequeninas; é o pai, a mãe e o filho.

**M.:** Ou a filha.

**Maria Augusta:** Muito bem. Às vezes têm um filho, às vezes têm dois ou três, o número de filhos que o casal entender.

**B.:** Doze.

**Maria Augusta:** Mas para ser família há sempre um filho, pelo menos um, que era o caso desta criança.

**M.:** A minha avó já teve doze filhos.

**B.:** Seis filhos e seis filhas.

**Maria Augusta:** A tua avó juntando os netos, os filhos e os genros, tem uma família muito grande, mas não vivem todos juntos, não é? Hoje em dia uma família é chamada de nuclear, porque é uma família com pai, mãe e filhos apenas. Hoje em dia as famílias são diferentes. Porquê? Quem me sabe dizer porque é que as famílias são diferentes?

**R. M.:** Porque namoram dois meses e já se casam, não se conhecem o suficiente para serem unidos pelo casamento.

**Maria Augusta:** Sim...? E depois o que é que acontece?

**R. M.:** Eu estou a dizer que há pessoas que não pensam nas consequências que vão sofrer no futuro e depois separam-se.

**Maria Augusta:** Há pessoas que não se casam nem na igreja, nem no civil e vivem juntos, é uma forma de família também....

**Mª M.:** Eu tenho um tio que não se casou, vai ter um filho e não se quer casar.

**Maria Augusta:** Outro tipo de família é dois namorados terem um filho e nunca chegarem a casar.

**R. M.:** Casar na adolescência, há raparigas que têm filhos com catorze/quinze anos e depois os pais adolescentes deixam-nas e vão-se embora.

**Maria Augusta:** É um problema muito grande que está a acontecer agora... as meninas adolescentes acabam por ter filhos, acabam por casar adolescentes... muito novas, sem responsabilidade para o casamento.

**M.:** E os pais dessas adolescentes?

**Maria Augusta:** Os pais dessas adolescentes muitas vezes consentem, deixam-nas viver as vidas delas...só que elas ainda estão imaturas, os namorados também e cedo se divorciam, se separam.

**R. M.:** Mas a cultura cigana é mesmo assim, aos quinze anos eles casam.

**Maria Augusta:** Exactamente, temos aqui um problema cultural, cultura cigana. Na cultura cigana não é impedimento casar cedo... porque cedo casam, assumem os filhos e cedo assumem o matrimónio, mas aí é uma questão cultural. Eles sabem que na cultura deles, daquela etnia que é um grupo específico e diferente de nós, praticam estas e aquelas normas.

**R. M.:** Nós também temos cultura.

**Maria Augusta:** Toda a sociedade tem uma cultura, dentro de cada sociedade há vários grupos ou etnias ou raças, que têm a sua especificidade cultural de nascença. No caso dos ciganos eles têm uma cultura muito específica, eles moram aqui connosco, mas eles não praticam as mesmas crenças, os mesmos valores, as mesmas atitudes do que nós.

**R. M.:** São uma espécie de famílias ambulantes. Eles vão à igreja de noite e nós vamos de dia.

**Maria Augusta:** Eles têm uma cultura muito própria, no caso do casamento é isso e não só... Agora aonde eu queria chegar era a famílias que não são constituídas por pai, mãe e filhos...

**R. M.:** Há famílias que são só os avós e as netas.

**Maria Augusta:** Há famílias em que os pais se separam .... às vezes os filhos são entregues aos avós...ou a um dos pais...

**R. M.:** Aos tutores.

**Maf.:** Aos avós.

**Mª M.:** A uma menina lá da escola de sete anos aconteceu-lhe isso, o pai foi para a França e a mãe para a Suíça. O pai não a vem visitar nem a mãe e ela ficou com a avó.

**R.M.:** Eu tenho uma amiga na minha turma que tem uma irmã e os pais separaram-se muito cedo quando ela tinha cinco anos e a irmã tinha acabado de nascer, logo como os pais não quiseram saber delas, quem ficou encarregue delas foram os avós, que foram os únicos que quiseram ficar com elas.

**Maria Augusta:** Que as criaram... foram como pais para elas. Portanto já estamos a perceber que há famílias desestruturadas, o que quer dizer que não têm aquela estrutura normal de uma família: pai, mãe e filho, nem funcionam como todas as outras, ou a maioria delas... Há famílias sem pai, quando as famílias se separam, ou sem mãe. Quando as famílias se separam, o filho fica a viver com a mãe, o pai sai de casa. Quando os filhos ficam a viver com o pai, sai a mãe de casa e há famílias sem pai ou sem mãe, se um ou outro falecer. Também há famílias sem pai ou sem mãe se um ou outro abandonar o lar, porque há pessoas que abandonam o lar, vão-se embora e ninguém sabe mais delas. Portanto há famílias monoparentais, estas famílias chamam-se assim, quer dizer que os meninos vivem só com um dos pais.

**B.:** A minha tia separou-se e foi ela que ficou com as duas filhas.

**Maria Augusta:** Com as duas filhas... é uma família monoparental. A família da Mag. também é uma família monoparental...a Mag. também vive só com a mãe, não é Mag.?

**Maf.:** E com o irmão.

**Maria Augusta:** Neste caso não houve a separação, houve o falecimento do pai da Mag., a perda do pai da Mag. é que provocou a mudança na estrutura familiar da Mag.. Ainda há outras famílias... estamos nesta situação de uma família monoparental, em que se separaram... em que alguém faleceu, em que um dos pais abandonou o lar...que se divorciaram, mas o que fica ou o outro que foi embora ainda pode voltar a casar. Faz outra família recomposta... às vezes com os filhos que eles já têm. Três tipos de famílias: família nuclear, família monoparental e a família recomposta....

**B.:** O meu colega tem uma meia-irmã. O pai e a mãe separaram-se, o pai casou e teve outra filha.

**Maria Augusta:** Exactamente, é o exemplo que o B. está a dar, é uma família recomposta. O primeiro casamento acabou, mas houve um segundo casamento do qual também houve filhos. Diz M....

**M.:** Recomposta é o quê?

**Maria Augusta:** Recomposta quer dizer que voltou a compor-se, voltou a formar-se uma família a partir da família monoparental, que tinha só um pai ou que tinha só uma mãe...casando novamente. Diz MªM....

**Mª M.:** A afilhada de casamento da minha mãe casou duas vezes porque a primeira vez casou-se mas depois separou-se antes de ter filhos. Agora casou-se outra vez e tem um filho e vai ter uma filha.

**Maria Augusta:** Precisamente...neste caso não foi bem uma recomposição da família porque não havia filhos dos dois lados, houve dois casamentos.

**R. M.:** E uma separação.

**Maria Augusta:** Ora bem, chegamos ao ponto da família... agora para terminarmos a nossa sessão, eu vou vos dar uma folhinha....

**R. M.:** Já vamos terminar?

**Maria Augusta:** Estão a gostar?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** Ótimo! Fico feliz por isso! Gostam de conversar sobre estas coisas?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** Eu também gosto muito porque é interessante falar convosco sobre estas coisas... eu só não vos quero aborrecer. Se vocês virem que querem ficar mais tempo, começamos a vir mais cedo um quarto de hora e conversamos mais... Agora o que é que eu vos vou pedir? Nós falámos sobre a família... nós falámos sobre os tipos de família que hoje em dia existem na sociedade, nós até falamos de cultura, de sociedade... Cada sociedade, país, tem a sua cultura e dentro de cada cultura há grupos específicos com sub- culturas... outras culturas diferenciadas... que é o caso dos ciganos de que já falamos.

**R. M.:** A raça negra também tem culturas diferentes.

**Maria Augusta:** De pessoa distintas... dos países de Leste por exemplo, também têm uma cultura diferente da nossa. Mas nós integramo-nos todos e convivemos todos. Agora voltando ao assunto principal...falamos neste bebé que tomou uma decisão muito importante na vida dele, que foi fechar naquele dia, ... desligar a televisão aos pais para fazer-lhes ver que ele existia, não só fisicamente.

**R. M.:** Foi a única forma que tinha para expressar os sentimentos que tinha.

**Maria Augusta:** Exactamente, foi a única forma que ele encontrou para fazer notar a falta que ele tinha do carinho dos pais. O que quer dizer que quando as crianças não se sentem bem na situação em que estão devem participar, falando, sugerindo, provocando alterações à vossa vida através dos pais, na escola, mostrando como gostariam de ser tratados e como gostariam de participar na vida da sociedade em geral. Então, já que estamos a falar da família, agora cada um de vós vai caracterizar a vossa família.

**M.:** O que é caracterizar?

**Maria Augusta:** É mostrar, dizer, contar como é a vossa família.

**B.:** Podemos fazer um desenho contando isso?

**Maria Augusta:** Queres fazer um desenho e por baixo uma legenda?

**B.:** Sim.

**Maria Augusta:** Podem fazer um desenho, se quiserem escrevam...que é mais rápido. Como entenderem. Eu só quero perceber através dos vossos registos como é a vossa família. Está bem?

**M.:** Ainda não percebi o que é caracterizar?

**Maria Augusta:** Caracterizar é dizer se é uma família grande, pequena, se vivem todos juntos, unida... mesmo que separada, se ela vos dá muito carinho, pouco carinho, muita atenção ou não....

**Maf.:** Fazemos agora ou levamos para casa?

**Maria Augusta:** Podem começar agora.

**Mag.:** Também podemos pôr como eles têm o cabelo e os olhos?

**Maria Augusta:** Podes fazer como quiseres... é a descrição da família globalmente.

**Mag.:** Mas de quem?

**Maria Augusta:** Da tua família toda Mag....com quem vives. Depois queria que também dessem a opinião sobre a atitude do menino.

**R. M.:** Podemos começar pela família?

**Maria Augusta:** Comecem pela vossa família, o que vocês acham que está bem e o que está mal na vossa família ou nas famílias que vocês conhecem se não quiserem falar na vossa. Depois vão dizer o que acharam de importante na atitude deste menino. Está bem E.? Começa a caracterizar a tua família, como é que ela é, podes dizer que tem x pessoas, se são mais velhos, que idades têm...

**Mª M.:** É a família toda?

**M.:** Mas eu não sei a idade deles!

**Maria Augusta:** Família nuclear M.... Estamos a falar de quê? Mãe, pai e filhos. É esta a família que nós estamos a falar neste momento, se não souberes a idade não faz mal porque eu sei que os teus pais são mais velhos do que tu... pões só a tua idade.

**M.:** Eu sei, só não sei se a minha mãe tem 30 ou 31.

**Maria Augusta:** Também não faz mal, eu sei que ela é mais velha, se não, ...não podia ser tua mãe. O que importa é que tu caracterizes a tua mãe e o teu pai da forma que tu entenderes expressando sentimentos. Conseguem?

**Mª M.:** Eu consigo.

**Maria Augusta:** Muito bem, é isso que eu quero. Mais do que um retrato físico da vossa família, eu quero um retrato psicológico, como eles são como pessoas... que vocês expressem sentimentos em relação à vossa família.

**Mag.:** Eu vou fazer aqui uma linha e escrever.

**Maria Augusta:** Podem escolher a forma que quiserem para fazer isso. Está bem? Escrito ou desenhado, o que eu gostaria de saber é como é a vossa família, como é que vocês sentem a vossa família.

**M.:** Mas se for desenhado depois também tem de ser escrito.

**Maria Augusta:** Exacto, desenhavas e depois escreves sobre a tua família o que sentes.

**Mª M.:** Eu estou a fazer por legendas.

**Maria Augusta:** Está bem.

**M.:** Eu não.

**Maria Augusta:** O que sentes, o que é ela para ti...que representa na tua vida, quem são...

**M.:** Posso afiar o lápis?

**Maria Augusta:** Podes. Que sentimentos vivem dentro da família, que coisas gostariam de mudar se houvesse a oportunidade de mudar algo na tua família. Tudo o que falamos sobre a família, vocês podem escrever à vontade... Depois vão falar da atitude do bebé da história, se concordam ou não concordam e porquê.

**Mag.:** A mãe, o pai e o mano são todos C.

**Maria Augusta:** Basta pões mãe e as pessoas que são da tua família... Está bem amores? Perceberam?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** Escrevam à vontade, expressem os vossos sentimentos, que uma coisa é certa, eu não vou contar a ninguém o que vocês escreveram e muito menos mostrar aos adultos, sejam eles os vossos pais ou outros. Ninguém, isso é só para mim, para o meu trabalho...

**Mag.:** Agora não sei o que vou escrever.

**Maria Augusta:** Não queres desenhar?

**Mag.:** Não.

**Maria Augusta:** Então em cada quadrado escreve o que pensas da tua família, da mãe, do mano, escreve quem são membros da tua família... Muito bem, vamos pôr estas cabecinhas a pensar.

**M.:** Nós podemos dizer só quantos anos eles tem?

**Maria Augusta:** Não é preciso, fala-me da tua família.

**M.:** Mas também podemos escrever quantos anos eles têm, como se chamam. Ou não?

**Maria Augusta:** Se quiseres... mas quero que me fales da tua família como família, como te sentes em família, que sentimentos e que emoções abundam na tua família ou acontecem na tua família, que tu gostes, que tu não gostes...

**M.:** Mas se nós quisermos podemos escrever?

**Maria Augusta:** Sim ou de outras famílias. Falas da tua família e dizes qualquer coisa sobre a tua família, se souberes de algum dado interessante de outras famílias também podes contar. Diz MªM....

**Mª M.:** Podes vir aqui por favor? Eu fiz assim, estou a contar uma história.

**Maria Augusta:** Muito bem, podes fazer uma história. A Mª M. está a fazer uma história sobre o que no fundo é a família dela. Exactamente, construiu uma história a partir do tema da família, da sua própria família. Exacto Mag., uma coisa sobre cada um. ...

**M.:** Não consigo escrever.

**Maria Augusta:** Já fizeste a família: pai, mãe e filha. Agora escreve a minha família.... o meu pai... e o meu irmão... Eu não vos posso dizer o que vão escrever sobre a vossa família... ela é vossa e só vocês é que sentem e que sabem o que sentem quando estão em família com eles. Não se esqueçam de pôr a data no fim da página e o vosso nome, só para eu saber quem fez, mais ninguém vai saber.

**Maria Augusta:** Esse trabalho queria que vocês o fizessem, me deixassem e levavam para casa o outro trabalho... pensar na atitude do menino, dizer o que acham sobre a atitude do menino.

**Maf.:** O que achamos do menino?

**Maria Augusta:** Da atitude do menino... O que é que vocês no vosso lugar podiam propor para ser mudado tanto na família, como na escola, por exemplo...

**R. M.:** Na escola é um bocado difícil!

**Maria Augusta:** No geral, está bem? Então eu vou escrever aqui para os meninos que não fizeram.... propostas de atitudes ou ideias das crianças para mudar os comportamentos dos adultos, vamos falar dos adultos em geral, não quer dizer que seja só dos vossos pais, não estamos só aqui a falar dos vossos pais, estamos a falar dos adultos em geral...

**Maria Augusta:** Então até para a semana... e vão pensar na atitude deste menino. Até para a semana.

07-03-2009

### **3ª Sessão:**

**Maria Augusta:** Bom dia a todos. Ora bem, já todos se conhecem não é verdade? O J. não conhece toda a gente... Vamos começar aqui por este lado.

**B.:** Outra vez!

**Maria Augusta:** O J. não vos conhece!

**Maria Augusta:** Esta girafinha foi uma girafa que foi fotografada ou que foi inventada ou é um desenho animado, puseram-lhe aquelas palavrinhas e puseram-na a funcionar de forma que ela está sintonizada com o relógio do computador.

**J.:** Ainda não lhe demos o nome!

**Mag.:** Eu já dei.

**R. F.:** Pois já, foi Felicidade.

**Maria Augusta:** Foi Felicidade, mais ninguém deu outro nome, se não houver outras propostas pode se chamar Felicidade. Porque não?

**R. M.:** A girafa?

**R. F.:** Sim.

**Mag.:** Porque ela está feliz, está a falar connosco.

**(Nota: Visualização do vídeo da girafa.)**

**Mag.:** Olha que linda.

**R. F.:** Está certo.

**Maria Augusta:** Ela sabe que nós estamos aqui a trabalhar.

**Maria Augusta:** “Um bom dia. E adeus.” Ela vai-se embora e nós vamos trabalhar.

**J.:** Qual é o tema que vamos abordar hoje?

**Maria Augusta:** O tema é o mesmo, sentimentos e emoções, mas através de vários assuntos...

**R. M.:** É sempre sentimentos e emoções.

**Maria Augusta:** Vou procurar: “Pela paz no mundo inteiro”...

**R. M.:** Vamos ver algum vídeo hoje?

**Maria Augusta:** Vamos... O J. esteve na primeira sessão, aquelas meninas não estiveram. O J. não veio à segunda sessão e aquelas meninas estiveram. Na primeira semana falamos do que eram sentimentos e emoções, porque diariamente vocês convivem com os vossos sentimentos, as vossas emoções e também com os das outras pessoas. Na semana passada, o que é que nós fizemos? Eu contei uma história, contei não, mostrei uma história. A história

chamava-se “O bebé que não gostava de ver televisão”. Era o menino que não gostava de ver televisão. Então o que é que ele fez? Digam lá ao J.. Sempre que via os pais...

**Mag.:** Desligava a televisão porque ele queria amor e carinho dos pais.

**B.:** Eles estavam sempre na televisão.

**Maria Augusta:** Os pais estavam sempre sentados no sofá a ver televisão e o menino andava de um lado para o outro sem atenção deles. Um dia resolveu desligar a televisão....

**B.:** E desligou.

**Maria Augusta:** O que é que os pais pensaram primeiro?

**B.:** Que ele estava doente.

**Maria Augusta:** Que estava doente e tinha de ir ao médico, alguma coisa se passava com ele.

**Maf.:** Levaram-no ao médico e levaram a um padre.

**Maria Augusta:** A tantos sítios para ver se o curavam e no fim descobriram...

**Maf.:** Que ele queria era amor e carinho.

**Maria Augusta:** O menino queria a atenção dos pais... que eles não estivessem sempre a ver televisão, que reparassem que ele estava ali presente... necessitava de amor e carinho, de falar e ser ouvido.

**B.:** Depois desligou a televisão e no ecrã reflectiu-se a cara deles os três.

**Maria Augusta:** Precisamente, quando ele desliga a televisão e aparece no ecrã a família, os pais olharam para lá e perceberam que o que o filho queria... era que lhe dessem atenção e que fossem uma família. Uma família é mesmo assim, dar atenção uns aos outros e dar sobretudo atenção aos filhos... não só no aspecto de tratar bem deles, de lhes dar de comer, roupa, mas também no sentido de os ouvir, de ouvir o que os filhos, as crianças têm para dizer. Isto passava-se numa família, que penso eu, devia ser uma família normal como as nossas. Não é?

**B.:** Sim.

**Maria Augusta:** Sem privações, sem fome, sem guerras, sem grandes dificuldades... era um menino que devia viver bem como a maior parte de nós, só lhe faltava aquilo; atenção, carinho, amor. Agora, vou-vos mostrar um mundo totalmente diferente.

**R. M:** Mas é agora em pleno século XXI ou em tempo do Hitler?

**Maria Augusta:** Não, é em pleno século XXI. Vou vos mostrar agora um vídeo que mostra como crianças como vocês no Ocidente, nos países do Ocidente, em Portugal, França, Espanha, Alemanha, Bélgica, Itália... vivem relativamente bem. Vivem bem no sentido de terem cuidados de higiene, cuidados de alimentação, cuidados disto, cuidados daquilo... Podendo por vezes não ter aquela atenção que o menino queria e podendo nem sempre ser ouvidos como vocês gostariam de ser ouvidos pelos pais, mas ainda assim há meninos que vivem noutras realidades completamente diferentes. Não vos passa se calhar pela cabeça, que esses meninos tenham uma infância totalmente diferente da vossa. Vocês vão chegar à conclusão que há crianças diferentes de vocês, em contextos de vida diferentes, não é no aspecto de ser criança. Criança é sempre uma criança, tem uma idade, tem uma estatura, tem um sexo, pertence a uma classe social, pertence a uma raça, pertence a um país, estas são características de uma criança... As crianças diferem pelas experiências de vida que têm, quem tem determinada experiência de vida terá necessariamente um caminho diferente de outras... a percorrer até chegar a ser adulto. Têm vivências que os tornam diferentes uns dos outros, estes meninos têm uma vivência tão distante da vossa...Primeiro vou vos mostrar os meninos

lindos, amorosos, que vocês foram quando eram pequeninos e que nós temos em casa, os nossos primos, os nossos sobrinhos... Gostam de crianças? É o título deste vídeo.

**Todos:** Sim.

**Mag.:** Eu adoro bebês.

**(Nota: Visualização do vídeo: “Pela paz no mundo inteiro”).**

**Maria Augusta:** Olhem, não são amorosas?

**Maf.:** Que fofa!

**Maria Augusta:** Gordinho, chinesinho. Olhem este que lindo.

**J.:** Está a brincar com o gato!

**Maf.:** O gato é que está a brincar com ele.

**Mag.:** Ele nem se queixa!

**Maria Augusta:** Que bonitos estes também. Acham que estas crianças estão felizes?

**Todos:** Sim

**Maria Augusta:** Sim, estão felizes. Sabem o que me parece o rabinho deles? Os ovinhos de chocolate da Páscoa....

**Mag.:** O segundo do lado da Mª M. parece que está a dançar ballet.

**Maria Augusta:** Mas estes meninos têm aspecto de serem bem tratados ou mal tratados?

**Todos:** Bem tratados.

**Maria Augusta:** São meninos como vocês, têm uma infância feliz. Olha este a brincar com os cãezinhos... São meninos com família, com ambiente familiar estável, casa, escola, amigos, com amor, com carinho, bem tratados....

**J.:** Você está a falar dos cães ou dos miúdos?

**Maria Augusta:** Dos meninos... olha este tão contente, tão feliz. “São amorosas”?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** “Sim e doces também. Têm alguma ideia que também há outras crianças?” Têm?

**J.:** Claro.

**Maria Augusta:** Algures no planeta chamado Terra? Que não vivem desta forma...?

**J.:** Nós não vivemos no planeta Marte!

**Maria Augusta:** Olhem este menino... este menino vive num país onde há guerra.

**Mª M.:** É um menino ou uma menina?

**Maria Augusta:** É um menino.

**J.:** Isso não é uma granada?

**Maria Augusta:** Sim...parece... este menino traz uma granada com ele.

**J.:** É maluco!

**Maria Augusta:** Ele não é maluco... ele vive neste mundo J.. Ele vive num mundo em que os adultos consentem que ele traga uma granada na mão.

**M.:** Ai coitado!

**J.:** E se ele deixar cair?

**Maria Augusta:** Este menino está a chorar... vive num país em guerra. Porque é que ele está a chorar?

**M.:** Está assustado com a pistola.

**Maria Augusta:** Com a presença de uma espingarda, de uma metralhadora...

**B.:** Mas não está apontada para ele!

**Maria Augusta:** Está apontada para o chão. Mas ele está assustado na mesma... Sabem porquê? Eu vejo aqui sacos e acho que por causa da guerra este menino vai ter que mudar de país, os pais vão fugir deste país porque ele está em guerra... O que quer dizer que enquanto nós vivemos na nossa casa sossegadinhos, há meninos que têm de viver escondidos, fugindo, morrendo de medo...

**R. M.:** Que têm de viver escondidos por causa da guerra.

**Maria Augusta:** E a fugir por causa da guerra. Quem faz a guerra? São os meninos?

**Todos:** Não.

**B.:** São os adultos.

**Maria Augusta:** Este menino está a chorar também... porquê será?

**J.:** Por causa da guerra.

**B.:** Está a ser muito mal tratado!

**Maria Augusta:** Ou se calhar alguém morreu ali.

**M.:** Ou porque tem fome.

**B.:** Houve explosão!

**Maria Augusta:** Houve explosão, houve bombardeamentos... o menino está super assustado ou está a sofrer porque alguma coisa de grave aconteceu realmente.

**J.:** Olha isto aqui está cheio de tiros à volta!

**Maria Augusta:** Este menino deve estar na casa dele... reparem como a casa está...

**B.:** Cheia de buracos!

**Maria Augusta:** Cheia de buracos de balas. Estes meninos vivem nestes países atormentados pela guerra...

**J.:** Se ele deixasse cair aqui uma granada que estivesse activada!

**Maria Augusta:** Olhem o mesmo menino e a cidade onde ele mora. Conhecem uma cidade assim?

**Todos:** Não.

**Maria Augusta:** Vocês reconheciam a cidade de Braga assim?

**Todos:** Não.

**J.:** A nossa está muito melhor!

**Maria Augusta:** A nossa é uma cidade em paz.

**Mª M.:** Não há guerras.

**Maria Augusta:** Não há destruição... esta cidade está completamente destruída. Quem vive nesta cidade com que sentimentos vive?

**B.:** Tristeza.

**J.:** Assustado.

**B.:** Destruída.

**R. M.:** Pânico.

**Maf.:** Medo.

**Maria Augusta:** E infelicidade? O menino foi visitar a sua casa... como ficou a sua casa depois do bombardeamento?

**B.:** Destruída.

**Maria Augusta:** Está destruída, o que quer dizer que tudo o que ele tinha de bom e confortável dentro de casa...

**B.:** Não tem.

**J.:** Foi-se à vida, destruiu-se.

**Maria Augusta:** Este menino está na frente do pai... estão em oração, mas o pai está a chorar... alguma coisa de grave se passou.

**Mag.:** Devia ter sido a mãe que morreu.

**Maria Augusta:** Exactamente... pode ter sido a mãe que morreu na guerra.

**Mª M.:** Ou o pai dele ou a mãe dele.

**Maria Augusta:** O pai deve ser este porque ele está encostado ao menino.

**Mª M.:** Não... o pai dele.

**Maria Augusta:** Também podia ter sido o avô do menino ou a avó... não é?

**B.:** Ou outro filho.

**Maria Augusta:** Exacto, mas o menino também está muito triste e muito sério.

**M.:** Porque é que aí não diz quem morreu?

**Maria Augusta:** Aqui não diz porque... isto são só imagens para nós reflectirmos e pensarmos. Este menino o que é que está a fazer?

**Mª M.:** Está a empurrar o vidro porque pode estar trancado.

**J.:** Tem uma bala no vidro.

**Maria Augusta:** Não parece estar a empurrar o vidro do carro... o menino está apenas com a mão no vidro. Aqui este buraco no vidro não percebo se foi uma bala!

**J.:** Deve ter sido!

**Maria Augusta:** O que eu entendo desta fotografia é que o menino está a partir de algum lado que o está a deixar muito triste. A mãozinha parece estar a dizer adeus... Não acham?

**J.:** Mas aquilo deve ser uma bala.

**Maria Augusta:** Se é uma bala J., está a fugir da cidade porque a cidade está a ser bombardeada. Se não é uma bala, ele está a sair da terra natal dele por outro motivo, por exemplo...

**J.:** Porque se calhar alguém vai causar guerra.

**B.:** Ou já chegou.

**Maria Augusta:** Porque a guerra pode estar a chegar ou porque alguma coisa aconteceu na família que o faz partir. O que é que pode ter acontecido na família?

**Mª M.:** Alguém morreu.

**Maria Augusta:** Alguém morrer, claro!

**Mª M.:** Isto também pode ser o puxador do vidro.

**Maria Augusta:** Também pode ser o puxador do vidro... Mas este menino está feliz?

**Todos:** Não.

**J.:** Está triste como tudo.

**Maria Augusta:** Está triste... nota-se que ele está triste e com ele está outra pessoa, ele não está sozinho.

**Mag.:** Deve ser irmã ou irmão.

**M.:** Eu acho que é mais um irmão.

**Maria Augusta:** Esta menina que vive naqueles países do Oriente... o que é que ela está a fazer?

**J.:** O meu pai foi a Marrocos.

**Mª M.:** Está a tomar conta do irmão.

**Maria Augusta:** Está a tomar conta do irmão.

**J.:** Porque os pais morreram.

**Maria Augusta:** Ela tem a vossa idade e está a tomar conta do irmão, porque provavelmente os pais morreram...ou porque ela tem de ajudar a família tratando dos irmãos enquanto os pais trabalham...

**Mag.:** Aqueles dois meninos podem ser amigos dela e estão lá a viver para ajudar a cuidar do irmão porque os pais podem estar na guerra.

**Maria Augusta:** Esta fotografia pode querer dizer que estes meninos ficaram órfãos...ou estão sós muito tempo, muitas vezes...

**M.:** O que quer dizer isso?

**Maria Augusta:** Que ficaram sem pai ou sem mãe por causa da guerra e estão à espera que alguém os ajude....

**B.:** Que alguém os adopte para ter outra família.

**Maria Augusta:** À espera que alguma organização, a UNICEF os ajude por exemplo. Enquanto isso, quem toma conta deles?

**Maf.:** A irmã.

**Maria Augusta:** A irmã mais velha que é uma criança como vocês... mas tem que assumir um papel de adulto responsável.

**M.:** Mas imagina que os nossos pais morrem e se só somos nós!

**Mª M.:** Se formos o único filho.

**R. M.:** Nesse caso os teus avós tomam conta de ti.

**Maria Augusta:** Tu vives uma situação diferente daquela, aqueles meninos podem não ter mais ninguém no mundo a não ser o pai, a mãe e os avós. Os familiares até já podiam ter falecido com a guerra, esta menina tem de tomar conta dos irmãos por qualquer motivo, e há dois possíveis... enquanto os pais trabalham ela é a mais velha e tem de tomar conta dos irmãos, não tem direito a brincar como vós, não tem uma infância para brincar como vós, ou ficaram órfãos e ela tem que assumir esta responsabilidade. Este menino ou menina sofreu um naufrágio.

**M.:** O que é isso?

**B.:** Pois bem me parecia!

**Maria Augusta:** Não é um naufrágio, é uma inundação...

**Mª M.:** Um tsunami.

**Maria Augusta:** Está quase a afogar... está ali agarrado a um pau à espera de ajuda.

**Mag.:** Parece que tem a mão preta, que tem alguma coisa.

**Maria Augusta:** "Acham que são diferentes de vocês?"

**Todos:** Sim.

**J.:** Claro.

**Maria Augusta:** Muito, não são? "Não, claro que não são." A imagem que eles têm do mundo é esta, é a mesma imagem que vocês pensam. Apesar de serem meninos que vivem em contextos diferentes, os meninos pensam como vós, pensam num mundo feliz, num mundo cor-de-rosa, num mundo de amizade, num mundo de brincadeira.

**Mª M.:** Cor-de-rosa ou verde?

**Maria Augusta:** Pensam na amizade, no amor, no carinho, na felicidade...  
"Pensam diferente?"

**Todos:** Sim.

**Mª M.:** Claro que pensam! “Algumas pensam qual vai ser o sabor do gelado que vão comer ao jantar.”

**Maria Augusta:** Algumas crianças...por exemplo vocês, podem pensar que gelados vão comer ao jantar, que sobremesa hoje vou ter... enquanto outras crianças, como estas não podem...têm de sobreviver...

**Maf.:** Não podem pensar assim.

**Maria Augusta:** Sabem porquê?

**R.M.:** Porque não sabem se vão ter comida para o jantar.

**Maria Augusta:** Exacto; “Mas essas crianças só pensam numa coisa: sobreviver.” Agora vou-vos mostrar crianças a comer migalhinhas, a comerem restos de comida que encontraram para sobreviver. Esta menina vive num país de miséria, de guerra...

**Mª M.:** Coitada.

**Maria Augusta:** “São diferentes? Porquê e como?” “À memória de Sérgio Vieira de Melo, pela paz no mundo inteiro.” Sérgio Vieira de Melo foi um senhor que trabalhou na ONU, que foi embaixador da paz no mundo e preocupou-se muito com estas crianças desfavorecidas, que viviam nestas situações miseráveis.

**Mª M.:** E deu a vida por eles.

**Maria Augusta:** Ele morreu num bombardeamento no sítio onde ele estava a trabalhar, o edifício onde ele estava foi bombardeado e ele faleceu...enquanto trabalhava para o bem destes meninos pobres.

**R. M.:** Há um filme que aborda este tema: “Amor sem fronteiras”.

**Maria Augusta:** Ora bem, nós agora vamos falar e vamos pensar...O que é que vocês pensaram do vídeo de hoje?

**Mª M.:** Eu achei interessante.

**Maria Augusta:** Porquê MªM.?

**Mª M.:** Porque dá para nos mostrar que às vezes não somos só nós que às vezes podemos estar tristes.

**Maria Augusta:** Exactamente, os sentimentos são inerentes a todas as pessoas, todas as pessoas tem sentimentos.

**Mª M.:** E emoções.

**Maria Augusta:** Às vezes pensamos que estamos tristes, mas há quem esteja mais tristes do que nós. E tu B.?

**B.:** Eu acho que é importante saber estas coisas.

**Maria Augusta:** Achas que vai mudar em ti alguma coisa?

**B.:** Não sei.

**Maria Augusta:** Não sabes agora... mas se calhar quando fores grande...

**B.:** Sim.

**Maria Augusta:** Mas pelo menos tens a consciência que há meninos que vivem infelizes.

**B.:** Sem condições.

**M.:** Pessoas que não têm nem pai nem mãe!

**B.:** Nem família e vivem em guerra.

**Maria Augusta:** Vivem com fome, não têm condições de higiene, não têm casa, não têm nada... Sofrem!!! M. o que tens a dizer?

**M.:** Vivem em coisas piores.

**Maria Augusta:** E tu R. M. tens alguma coisa a dizer?

**R. M.:** Sim, por vezes nós estamos atrasados para ir para a escola ou para ir para o cabeleireiro ou para ir comprar o jornal e ficamos chateados por não sermos pontuais, mas temos de pensar que há outras crianças que não gostariam de chegar atrasados e terem alimento e conseguirem sobreviver à guerra onde estão contidos e ao país de origem.

**Maria Augusta:** Exactamente... nós pensamos muito de forma materialista e individualista, pensamos nos bens que temos e nos bens que ainda queremos ter. Pensamos só em nós... Enquanto que para estas crianças bastava ter o quê? Uma casa, uma escola, uma família, comida e roupa...

**R. M.:** Os adultos por vezes pensam só neles e não nas crianças que os rodeiam.

**Maria Augusta:** São os adultos que fazem a guerra, são os adultos que fazem a politica, são os adultos que tomam as decisões.

**R. M.:** Às vezes é só por um bocado de terra que fazem a guerra.

**B.:** Que depois acaba por ficar destruída.

**Maria Augusta:** Isto leva-vos a pensar o quê? Que as crianças têm poder de decisão? Têm voz, são ouvidas?

**Mª M.:** Não.

**Maria Augusta:** A semana passada falamos naquele menino que teve poder de decisão, tomou uma atitude, mas foi uma atitude dentro da casa dele, que foi possível tomar. A nível de politica, a nível mundial, as crianças têm posição?

**R.M.:** Se as crianças chegassem e dissessem que não queriam mais guerra, à partida ninguém as ouvia, mandavam-nas logo embora.

**Maria Augusta:** Como é que as crianças se podem fazer ouvir então?

**Mª M.:** Se calhar se fugirem ou se mostrarem às pessoas que não querem mais guerra.

**Maria Augusta:** Eu acho que vão ter de continuar a pedir ajuda.

**Mª M.:** A qualquer instituição.

**Maria Augusta:** Exactamente, as Instituições que defendam os interesses das crianças, porque já sabem que vocês têm capacidades, mas pela idade que têm e porque não trabalham, não têm um salário, não têm credibilidade, não são ouvidos pela sociedade. No aspecto de serem crianças, são seres para serem tratados como se fossem frágeis... os adultos pensam que vocês não têm capacidade de decisão e é por isso que não vos ouvem. São realmente vocês que no dia-a-dia, naquilo que vos for possível fazer, na escola, em casa e com outros adultos devem ir mudando e marcando a vossa posição, de forma a que essa chamada de atenção, essa vossa posição chegue até adultos e instituições internacionais que vos defendam ainda mais...

**R. M.:** Por vezes eu penso porque é que há pessoas que ficaram aqui e construíram o mundo e outras que vêm para aqui e destroem-no. Por vezes podiam pegar em bens materiais, nas terras que têm e fazer cultivo, pegar em estabelecimentos todos podres e reconstruir para fazer supermercados ou hospitais. Assim era tudo melhor e não andávamos aí a disputar guerras que depois mais tarde não vão servir para nada, simplesmente serviram naquele tempo e depois já ninguém quer saber delas para nada.

**Maria Augusta:** Os Homens, os adultos gerem-se muito por atitudes políticas e económicas... interesses políticos e económicos e nem sempre pensam nas consequências...

**Mª M.:** Os adultos às vezes também podem querer por exemplo... acabam de arranjar o jardim e querem que esteja muito direitinho, mas as pessoas que vivem no mundo de guerra também querem e não conseguem ter.

**Maria Augusta:** Não conseguem ter uma vida condigna, uma vida minimamente estável...aceitável, confortável e feliz...

**Mª M.:** E que se alguém estragar eles ficam logo chateados. As pessoas que vivem no mundo de guerra possivelmente não têm nenhuma possibilidade para ficarem felizes.

**Maria Augusta:** Exactamente, possivelmente não têm nenhuma possibilidade de serem felizes porque o mundo de guerra deve ser um mundo onde não há ordem, onde não há união, onde não há família, onde não há comida, onde não há casa, onde não há nada....

**Mag.:** Eu achei isto triste porque os adultos não podem pensar só neles, também têm de pensar nos miúdos porque eles podem ter só um mês ou dois e não têm como se cuidar, podem morrer sem comida, sem água.

**Maria Augusta:** Achas que os adultos deviam de pensar em tudo isso antes de iniciarem guerras, antes de inventar leis que não vos venham a beneficiar...

**R. M.:** Uma coisa que já toda a gente sabe que os adultos dominam a economia.

**Maria Augusta:** Dominam a economia, dominam a política...dominam todas as vertentes da vida em sociedade.

**R.M.:** Mas principalmente a economia. Um motivo de, por exemplo a segunda guerra mundial, eles queriam que os alemães conseguissem dominar a economia e as pessoas do país do Hitler não conseguiam dominá-lo. Porque é que eles não se juntavam e dominavam todos a economia? Assim era muito melhor do que matarem-se uns aos outros e ninguém conseguiu controlar a economia.

**Maria Augusta:** No caso da segunda grande guerra mundial, com o Hitler houve vários factores, houve um factor de xenofobia. O Hitler não gostava da origem dos seus inimigos, dos judeus. Achava que os alemães é que eram a raça pura que tinha de dominar e houve sempre interesses políticos e económicos em todas as guerras... que são sempre determinadas pelos adultos. Não são as crianças que fazem a guerra e que querem a guerra.

**B.:** Pois não. Há pessoas que ficam chateadas por naquele dia não conseguirem comprar uma coisa e há outras que nem essa coisa podem ter numa vida.

**Maria Augusta:** Há meninos como aqueles que numa vida inteira e nos poucos anos de vida que eles têm, que nunca vão ter as condições que vocês têm.

**Mª M.:** Por exemplo, eles têm uma casa, muitas pessoas cá procuram uma casa nova, eles lá se procurarem nunca vão encontrar.

**Maf.:** Estão todas destruídas.

**Maria Augusta:** É um país destruído, é uma nação destruída, é um povo destruído, são pessoas infelizes...

**Mª M.:** Nós cá temos tudo e lá eles sofrem.

**Maria Augusta:** Sofrem muito, quando eu olho para ali, para aquelas imagens de sofrimento dos meninos sozinhos choca-me muito. Choca-me muito saber que aqueles meninos, sem terem culpa de nada, podem estar sozinhos no mundo...

**Mag.:** Os pobres não querem apenas casas, querem comida, querem muitas coisas que nós temos e eles não podem ter porque eles não têm dinheiro, não têm casa porque lá na guerra destroem tudo.

**Maria Augusta:** Exactamente, e por isso eles preocupam-se mais em sobreviver do que propriamente em ter bens, coisas materiais.

**Mag.:** Eles querem sobreviver, mas não deixam os pequenos sobreviver, só querem eles.

**Maria Augusta:** Estás a falar dos adultos?

**Mag.:** Sim.

**Maria Augusta:** Os grandes sobrevivem sempre, ou seja têm mais capacidade de sobrevivência do que as crianças, não é?

**B.:** Já têm mais consciência.

**Mª M.:** Têm meios.

**Maria Augusta:** Exacto, e as crianças sofrem mais. O que querem dizer mais? Gostaram do vídeo?

**Mª M.:** É interessante.

**Maria Augusta:** É um vídeo verdadeiro, neste preciso momento enquanto vocês estão aqui a falar comigo sossegados, noutra país qualquer há pessoas que estão a sofrer ou a morrer.

**Mª M.:** A morrer mesmo agora.

**R. M. :** Enquanto umas nascem, outras morrem.

**Maria Augusta:** É verdade, o ciclo da vida é mesmo assim.

**Mª M.:** Quando eu nasci, o meu avô morreu.

**Maria Augusta:** Então não a conheceste? A vida é mesmo assim, uns nascem e outros morrem, pelo caminho às vezes ainda se encontram e vivem juntos, outras vezes nem chegam a conhecer-se.

**Mag.:** O avô de um amigo meu lá da escola morreu quando ele estava a nascer. Agora ele pôde sobreviver mas está noutra corpo, está com outra forma, está com outro aspecto e ninguém sabe se ele é avô se não é.

**Maria Augusta:** Ai sim...?

**Mag.:** O meu pai também está assim, está igual aos outros, está com outro corpo, com outro aspecto, desde que morreu...

**Maria Augusta:** E onde está o teu pai? Queres contar aos meninos que não te conhecem o que é que aconteceu ao teu pai?

**Mag.:** Sim. O meu pai morreu com 50 anos... ele quando estava a dormir comigo, naquele preciso momento o coração dele parou, o relógio do coração. Nós no dia a seguir levamo-lo ao hospital, deram-lhe remédios, mas ele não conseguiu sobreviver. Depois os médicos é que repararam que ele tinha morrido, que o coração estava a andar devagar e ele morreu.

**Maria Augusta:** Agora fala-nos de ti. Como foi quando soubeste? Quem te deu a notícia?

**Mag.:** Quem me deu a notícia foi a minha mãe que soube primeiro do que eu, eu fiquei muito triste e desiludida. Nunca pensei que o meu pai podia morrer aos 50 anos, mas ele agora pode estar no céu a sobreviver, pode estar com Jesus a comer neste preciso momento, pode estar com outro corpo e com outro aspecto. Agora nem sei se ele é meu pai ou se é meu padrasto...

**Maria Augusta:** Continua a ser teu pai, sempre... só não está presente.

**Mag.:** Mas ninguém sabe, porque ele agora mudou de corpo, mudou o cabelo, ele nasceu de novo.

**Maf.:** Ressuscitou.

**Maria Augusta:** Não ressuscitou, ninguém ressuscita, só Jesus é que ressuscitou. Como é que te sentiste depois da morte do teu pai até agora?

**Mag.:** Eu vivi bem, mas vivi muito triste...

**Maria Augusta:** Fala-me como é que tu viveste ao nível de sentimentos e emoções. Viveste bem porque a tua mãe cuidou de ti, tomou conta de ti, deu-te carinho. Mas como é que tu viveste ao nível dos sentimentos e das emoções?

**Mag.:** Vivi bem de corpo, mas vivi triste e desiludida.

**Mª M.:** Uma emoção forte.

**Maria Augusta:** Não tiveste emoções fortes?

**Mag.:** Sim, chorei muito.

**Maria Augusta:** Não te sentiste angustiada?

**B.:** Mais só...?

**Maria Augusta:** Quantas vezes pensas no teu pai e dizes que tens saudades?

**Mag.:** Muitas....praticamente todos os dias ou quase...

**Maria Augusta:** O lugar dele ficou sempre no teu coração. Há aqui mais algum menino que já tenha passado por alguma experiência como a da Mag.?

**Mª M.:** Eu só sofri a morte do meu avô que nem cheguei a conhecer.

**Maria Augusta:** Não chegaste a conhecê-lo, portanto?

**Mª M.:** Cheguei a conhecê-lo, mas era muito bebé que já nem me lembro dele.

**B.:** Eu sofri com a morte do primo da minha mãe.

**Maria Augusta:** Que idade tinha o primo da tua mãe? Era pequenino quando faleceu?

**B.:** Não, já era grande.

**Maria Augusta:** Foi há muito tempo?

**B.:** Há mais ou menos dois anos.

**Maria Augusta:** Como é que foi? Queres contar aos outros meninos?

**B.:** Era um dia normal, ligaram para a minha mãe a dizer isso. Depois ela contou-me e eu fiquei muito triste.

**Maria Augusta:** Claro, tu convivias com ele. Ele era casado e tinha filhos?

**B.:** Tinha dois filhos.

**Maria Augusta:** São teus primos. O que sentiste que para os teus primos mudou no comportamento deles?

**B.:** Eles sentiam-se mais sozinhos e tristes.

**Maria Augusta:** Que coisas é que eles faziam? Isolavam-se ou fechavam-se no quarto? Que tipo de coisas é que eles faziam para mostrar a dor?

**B.:** Às vezes não falavam com ninguém.

**Maria Augusta:** Vocês acham que quando alguém da nossa família morre os adultos contam logo à crianças?

**Todos:** Não.

**Mag.:** Porque têm de esperar um bocado para ver se dá tempo para contar, porque eles podem ficar muito tristes.

**Mª M.:** Eu fui a segunda da minha família a saber porque eu estava sempre com a minha avó.

**Maria Augusta:** Também eras pequenina.

**Mª M.:** A minha avó é que tratava de mim.

**R. M.:** Eu acho que os adultos contarem só um mês depois é mau. Acho que deviam contar logo, tudo bem que é para os ir preparando, mas acho que isso é mau, mesmo que os prepare eles vão sempre chorar.

**Maria Augusta:** O que é que tu achas que a criança durante um mês anda a pensar? Achas que uma criança num espaço de um mês não se dá conta de muita coisa?

**R. M.:** Sim. Os pais podem dar uma explicação e os filhos acreditarem, podem dizer que o pai foi de férias.

**Mª M.:** Podem acreditar que ainda estão vivos!

**Maria Augusta:** E a tristeza do olhar, as lágrimas, o isolamento, as crianças notam tudo...nos adultos, não é?

**R. M.:** Sim. Os pais podem dar uma explicação e os filhos acreditarem, podem dizer que o pai foi de férias.

**Mª M.:** Podem acreditar que ainda estão vivos!

**Maria Augusta:** Porque as crianças compreendem essas situações melhor se forem contadas sem restrições e sem serem escondidas.

**Mag.:** Eu concordo com a R. M., mas acho que se deve contar um dia depois, porque os miúdos gostavam muito dos pais, dos avós ou de quem tenha morrido e ficam muito tristes como é o meu caso quando o meu pai morreu.

**Maria Augusta:** E precisam saber a verdade, não achas?

**Mag.:** Sim, mas pode ser um ou dois dias depois.

**Maria Augusta:** A partir do momento que a criança começa a perguntar e a sentir a falta é melhor contar...não acham? O mais cedo possível...com cuidado, carinho...

**R. M.:** Só que se nós estivermos a contar uma coisa a chorar ainda é pior.

**Maria Augusta:** Mas aí os adultos têm de ter a capacidade de saber contar...sem assustar ainda mais a criança...

**R. M.:** Eu se soubesse que alguém tinha morrido eu não chorava.

**Maria Augusta:** Mas o chorar também não faz mal... chorar faz parte da tristeza. Depois de te contarem uma notícia dessas, por mais que te esforces para não chorares... a pessoa que vai receber essa notícia, mesmo que seja uma criança vai chorar. Se tu chorares com ela seria um momento de paz, de tranquilidade, de segurança para a criança...

**Mª M.:** Eu não me lembrava que o meu avô tinha morrido e então perguntava durante dois ou três anos pelo meu avô à minha mãe porque eu ia muitas vezes para a casa da minha avó. Depois comecei a reparar que a minha avó andava muito triste e cheguei-lhe a perguntar. Agora todos os dias vejo a fotografia do meu avô, sempre que vamos à igreja, chego a casa e fecho-me no quarto sozinha.

**Maria Augusta:** Não te foi contado logo, mas tu reparas-te e perguntas-te, depois quando eras mais velha comesas-te a participar nas missas, ir ao cemitério, coisas que quando as crianças são pequeninas os adultos evitam fazer...

**Mª M.:** E também agora que os meus pais se separaram, separaram-se em Fevereiro do ano passado, só que só me contaram em Agosto.

**Maria Augusta:** Quiseram poupar-te de algum sofrimento. E tu não tinhas percebido?

**Mª M.:** Não.

**Maria Augusta:** Achas que foi melhor para ti assim?

**Mª M.:** Acho.

**Maria Augusta:** Foram-te preparando, mas neste caso é uma separação, os teus pais continuam vivos, tens pais toda a vida, pais amigos. No caso de uma morte que a gente sabe que a pessoa não volta mais... nós temos de ter atitudes diferentes e é nesse aspecto que nós estávamos a falar. Não se deve esconder às crianças durante muito tempo o facto de que alguém da família ou próximo faleceu. Não acham?

**B.:** No ano passado, no dia de todos os Santos, eu, a M. e a MªM. levamos um trabalho ao cemitério e estavam lá duas conhecidas também do primo da minha mãe e falaram connosco.

**Maria Augusta:** Exactamente, vocês precisam falar quando essas coisas acontecem, quando alguém da família ou alguém conhecido morre, vocês precisam mesmo de falar, precisam que as pessoas falem convosco e vos dêem direito a contarem aquilo que sentem...que querem saber...

**M.:** E agora chegamos lá e já não está lá!

**Maria Augusta:** Como acabamos esta sessão a falar de uma coisa que nos entristece, mas é parte da vida...

**Mª M.:** Tudo faz parte da vida.

**Maria Augusta:** A morte faz parte da vida.

**M.:** Podia não fazer.

**Maria Augusta:** Podia não fazer M... e andávamos aqui todos velhinhos, mas a morte é uma coisa certa na nossa vida. Custa muito quando os nossos familiares morrem, mas nós temos de contar com isso.

**Mag.:** Eu na minha escola jogo com os meus amigos aos avós, quando faço de avó lembro-me dela.

**Maria Augusta:** A Mag. está a contar outro acontecimento, neste momento ela brinca às avós para recordar a avó dela que faleceu há um mês, está a reviver, a lembrar as memórias que ela tem da avó....

Então hoje vamos ficar por aqui... não vos vou dar trabalhinho de casa.  
Uma boa semana para vocês.

14/03/09

## 4ª Sessão

Esta sessão passou-se na Centésima Página, onde fomos ouvir um conto de Mia Couto; "O Beijo da Palavrinha".

Esta história relata a doença de uma menina chamada "Maria Poeirinha". De família pobre, vivendo numa aldeia perto dum rio que não tinha foz. A história passa-se em África, sendo as personagens de raça negra, portanto. Maria Poeirinha tinha um irmão, o Zeca Zonzo, cabeça no ar, cujas ideias lhe voavam como balões em dia de festa. A miséria era tanta que estes meninos tinham sonhos pequenos, mais de areia do que castelos.

Certo dia um tio chegou à aldeia e achou grave os familiares não conhecerem o mar. Dizia ele: "Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar!"

A menina adoeceu gravemente e num instante ficou vizinha da Morte. Tinham de a levar a ver o mar...para que se curasse, para que renascesse e descobrisse outras praias dentro dela. Meteram a menina num barco, contudo a menina estava tão fraca que a viagem foi adiada. A menina definhava, aos olhos de todos e então o irmão pegou num papel e caneta e mostrou-lhe o mar...Zeca Zonzo escreveu a palavra...Mar...e conduziu o dedo da menina por cima dos traços que desenhara...

-A letra M é feita de vagas líquidas que sobem e descem...o A é uma gaivota pousada, enrodilhada perante a brisa fria...o R é tirada da pedra...da rocha...Calem-se todos já se ouve o marulhar! – Disse Zeca Zonzo.

Então do leite de Maria Poeirinha ergueu-se a gaivota branca...era Maria Poeirinha que se erguia?...

Ainda hoje tantos anos passados, Zeca Zonzo, aponta a fotografia de sua irmã e diz: - "Eis minha mana Poeirinha que foi beijada pelo mar. E se afogou numa palavrinha."

Nesta sessão faltaram 4 crianças, só 6 assistiram, pelo que a história ainda não será tratada na 5ª sessão, apenas na 6ª quando todos a ouvirem...

Do conto retivemos as seguintes palavras a serem exploradas posteriormente:

- Finais despedidas
- Palidez
- Doença
- Débil suspiro
- Cansaço
- Leito
- Fotografia
- Memórias

21-03-2009

## 5ª Sessão:

**Maria Augusta:** Bom dia! Hoje primeiro vamos ver um vídeo sobre o qual depois conversaremos.

### Visualização do vídeo: “ Vê se adivinhas Faz algo”

**M.:** É sobre a natureza.

**Maria Augusta:** Quem era?

**B.:** A mãe natureza.

**Mag.:** Eu não consegui ler as legendas!

**M.:** Nem eu!

**Maria Augusta:** Não conseguiram ler as legendas todas? Querem que eu volte atrás?

**R. M.:** Se calhar é melhor alguém ler para eles conseguirem acompanhar.

**Maria Augusta:** É a mãe natureza e está a queixar-se de quê?

**J.:** Que ela nos está a dar e nós não lhe estamos a fazer bem.

**Maria Augusta:** Que ela nos deu tudo e que nós não a tratamos em condições. Nós, os Homens temos da mãe natureza tudo, ela deu-nos um mundo, um mundo preparado para ser habitado...

**J.:** Para viver.

**Maria Augusta:** Para viver e nós destruimos tudo.

**J.:** Estamos a matá-la.

**Mª M.:** Porque estava lá um homem a cortar uma árvore e ela disse dá-me morte.

**Maria Augusta:** Exactamente, estão a cortar as árvores, estão a matar os animais, estão a poluir o ar, estão a matar a natureza de propósito porque não têm cuidados com ela.

**M.:** Eu não mato.

**Maria Augusta:** As nossas gerações e as que vêm a seguir podem ter problemas por causa do ambiente, vão ter problemas de saúde, vão ter problemas nos alimentos, na qualidade de vida que não vai ser tão boa, na água que pode escassear...

**J.:** Escassear é acabar.

**Maria Augusta:** No calor ou nas diferenças térmicas, as estações do ano podem mudar e vocês vão ter de se adaptarem a uma nova vida por culpa do Homem que hoje não pensa em cuidar da natureza.

**J.:** Eu não sei, mas vi num filme que pode acontecer uma coisa, que é quando a terra está demasiado suja ela limpa-se a si própria fazendo uma coisa que é de gelo.

**Maria Augusta:** Ai sim?

**J.:** Vou perguntar à minha mãe.

**Maria Augusta:** Quando ela está toda suja limpa-se a si própria?

**J.:** Sim, faz uma bola de gelo.

**Maria Augusta:** Ora bem, "Olá, sabes quem sou?". Agora cada um lê uma frase para não lermos todos ao mesmo tempo.

**R. F.:** "Sou com quem convives diariamente."

**Mª M.:** "Sou alguém que deseja o melhor para ti."

**Mag.:** "Sou alguém especial na tua vida."

**M.:** "Mas...Para minha desgraça esqueceste-te de mim."

**B.:** "Não me dás a importância que eu te dou."

**R. M.:** "Assim hoje pergunto-te: porque é que te dei estas paisagens cheias de cor e abundância?"

**Maf.:** "Tu me devolvestes..."

**Maria Augusta:** Olhem só lixo e poluição no ar...

**J.:** "Porque se te ofereci companhia, tu não a aceitas-te."

**Maria Augusta:** A natureza dá os animais e o Homem mata os animais.

**J.:** Isto é o quê?

**Maria Augusta:** São aves que sofreram algum derramamento de petróleo dos barcos...e morreram.

**E.:** "Porque te dou a vida."

**R. F.:** "Tu me dás a morte."

**Mª M.:** "Por favor faz algo por alguém, faz algo por mim."

**Mag.:** "Se não és tu, quem?"

**M.:** "Se não é agora é quando?"

**B.:** "Obrigado."

**R. M.:** "Obrigado."

**Maf.:** "Obrigado."

**J.:** "Atentamente: a mãe natureza."

**Maria Augusta:** Muito bem, parece uma carta que a mãe natureza nos escreve a alertar-nos das asneiras que o Homem vai fazendo e vai matando a natureza. Esta morte da natureza acontece porquê?

**J.:** Porque o Homem não dá valor à natureza.

**Maria Augusta:** Como não dá valor à natureza, porque ela apareceu, ela é gratuita como a vida, nós estamos a matá-la aos bocadinhos. Agora gostaria que vocês reflectissem um bocadinho porque é que se temos vida na natureza o Homem a destrói.

**J.:** Para ganhar mais coisas.

**Maria Augusta:** São egoístas, individualistas, só pensam em si e não pensam nas consequências que isso pode trazer...

**M.:** Só pensam neles, não pensam nas outras pessoas.

**J.:** Eles só pensam neles, mas depois a natureza vai morrer e eles também vão morrer.

**Maria Augusta:** Exactamente, se eu acabar com a natureza, mais tarde, nas gerações futuras, vocês vão acabar por sofrer as consequências dessas asneiras que os adultos estão a fazer...e vão passar necessidades.

**J.:** Deve-se aos pais porque os pais são maus.

**Mª M.:** São nada.

**Maria Augusta:** Agora o que eu vos queria pôr a pensar é outra coisa, esta morte da natureza acontece porque o Homem não cuida da natureza, é uma morte por negligência, ou seja, por falta de cuidados. A natureza nasceu e morre nas mãos do Homem sem razão nenhuma. Agora vou vos contar uma história... aqui vai haver diferença e vocês vão me mostrar depois a diferença do que acontece...

- **História: “A casa da Maria.”**

**Maria Augusta:** A história chama-se: “A casa da Maria”. A Maria é esta senhora.

**M.:** Ai que gira.

**Maria Augusta:** É nova? Velhinha? O que acham?

**Mª M.:** Velhinha.

**Maria Augusta:** É velhinha! A casa da Maria é esta, é uma casa muito simpática.

**J.:** Porque ela está sempre a cuidar da natureza.

**Maria Augusta:** “É a Maria, uma velha senhora muito simpática, ela tem muito orgulho na sua casa.” Ao contrário dos Homens que não têm orgulho na natureza. “Uma tabuleta em madeira com dois pássaros coloridos por cima da porta indica o seu nome.”

**M.:** Que tabuleta?

**Maria Augusta:** Aqui por cima da porta tem uma tabuleta que diz Maria. Esta é a casa dela com um grande jardim muito bonito que ela trata com muito gosto. “Hanc, o seu vizinho visita-a muitas vezes, eles são muito bons amigos. Hanc conhece muito bem os pássaros e na Primavera ajuda a Maria a pendurar casinhas nas árvores.” Olhem este é o vizinho dela, pelos vistos a Maria vive sozinha.

**Mag.:** Ela tem muito gosto em cuidar da natureza.

**Maria Augusta:** O Hanc é vizinho e ajuda-a: “Os pássaros ficam muito contentes e no jardim ressoa o seu canto alegre.” Os pássaros vivem no jardim da Maria e vivem alegres porque têm um espaço carinhoso à volta. A Maria está a trabalhar no jardim, logo a Maria também trata bem os passarinhos, que têm onde pousar, onde brincar. “ O lugar favorito da Maria é debaixo da macieira, onde está sempre. Ela adora ouvir os pássaros cantar, ali sente-se muito feliz.”

**J.:** Tem um cão.

**Mª M.:** Que fofo.

**Maria Augusta:** A Maria está a ler, está a descansar, está a ouvir os passarinhos, mas está a ler qualquer coisa, um jornal. “No Outono, quando as maçãs estão bem maduras, o Hanc vem apanhá-las”. O vizinho vem ajudar a Maria. “Com elas a Maria faz doce e tartes para o Hanc e para a sua família”. Afinal o Hanc tem uma família, é o vizinho dela e tem uma família.

**M.:** Mas quem é que tem a família?

**Maria Augusta:** O Hanc... a Maria vive sozinha.

**J.:** Mas tem família?

**Maria Augusta:** Não sabemos, aqui no livro não diz, ela vive sozinha, mas é provável que tenha uma família.

**J.:** Deve ser avó.

**Maria Augusta:** É uma avó com certeza, e a família deve morar longe. “Faz cada vez mais frio, a Maria fica dentro de casa. O Hanc continua a visitá-la.”

**M.:** Isso é neve?

**Maria Augusta:** Ainda não é neve, é o Outono e em breve chega o Inverno.

**Mag.:** Ela se calhar está a perguntar isso branco aí no chão.

**Maria Augusta:** O Hanc como ela deixou de aparecer na rua... continuou a visitá-la, vai a casa visitá-la. Agora é que é Inverno. “Uma manhã Hanc não vê o fumo a sair da chaminé e as portadas ainda estão fechadas.” Chegou mesmo o Inverno, olhem.

**Mª M.:** Coitada!

**Mag.:** Já não pode sair de casa para ir cuidar da natureza, das árvores e dos passarinhos.

**J.:** As árvores agora também não precisam, já não têm folhas.

**Mª M.:** Precisam, precisam.

**Maria Augusta:** Chegou o Inverno, não há folhas, os passarinhos foram embora, chegou a neve, mas há aqui um pormenor muito importante.

**Mª M.:** A chaminé.

**Maria Augusta:** A chaminé não deita fumo.

**M.:** Pois não, porque a neve está a tapar.

**Maria Augusta:** A neve está a tapar...e as portadas estão todas fechadas.

**J.:** Se calhar ela faleceu.

**Maria Augusta:** “Até os pássaros sentem que se passa alguma coisa, talvez a Maria esteja doente, diziam eles”.

**J.:** Só se foi visitar a família porque é Natal.

**Mag.:** Eles não podem entrar dentro de casa porque eles só vivem cá fora.

**Maria Augusta:** Alguma coisa aconteceu à Maria. “A velha senhora está no hospital, Hanc visita-a muitas vezes, mas a Maria não fica melhor.” Ela está doente e é por isso que as portadas ficavam fechadas, não havia fumo na chaminé porque a Maria não estava em casa. A Maria tinha ido para o hospital porque estava doente.

**M.:** Mas porque é que ela está doente?

**Maria Augusta:** Está doente por qualquer motivo, mas também porque já é velhinha e quando chegamos à velhice há doenças que aparecem.

**M.:** Mas ela agora já não tem o cabelo cinzento!

**Maria Augusta:** “Numa manhã de Primavera, Maria adormeceu, deixou a sua casa ao Hanc e disse-lhe para ir morar lá com a sua família.” Estão a ver o jardim? Mas a Maria não está cá mais, porque a Maria adormeceu para sempre...

**R. M.:** Morreu.

**M.:** Faleceu.

**J.:** Acabou-se.

**Maria Augusta:** Mas ela antes de falecer pediu ao Hanc o quê?

**J.:** Para ir cuidar das plantas.

**Mag.:** Para ir cuidar da casa dela.

**Maria Augusta:** Para ir para a casa dela viver com a família, para dar novamente vida à casa dela, ao jardim dela e aos animais dela. “Hoje é Verão, as portadas estão abertas e a roupa seca no estendal, os pássaros têm de novo com que se entreter, as crianças brincam no jardim. Para todos será sempre a casa da Maria.”

Esta será sempre a casa da Maria e ela será sempre recordada por eles...

**Mª M.:** Que casa grande!

### **Comparação entre o vídeo e a história (vida e morte, natural ou provocado)**

**Maria Augusta:** Houve vida, alegria, felicidade mesmo depois da Maria falecer. Agora vou vos perguntar uma coisa. Esta situação em que a Maria faleceu foi uma situação que a Maria participou nela? Ela teve alguma vontade nesta morte?

**Todos:** Não.

**Maria Augusta:** As pessoas não têm essa vontade, é muito diferente daquela situação em que o homem mata a natureza porque não tem cuidado com ela.

**M.:** Só se tiverem tolos!

**Maria Augusta:** Todas as pessoas nascem, vivem e sabem que um dia vão falecer, mas não fazem por isso nem desejam.

**M.:** Tem tudo um fim.

**Maria Augusta:** Claro! No caso da natureza, o Homem também sabe que a natureza, mesmo sendo imensa e sendo boa para o Homem, pode um dia morrer em determinados aspectos, mas o Homem não se preocupa com isso, continua a desleixar-se com a natureza.

**J.:** Mas é assim, nascem, crescem, reproduzem e depois morrem.

**Maria Augusta:** Exactamente, é o ciclo da vida. E vocês conhecem alguém que nunca chega a morrer?

**Todos:** Não.

**M.:** Tudo tem um fim.

**J.:** Até o universo.

### **Diálogo sobre perdas de animais/pessoas queridas, rituais fúnebres**

**Maria Augusta:** Tudo tem um fim e o nosso fim é de facto esse. A Maria foi ver um filme e ela vai-nos relatar o filme que é muito giro. Queres Maria? O filme fala sobre animais...

**Mª M.:** É Triste.

**Maria Augusta:** O filme fala sobre um animal que teve de ser abatido pelo veterinário porque estava doentinho.

**Mª M.:** Isso é só o final.

**Maria Augusta:** Podes contar o que tu quiseres.

**Mª M.:** Era um cão que vivia com uma senhora, com um senhor e com os filhos, eram três filhos. O cão andava sempre a comer tudo, comia o chão, comia as paredes e um dia torceu o estômago. Ficou muito doente e levaram-no ao veterinário e ele teve de ser abatido e morreu.

**Maria Augusta:** O cãozinho teve de ser abatido porque exagerou naquilo que comeu.

**Mag.:** Coitado!

**J.:** Comeu paredes!

**Maria Augusta:** Comeu aquilo que não devia e então ficou doente, quando chegou ao veterinário teve de ser abatido. O cãozinho também não desejava a morte, mas teve de ser abatido porque estava muito doente. O filme é muito giro e se nós podermos ir vê-lo no próximo sábado vamos.

**Mag.:** O que é abatido?

**Maria Augusta:** Abatido é; dar-lhe uma injeção para ele acabar por morrer sem sofrer mais.

**M.:** Para ele morrer.

**Maria Augusta:** Sem dor...

**E.:** Quando a minha cadela ficou doente, eu estava a sair da escola, a minha mãe estava a chorar, estava toda vermelha a dizer que a minha cadela foi abatida porque estava com uma doença.

**Maria Augusta:** E porque é que as pessoas choram quando morre alguém?

**J.:** Porque estão muito ligadas a eles.

**Maria Augusta:** Ligados a elas pessoas ou a eles animais.

**J.:** Eu tenho um cão e uma cadela, o meu cão ganhou uma doença e depois morreu. Era por causa de coisas que ele comia e o gato do meu primo tem sida, mas não se pega aos Homens, ainda bem.

**Maria Augusta:** O teu cão faleceu?

**J.:** Sim e a minha cadela ainda está boa.

**Maria Augusta:** O que sentis-te quando o teu cão faleceu?

**J.:** Chorei.

**Maria Augusta:** O que é que a tua mãe fez ao cãozinho?

**J.:** Não sei porque ela não queria que eu o visse.

**Maria Augusta:** Então levou o cão para algum lado?

**J.:** Devia - o ter levado, eu adormeci...

**Maria Augusta:** Adormeces-te e a tua mãe levou o cão provavelmente para um cemitério de cães, que é o caso das pessoas, elas têm um cemitério próprio.

Mas o que eu queria dizer é que tanto quando se perde um animal, como quando se perde uma pessoa, nós ficamos como?

**Mag.:** Tristes.

**Mª M.:** Choramos.

**Maria Augusta:** Choramos com ...

**Mag.:** Saudades...e tristeza.

**J.:** Lembramo-nos dela, ficamos marcados.

**Maria Augusta:** Mas, guardamos memórias...

**Mª M.:** No filme o cão foi enterrado à frente da casa deles e os filhos, cada um, levou uma prenda para o cão.

**Maria Augusta:** Muito bem... Enterraram à frente de casa porquê?

**Mª M.:** Para terem recordações, para ficarem mais próximo.

**Maria Augusta:** Para eles se lembrarem dele e não o esquecerem, recordar e guardar memórias. E levavam o quê?

**Mª M.:** Levavam-lhe prendas, a mais nova era um desenho que dizia que o adorava, o outro uma carta pelos três filhos e a mãe como o cão tinha comido o colar dela, mas depois deitou fora outra vez, deu-lhe o colar.

**Maria Augusta:** Quando vamos ao cemitério visitar as pessoas conhecidas ou amigas que temos lá, normalmente o que é que nós levamos?

**M.:** Flores, cartazes.

**Mª M.:** Uma oração.

**Maria Augusta:** Fotografias, às vezes deixam lá...

**J.:** Levamos tristeza connosco.

**Mª M.:** Nós ficamos tristes, mas devíamos levar a felicidade.

**Maria Augusta:** Nós ficamos tristes porque a pessoa que nós gostávamos está lá e não volta mais...

**Mª M.:** Mas devíamos levar a felicidade.

**Maria Augusta:** Pois, porque ela está lá, está a descansar e nós continuamos a gostar dela e a lembrarmo-nos dela.

**M.:** Mas a minha cadela morreu e eu não chorei!

**Maria Augusta:** Não faz mal, na altura não tinhas vontade de chorar, mas lembras-te dela e tens saudades dela. Tens fotografias dela para a ver?

**M.:** Sim.

**Maria Augusta:** Pronto... recordas a tua cadela quando vês as fotografias, lembras-te dela e tens saudades dela, só que ela não pode voltar mais, porque depois de morrermos não podemos voltar a viver.

**Mag.:** Mas podemos viver noutro mundo.

**Maria Augusta:** Neste mundo não podemos viver mais.

**M.:** Mas vivemos lá em cima.

**Mª M.:** Não, nós vivemos cá mas a nossa alma está lá em cima.

**Mag.:** Nós podemos morrer, mas ressuscitar noutro mundo e ficar com outro aspecto...

**Maria Augusta:** Mas neste mundo nós não voltamos e as pessoas que nós gostávamos nunca mais as vamos poder ver, só através das fotografias e memórias.

**Mª M.:** No filme também mostrava que o bebé tinha um filme com o cão, o cão tinha pegado nas fraldas e tinha-as na boca, tinha recordações felizes e ele depois ficou com as recordações e os outros filhos também.

**Maria Augusta:** Depois da perda de alguém, nós vamos procurar as memórias que temos felizes dessa pessoa para a recordar. Um dos rituais que os adultos costumam fazer para estar com as pessoas que já perderam e para conversar com elas é ir ao cemitério visitá-las. Mas vocês não gostam muito pois não?

**Mag.:** Eu detesto.

**Mª M.:** Eu gosto.

**Maria Augusta:** Porque é que vocês não gostam?

**J.:** Porque nos lembram coisas tristes.

**M.:** E é por isso que não vamos aos funerais.

**Maria Augusta:** Porque é que nunca vão aos funerais?

**J.:** Ainda bem.

**R. F.:** Porque os pais não deixam.

**Maria Augusta:** E se os vossos pais vos dissessem que podiam ir?

**Todos:** Eu não ia.

**Maria Augusta:** Vocês não se sentem à vontade para ir pois não? Porquê?

**Mª M.:** Por causa das recordações tristes da pessoa que morreu.

**J.:** Eu às vezes penso numa coisa, a minha mãe estava no meu carro, estava a andar e o cão seguiu-a, então ela pôs à beira do meu cão quando ele era vivo e à beira da cadela. A cadela é um Pastor Alemão e o meu cão era um Husky, então o cão que se chamava pulgas estava sempre a rosar ao Husky e ele não lhe fazia nada porque já se sabia comportar, com o Pastor Alemão ele furou-lhe a barriga.

**Maria Augusta:** Sim...mas voltando a falar de ir ao cemitério, porque é que vocês não gostam de ir lá, uns porque os pais não deixam ir aos funerais nem cemitérios, outros porque não gostam, é?

**Mª M.:** Porque nos traz recordações tristes.

**Mag.:** Quando o meu cão foi para o polícia, fiquei muito triste, fui para a sala e chorei, a minha mãe tirou fotografias de quando ele estava comigo e eu fiquei com uma recordação.

**Maria Augusta:** Perdeste o teu cão porque ele foi para outro dono e nunca mais o viste.

**M.:** Porque é que ele foi para o polícia?

**Maria Augusta:** Foi para outro dono porque a Mag. não podia ter o cão em casa, ganhou uma alergia a pêlos. M. diz lá o que querias dizer...

**M.:** Não podemos ir aos funerais porque não queremos recordar coisas tristes.

**Maria Augusta:** Os vossos pais não vos deixam ir, não é?

**M.:** Porque tem coisas tristes e nós não queremos recordar.

**Maria Augusta:** Eles têm medo...

**J.:** Não querem que nós sofram.

**Maria Augusta:** Exactamente, têm medo que vocês sofram, que vocês vejam coisas tristes, que chorem...

**M.:** E não podemos falar lá.

**Maria Augusta:** Por exemplo, quando os vossos pais vão ao funeral de alguém conhecido, vocês ficam em casa a ver televisão, é?

**E.:** Quando a minha ama morreu, o filho dela estava a dizer eu quero a minha mãe muito alto.

**Mag.:** Eu também chorei muito alto e queria o meu pai quando ele morreu...

**Maria Augusta:** Estava a gritar porque estava a sofrer, não era?

**E.:** Era.

**J.:** O filho era grande?

**E.:** Era.

**Maria Augusta:** As pessoas grandes também sofrem, também choram, têm sentimentos...

**M.:** Uma amiga minha só vai ser o funeral da avó hoje, da bisavó.

**Maria Augusta:** Da bisavó, não é da tua amiga?

**J.:** Mas uma amiga minha morreu mesmo.

**Maria Augusta:** Na escola do J. e da Mag., uma menina estava doente, tinha 12 ou 13 anos, era a S. faleceu com uma doença.

**J.:** Não foi bem a doença que a matou, foram os médicos, pensaram que ela tinha a dor aqui e abriram-lhe esta parte, mas afinal era na barriga, depois ela acordou, mas morreu.

**Maria Augusta:** Já contei uma história em que aconteceu uma morte, uma morte que ninguém teve culpa, é uma morte natural, é a morte das pessoas, de todos nós... Os animais nascem, crescem, reproduzem-se e morrem. Naquele vídeo da natureza, acontecia a morte dos animais, da natureza, por culpa do Homem. Uma morte descuidada...

**J.:** Não era pelo ciclo da vida, era o Homem que matava.

**Maria Augusta:** Não é o ciclo próprio da natureza, era o Homem que estava a antecipar a morte da natureza. A esta morte, da Maria, nós não podemos fugir.

**J.:** Ninguém teve culpa.

**Maria Augusta:** Aquela morte, a morte da natureza, o Homem pode evitá-la, tem de ter cuidado.

Agora só vos vou pedir que me façam um desenhinho, vamos pensar o que é a vida para nós.

### **Desenho sobre a vida**

**M.:** Um desenho ou escrever?

**Maria Augusta:** Podem escrever para mim a vida é isto e representam o que a vida é para vocês.

**M.:** Mas podemos fazer só um desenho?

**Maria Augusta:** Podem só fazer um desenho, só põem a vida para mim é isto e fazem o desenho. Depois põem o vosso nome e a data de hoje.

**M.:** Que dia é hoje?

**Maria Augusta:** ... 21 de Março.

**J.:** Começa a Primavera.

**M.:** Já podemos começar?

**Maria Augusta:** Muito bem J., não podia estar melhor. Estão todos muito bonitos...Então até para a semana, encontramos-nos outra vez.

04-04-2009

### **6ª Sessão:**

**Maria Augusta:** Bom dia meninos, vamos então começar. Eu vou contar a história que foi contada na Centésima Página, porque muitos dos meninos não estavam lá e estão aqui hoje. Depois vou pedir que me façam um trabalhinho, está bem?

**Maria Augusta:** Esta foi a história que foi contada na Centésima Página, não foi a M., não foi a R. M., não foi o B. e não foi a Maf.. A história é "O Beijo da Palavrinha" e o autor chama-se Mía Couto, é um senhor moçambicano.

"Era uma vez uma menina que nunca vira o mar, chamava-se Maria Poeirinha, ela e a sua família eram pobres. Viviam numa aldeia tão interior que acreditavam que o rio que ali passava não tinha nem fim, nem foz."

**M.:** O que é que é uma foz?

**Maria Augusta:** A foz é onde vai desaguar o rio, no mar, no oceano, mas eles moravam tão distantes, no meio do continente africano. Vocês já vão ver que eles são de raça negra, vivem em África e que eles não tinham a ideia que aquele riozinho iria desaguar a qualquer lado, a uma foz.

“Poeirinha só tinha um irmão, o Zeca Zonzo, que era desprovido de juízo. Na miséria em que viviam nada destoava, até a Poeirinha tinha sonhos pequenos, mais de areia do que castelos.” Eram tão pobrezinhos, que a menina nem tinha sonhos iguais aos vossos, tinha sonhos muito pequeninos, sonhos feitos de areia, que era o que ela tinha à volta dela.

**M.:** Essa é a casa dela?

**Maria Augusta:** Sim, esta era a casa dela, isto é uma aldeia no interior de África, a aldeia era povoada de palhotas, num terreno muito árido, seco, onde só existia areia, poucas árvores, muito calor e um rio. Esta é a casa da Maria Poeirinha e aquele é o irmão, o Zeca Zonzo que era um cabeça no ar. E a menina estava a brincar com o quê?

**J.:** Com areia.

**Maria Augusta:** Com umas tacinhas de madeira e com areia, não tinha brinquedos, não tinha mais nada.

“O clima da terra onde viviam era tão quente que o rio secava, enquanto que a menina sonhava que se transformava em ondas, depressa acordava porque os pés começavam a escaldar com a areia quente. Portanto os sonhos da menina eram realmente muito breves.”

“Um certo dia chegou à aldeia o tio Jaime Lituânio, que achou grave os seus familiares nunca terem conhecido os azuis do mar.”

Porque é que o mar tem mais do que um azul, até porque o mar é água e a água não tem cor. O que é que dá cor ao mar?

**J.:** É o céu, o reflexo.

**Maria Augusta:** E o que está por baixo da água...

**B.:** E a profundidade.

**Maria Augusta:** Este tio achava que era muito grave eles ainda não conhecerem o mar, porque o mar abria a porta para o infinito, abria a porta para muitos mundos que eles desconheciam.

“Podiam continuar pobres, mas havia do outro lado do horizonte uma luz que fazia a espera de uma vida diferente. Deste lado do mundo, onde morava a menina Poeirinha, faltava essa luz, que nasce não do sol, mas das águas profundas do mar.”

Para o tio Lituânio o mar era qualquer coisa como o quê?

**Maf.:** Especial.

**J.:** Uma cura para a doença.

**Maria Augusta:** Transformava as pessoas e dava-lhes uma ideia, visão, de futuro, de felicidade, de melhor vida. Ele achava que eles viviam em condições muito más. A fome, a solidão, a palermice do Zeca Zonzo, tudo isso o tio atribuía a uma única falta, a falta do mar.

“Quem nunca viu o mar não sabe o que é chorar – dizia o tio Lituânio.”

Ele gostava mesmo do mar, o mar mexia muito com ele. E vocês o que é que acham do mar? Quando vêm o mar o que é que vocês sentem?

**J.:** Sinto-me feliz porque me atiro para lá e brinco com os meus primos.

**Maria Augusta:** Mas se olhares só para o mar, se te puseres a contemplar o mar... Vais à praia e imagina que te pões a contemplar o mar, o que é que tu achas, o que é que tu sentes?

**M.:** Sei lá.

**J.:** Nunca fiz isso.

**Maria Augusta:** Imagina que estás na praia, estás a ver o mar, o mar acaba?

**M.:** Não.

**Maria Augusta:** Só vez ali... até a linha do horizonte.

**M.:** Acaba, só que nós não vemos.

**Maria Augusta:** Ele não acaba, tu vez lá ao fundo a linha do horizonte, que para ti é o fim do mar, mas ele continua e vai juntar-se a outros mares e aos oceanos. Aquela imensidão de água o que é que nos transmite?

**J.:** Sossego.

**Maria Augusta:** Paz, sossego, felicidade, outros mundos, outras pessoas para além daquele mar, outras vidas, dá-nos muitas coisas para pensar. Daquele lado do mar o que é que se estará a passar? Era isso que o tio Lituânio estava a dizer, o mar abre perspectivas, abre a cabeça às pessoas, dá novas oportunidades de vida às pessoas viver perto do mar. A família da Poeirinha vivia no interior de África, onde não tinham absolutamente nada, tinham fome, miséria e mais nada.

**M.:** Isso é milho?

**Maria Augusta:** Isto são canas.

**J.:** E o que são esses peixes?

**Maria Augusta:** Deve ser o tio Lituânio que já só vê o mar e já só vê peixes...

“Certa vez a menina adoeceu. Num instante ela ficou vizinha da morte. O tio não teve dúvida, teriam que a levar à costa para que se curasse.”

Pensava o tio Lituânio que se ela fosse ver-o-mar, apanhar a brisa do mar, ver as ondas do mar, ficaria melhor.

“Contudo, a menina estava tão fraca que a viagem se tornou impossível. Todos se aproximaram da cabeceira e ali ficaram sem saber o que fazer. Já se preparavam as finais despedidas, quando o irmão Zeca Zonzo trouxe um papel e uma caneta. Vou te mostrar o mar maninha.”

Como ela não podia ir ao mar, o Zeca Zonzo lembrou-se de mostrar o mar à maninha.

**B.:** Mas ele também nunca tinha visto o mar!

**Maria Augusta:** Mas conhecia a palavra mar, todos pensavam que ele ia desenhar o mar, o oceano, que ia pintar de azul o papel e no meio pintar alguns peixinhos e o sol em cima, mas não, o Zeca Zonzo apenas escreveu a palavra mar a azul.

“A irmã com um suspiro disse: Não vale a pena mano Zonzo eu já não distingo letra.” Ela ficou tão cansada que já não se consegue levantar.

“Zeca Zonzo levantou os dedos da irmã e soprou neles como se corrigisse algum defeito. Experimenta outra vez mana, com toda a atenção. Agora já estás sentindo? Sim, meu dedo já está a espreitar. Do leite de Maria Poeirinha, ergueu-se a gaivota branca, como se fosse um lençol agitado pelo vento. Era Maria Poeirinha que se erguia? Era um simples remoinho de areia branca? Ou era ela seguindo no rio debaixo do manto feito de remoinhos, remendos e retalhos?”

O que é que acham que aconteceu?

**J.:** Curou-se.

**Maria Augusta:** Olhem bem para a imagem.

**J.:** Teve um sonho com castelos.

**Maria Augusta:** Olhem para onde vai.

**J.:** Para o rio.

**Maria Augusta:** O rio é aqui em baixo.

**B.:** Foi para o céu.

**R. M.:** Morreu.

**Maria Augusta:** Maria Poeirinha finalmente morreu.

**M.:** Foi para os anjinhos.

**J.:** Descansou em paz.

**Maria Augusta:** “Ainda hoje, muitos anos passados, Zeca Zonzo apontando para a fotografia reclama: aqui é a minha irmã Poeirinha que foi deixada pelo mar e se afogou numa palavrinha.” Na palavrinha mar... A menina morreu mesmo, ela estava muito doentinha, nós não vimos nada ao longo do livro que a pudesse curar. O que vimos foi a esperança e a vontade das pessoas que estavam com ela de que ela não morresse, mas de facto nada aconteceu, nem o médico, nem remédios, nem hospitais valiam de nada, ela estava gravemente doente. O irmão conserva memórias da irmã. Como?

**J.:** Com a fotografia dela.

**B.:** Recordações.

**M.:** Eu só não sei porque é que eles gostam tanto da palavra mar!

**Maria Augusta:** Porque a palavra mar transmite uma sensação de paz, de vida, de felicidade, que é o contrário da palavra morte. E quando não se tem uma coisa desejamo-la com muita força. O que é que para vocês vos sugere a palavra morte?

**J.:** Que nunca mais a vemos.

**Maria Augusta:** A palavra morte significa perder alguém por doença, neste caso, sugere perda de alguém, pode ser familiar, pode ser vizinho. O que é morrer?

**J.:** É ir para o céu.

**Maria Augusta:** É ir ali e voltar?

**Todos:** Não.

**B.:** É ir ali e nunca mais voltar.

**Maria Augusta:** É isso mesmo, a morte tem algumas características, diz respeito a todos os seres humanos, não há nenhum ser humano que vá ficar vivo.

**J.:** Que resista.

**Maria Augusta:** A morte é certa desde que nascemos, só não sabemos é quando vamos morrer. Outra coisa que é certa, é que quando morremos nunca mais voltamos. A morte é irreversível, quer dizer que não volta atrás.

**J.:** Não podemos reverter.

**Maria Augusta:** Não podemos reverter esse acontecimento. Quando alguém morre, vocês ficam tristes, choram, a família fica de luto... O que é ficar de luto? Alguém sabe?

**Maf.:** A mãe de uma amiga minha morreu e a tia andou muito tempo de preto.

**Maria Augusta:** Muito bem...Uma das características do luto é usar preto.

**J.:** Outra é ficarmos desgastados.

**Maria Augusta:** Ficamos desgastados emocionalmente, aqui dentro no coração, nos sentimentos, pelas emoções que vivemos, ficamos desgastados. Que outros rituais as pessoas praticam?

**J.:** Vão aos cemitérios.

**B.:** Ficam muito caladas.

**Maria Augusta:** Ficam mais reservadas, mais caladas....Sim...?

**J.:** Guardam recordações.

**Maria Augusta:** Como?

**J.:** Guardam fotografias.

**Maria Augusta:** Objectos das pessoas....

**J.:** Prendas.

**B.:** Tempos passados com essas pessoas.

**Maria Augusta:** Recordar tempos passados com essas pessoas, filmes...

**J.:** Guardam coisas na memória.

**M.:** Só falamos sobre a morte!

**Maria Augusta:** Alguém quer falar da perda de alguém de perto? Há algum menino aqui que viveu a morte de alguém conhecido?

**M.:** A bisavó da minha amiga faleceu há pouco tempo.

**Maria Augusta:** O que é que a tua amiga te contou? Estava triste?

**M.:** Sim, estava triste.

**Maria Augusta:** E era bisavó, já era um bocadinho distante provavelmente... não era avó porque se fosse sofria mais, talvez...

**M.:** Era avó da mãe.

**Maria Augusta:** B. eu tinha a ideia de que na tua família alguém tinha falecido?

**B.:** Sim.

**Maria Augusta:** Quem foi?

**B.:** Foi o primo da minha mãe.

**Maria Augusta:** Foi há muito tempo?

**B.:** Foi o ano passado.

**Maria Augusta:** Ainda te recordas mais ou menos como aconteceu?

**B.:** Sim.

**Maria Augusta:** Foi de doença?

**B.:** Não.

**Maria Augusta:** Foi acidente?

**B.:** Sim, ele estava a trabalhar com materiais gasosos e queimou-se.

**M.:** Gasosos, o que é isso?

**Maria Augusta:** São materiais altamente inflamáveis e tóxicos. Então sentiste a morte do primo da tua mãe e da família dele. Ele era casado?

**B.:** Era e tinha dois filhos.

**Maria Augusta:** Então tu sabes assim de perto o que é que as pessoas passam num momento desses? Como ficaram os filhos?

**B.:** Ficaram tristes, não falavam com ninguém.

**Maria Augusta:** E a mulher?

**B.:** A mulher também.

**Maria Augusta:** Os filhos lembravam-se do pai muitas vezes?

**B.:** Às vezes falavam.

**Maria Augusta:** E quando falavam faziam coisas?

**B.:** Não sei.

**Maria Augusta:** É que eu sei de uma menina que ficou sem pai e o que lhe dava muito prazer fazer era desenhos para mandá-los pelo Jesus para o pai.

**M.:** Mas como é que ela mandava?

**Maria Augusta:** Ela acreditava que o Jesus vinha buscar os desenhos e que os levava ao pai, mas de facto isso não acontecia.

**M.:** Onde é que ela punha os desenhos?

**Maria Augusta:** Ela punha precisamente junto ao Jesus, como ela era muito pequenina, tinha quatro aninhos, a psicóloga achou que a mãe devia ter um Jesus e fazer com que a menina não acreditasse que podia falar directamente com o pai, porque o pai já não estava vivo e como já expliquei, depois de morrer acabou-se tudo. Então ela falava com o Jesus...

**M.:** Acabou, só que eles conseguem-nos ver e nós não os vemos.

**Maria Augusta:** Para ela não acreditar que podia falar com o pai directamente, a psicóloga mandou pôr um Jesus e dizer à menina que falasse com o Jesus e ele depois é que levaria os recados ao pai.

**Maf.:** Mas Jesus também está morto!

**Maria Augusta:** Mas Jesus tem a capacidade de estar em todo o lado. Hoje a menina já está mais velhinha e já percebeu que o pai nem tão pouco pode ver os desenhos, porque se está morto está com os olhos fechados. A menina percebeu, mas naquele momento o que foi preciso fazer? A menina era tão pequenina que foi preciso arranjar uma estratégia para convencer a menina que embora tivesse perdido o pai, tinha ali uma pequena ligação com o pai, que era o Jesus que lhe levava todo o amor que ela tinha por ele e que não podia expressar porque ele estava morto.

**M.:** Então como é que eles estão de olhos fechados e toda a gente diz que eles nos conseguem ver?

**Maria Augusta:** Porque as pessoas dizem isso e outras coisas... Dizem-nas para nos animar... Se nós pensarmos bem, as pessoas depois de morrer fecham os olhos por completo.

**M.:** Mas podem morrer com os olhos abertos!

**Maria Augusta:** Mas se tu morres, o coração deixa de funcionar, o cérebro também, todos os teus sentidos falham. Mesmo que tenhamos os olhos abertos, o sentido da visão não está activo, não vês. O que as pessoas querem dizer com isso é que quando vão para o céu estão lá em cima a ver-nos, mas é uma forma carinhosa de dizer aos meninos que tanto Jesus como as pessoas que faleceram e que são da nossa família estão a olhar por nós. É uma forma carinhosa de nos fazer sentir seguras, de continuar a pensar que continuamos a ser amados por essa pessoa e continuarmos a lembrar-nos dela.

**M.:** Só que nós não os conseguimos ver a eles.

**Maf.:** A avó de uma amiga minha morreu e ela deixou de ir à escola durante três dias.

**Maria Augusta:** O que acontece depois das pessoas falecerem? O que é que os adultos têm de fazer imediatamente?

**M.:** Ir ao funeral.

**Maria Augusta:** Foi por isso que ela não foi.

**Maf.:** Mas também ela não ia ao funeral porque ela não é de cá, ela foi para a terra onde estava a família toda, só ela, o irmão e os pais é que estavam cá.

**Maria Augusta:** Ela não foi ao funeral, mas foi para essa terra e ficou entregue a alguém. Porque é que ela não foi ao funeral? Porque os pais se calhar não quiseram. Vocês já participaram em algum funeral?

**Todos:** Não.

**Maria Augusta:** Normalmente os vossos pais não querem que vocês participem em funerais.

**M.:** Porque assim choramos.

**Maria Augusta:** Foi o caso da menina. Foram os pais, fizeram o funeral e a menina não participou. O que acontece no funeral? A pessoa que morre vai para um caixão que é tapado. Depois o que é que as pessoas fazem para continuar a recordar aquela pessoa que morreu?

**R. F.:** Põe fotos.

**Maria Augusta:** Põe lápides e vão constantemente à campa pôr flores, vão visitar a pessoa. A pessoa não está a ver, nem quem vai visitar está a ver quem faleceu...

**Maf.:** As pessoas quando fazem anos fazem missa e há pessoas que não conhecem de lado de nenhum e vão na mesma.

**Maria Augusta:** Exacto, por respeito, por amizade, porque por certa forma lamenta a morte dessa pessoa. Querem manter a memória daquela pessoa presente, fazem missas em nome dela e participam, rezando por elas... Aqui há dias eu perguntei-vos o que é para vós a vida.

**M.:** Porque é que falamos sempre de morte?

**Maria Augusta:** Acontece, porque falamos de sentimentos, emoções e nas histórias tem acontecido, mas também falamos da família e dos amigos. No livro da Maria era uma pessoa

idosa e faleceu. Já repararam que a Maria era uma pessoa idosa e faleceu, mas a Maria Poeirinha não era. O que é que isto quer dizer?

**Maf.:** Porque a Poeirinha estava doente.

**Maria Augusta:** Nem só os idosos morrem, é uma circunstância que acontece a todos. Agora vão descrever o que é a morte para vocês.

*(Nota: Desenhar ou escrever o que é para as crianças a morte.)*

**M.:** Só não percebo uma coisa, se os nossos pais morrerem, com quem é que nós ficamos?

**Maria Augusta:** Ficas com a tua família, ficas com os teus avós.

**R. M.:** Pode ir para um orfanato também.

**Maria Augusta:** Tendo família ficas com os teus familiares, só no caso de não terem família nenhuma é que isso poderia vir a acontecer, só as crianças que não têm família nenhuma daqueles países de guerra onde as famílias estão separadas e divididas. Mas no nosso caso particular, quando isso acontece, há sempre familiares. Daí a importância da nossa família, não só pai e mãe, mas também o resto da família. Os padrinhos são os segundos pais, é por isso que temos padrinhos. Se alguma coisa acontecer ao vosso pai ou à vossa mãe, os padrinhos têm responsabilidade de assumir perante nós a nossa segurança, a nossa defesa, o nosso sustento.

Então, vamos terminar por hoje...

Boa Páscoa para todos e até à próxima.

18-04-2009

### **7ª Sessão:**

**Maria Augusta:** A Maria vinha a falar de uma menina de quatro anos que conseguiu definir o que era o amor, elas acharam engraçado, porque elas próprias não conseguiriam dizer tão bem o que era o amor. Uma das coisas que a menina falou foi em solidariedade.

**M.:** O que é isso?

**R. F.:** É ser solidário com as pessoas.

**Maria Augusta:** É ajudar as pessoas. Eu disse à M<sup>a</sup>M. que hoje tinha trazido uma história em que vamos falar sobre os amigos. Quando falamos em amigos falamos em amizade, em solidariedade, camaradagem.

**Maf.:** O que é isso?

**Maria Augusta:** É ser colega, ser camarada, ser amigo. Que características têm os amigos?

**J.:** Gostam uns dos outros, ajudam-se uns aos outros, gostam de jogar futebol juntos.

**Maria Augusta:** Muito bem, gostam de fazer coisas em comum juntos. No final, cada um vai definir o que são os amigos. Agora vou contar a história que se chama "Todos nós nos sentimos... Tristes" em muitas circunstâncias. Este menino está triste porquê?

**J.:** Porque partiu o robô.

**Mag.:** Foi o menino que se sentou em cima.

**Maria Augusta:** O robô partiu-se, foi uma tristeza para ele partir o brinquedo dele.

**M.:** Mas foi ele que partiu!

**Maria Augusta:** Pois foi, mas nós ficamos tristes na mesma. Ninguém teve culpa, mas acontecem coisas em que às vezes nós não temos culpa e são coisas que nos fazem ficar tristes na mesma.

**M.:** Mas se foi ele que se sentou em cima do robô, ele é que tem culpa!

**Maria Augusta:** Claro, mas ficou triste.

**B.:** E podia ter sido sem querer.

**Maria Augusta:** “ Quando nos sentimos tristes”... as pessoas têm muitas emoções diferentes. Podem sentir-se felizes, também podem sentir-se tristes. Como acham que o Samuel se está a sentir? Todos nós nos sentimos tristes de vez em quando. Qual foi a ultima vez que te sentiste triste?”

**Mª M.:** Quando me morreu a cadela.

**Maria Augusta:** Agora vou vos dar um papel e vocês vão escrever a pergunta e a resposta.

**M.:** Eu já não me lembro qual foi a ultima pessoa que morreu.

**Maria Augusta:** Pode não ter sido a morte de alguém.

**M.:** mas eu também queria dizer que foi quando a minha cadela morreu.

**Maria Augusta:** Então põe.

**Mag.:** Eu foi quando o meu cão foi para o Sr. Policia.

**J.:** A mim foi quando reprovei na prova de aferição.

**E.:** A mim foi quando morreu a minha ama.

**Maria Augusta:** O Samuel ficou triste porque estragou o robô. Agora vamos continuar. “ O que sentes quando estás triste? Quando estás triste podes ter vontade de chorar, podes querer que alguém especial te abrace, também podes querer passar algum tempo sozinho.”

**Mª M.:** O menino abraçou-se ao robô.

**Maria Augusta:** Quando vos aconteceu essa vossa ultima tristeza o que é que vocês fizeram?

**Mª M.:** Eu fui para a beira do meu irmão e chorei com ele.

**Maria Augusta:** Então escreve isso.

**J.:** Eu depois fiquei contente porque a professora disse que aquela pergunta era muito difícil.

**Maria Augusta:** Apesar de triste, ficas-te consolado, porque apesar de teres errado, a professora explicou-te que a pergunta era muito difícil e aí a tua tristeza desapareceu.  
E. e tu o que fizeste quando a tua ama morreu?

**E.:** Não sei.

**Maria Augusta:** Chorar? Ficar calado? Pensa em alguma coisa e responde.

**M.:** Eu fiquei triste.

**Maria Augusta:** E que reacção tiveste? Que emoção?

**M.:** Chorei muito.

**Mag.:** Eu senti-me triste e sozinha, fiquei com pena de ter perdido o meu cão e chorei.

**Maria Augusta:** Vamos continuar. “Ninguém gosta de se sentir triste, no entanto a tristeza não dura sempre. Em breve sentes-te feliz outra vez. Queres saber o que aconteceu ao Óscar e à Ana?” Isto são duas histórias. A tristeza é momentânea, aparece, nós reagimos à tristeza, isolamo-nos, choramos, vamos para o colo da mãe, pedimos ajuda aos amigos, mas depois a tristeza vai passando e voltamos a ser felizes outra vez.

**Mª M.:** Quando a minha cadela teve de ser abatida, eu só fiquei outra vez feliz passadas duas semanas.

**Maria Augusta:** Agora vou contar a história do Óscar, agora vamos entrar na questão dos amigos, na importância dos amigos para resolver as vossas tristezas e os vossos problemas, são uma grande ajuda. Não só os pais, os professores, mas os amigos, aqueles que têm a vossa idade, que convivem todos os dias convosco, partilham segredos, muitas ideias, muitas aventuras, muitas asneiras. Os vossos amigos às vezes são as melhores curas para tratar as vossas tristezas.

**Mª M.:** Às vezes não.

**Maria Augusta:** Se não são, não são amigos. Não achas?

**Mª M.:** Sim.

**Maria Augusta:** A história do Óscar: “ Eu chamo-me Óscar, quando comecei a ir à escola, alguns meninos foram maus para mim, gozavam comigo e chamavam-me nomes. Sentia-me muito triste e sozinho.” Estão a ver, este menino começou a ir à escola e os amigos começaram por ser maus para ele.

**J.:** Porque já existiam grupos de amigos.

**Mag.:** E ele estava sozinho, fora do grupo.

**Maria Augusta:** Exacto, não tinha grupo e não estava integrado.

**Maf.:** Uma menina nova depois das férias foi para a minha escola.

**Maria Augusta:** E o que vocês têm de fazer? Ajudá-la a integrar-se no grupo, na turma. Este menino, por azar, quando chegou à escola já estava os grupos formados e foram maus porque gozaram com ele.

**M.:** Mas ele é maior que os outros!

**Maria Augusta:** Mas não interessa a altura, interessa é os sentimentos e as emoções. O menino sentiu-se triste, sem amigos, mesmo sendo grande. O que é que ele podia fazer?

**Mª M.:** Podia-lhes bater

**Maria Augusta:** E o que é que isso resolvia?

**Mª M.:** Nada.

**J.:** Assim ainda ficavam piores.

**Maria Augusta:** Piores, porque a agressividade dele podia também gerar agressividade nos outros.

**Mª M.:** Ele também podia dizer às professoras e às funcionárias que eles gozavam com ele e não o deixavam brincar.

**Mag.:** Mas nesta escola não tinha.

**Maria Augusta:** Também podia, mas nesta escola também me parece que não existia funcionárias, nem professoras, ele está no recreio, está sozinho. Outra hipótese que ele podia fazer?

**Maf.:** Podia conversar com eles.

**Maria Augusta:** Exacto, tentar aproximar-se deles, negociando e tentando lentamente entrar nos grupos. Só que ele era um menino provavelmente envergonhado.

**Mag.:** É tímido.

**Maria Augusta:** Não somos todos iguais, há meninos mais envergonhados e outros menos. Conforme nós somos, assim nos portamos com os amigos.

**Mª M.:** Ontem fui a um ensaio do coro e há lá duas meninas que são muito envergonhadas.

**Maria Augusta:** Vamos continuar, “Um dia um menino chamado Manuel fez amizade comigo. Todos os outros meninos viram e não tardaram em querer brincar comigo. Agora estou feliz na escola.” Este menino conseguiu comunicar, conseguiu falar e tornar-se amigo deles. Este menino Manuel tornou-se amigo do Óscar e quando os outros viram começaram também a aproximar-se dele, começaram a dar-lhe valor porque ele sabia jogar à bola e deixaram-no entrar nos grupos.

“Quando vejo um amigo com um ar triste, tento tranquiliza-lo.”

**M.:** Quem é essa menina?

**Maria Augusta:** É uma menina que entrou para a escola.

**B.:** Entrou e ele não quer que lhe aconteça o mesmo que lhe aconteceu a ele.

**Maria Augusta:** Por isso teve a preocupação de a tranquilizar. O que é tranquilizar?

**Mª M.:** É dar paz.

**J.:** Ajuda-la.

**M.:** Dar amizade.

**Mª M.:** No terceiro ano havia um menino que gozavam muito com ele e eu e as minhas amigas íamos lá e dizíamos para ele brincar connosco, só que ele era muito envergonhado.

**Mag.:** Esse menino pode tornar-se amigo dela e depois irem juntos entrar nos grupos.

**Maria Augusta:** Exactamente, levarem a menina e ajudarem-na a integrar-se no grupo. Agora vamos ouvir a história da Ana. “Eu sou a Ana, Quando tinha três anos, a minha avó ofereceu-me um coelhinho, chamei-lhe Arnaldo. Eu brincava com o Arnaldo todos os dias.” Quem é o amigo desta menina?

**B.:** O Arnaldo.

**Maria Augusta:** Os amigos podem ser meninos, podem ser animais, podem ser os pais, podem ser muitas coisas, mas principalmente são meninos e animais. “Um dia o Arnaldo ficou doente, levamo-lo ao veterinário, mas não foi possível fazer nada para o curar.” O Arnaldo acabou por morrer, eu não sabia que esta história ia terminar assim.

**J.:** A pior coisa que podemos fazer é comprar outro igual porque depois lembramo-nos desse e como ele também vai morrer vamos ter o desgosto outra vez.

**B.:** Podem não lhe dizer que o animal morreu e dar-lhe outro igual porque assim é como se ele continuasse vivo.

**M<sup>a</sup> M.:** Eu também pedia para me darem outro igual, só que eu já tinha outra cadela e agora ela está comigo e nós guardamo-la muito bem.

**M.:** Tu disseste que não íamos falar mais de mortes!

**Maria Augusta:** Eu não sabia que esta história ia acabar assim, pensei que era só uma história de amizade. E é a amizade da menina pelo coelho.

**Maf.:** E a menina também ficou triste porque ele morreu.

**Maria Augusta:** “Não quis comer nada ao almoço. Passei a tarde a ver fotografias do Arnaldo, ri e chorei ao mesmo tempo.” A menina confortou-se com as fotografias, apesar de ter perdido o apetite, de não querer comer, acabou por se divertir ao ver as fotografias. A menina ao ver as fotografias estava a fazer o quê?

**Mag.:** A chorar.

**Maria Augusta:** E quando estamos a ver fotografias de pessoas já falecidas estamos a fazer o quê?

**J.:** Estamos a matar saudades.

**Maria Augusta:** Quem é que sabe o que é saudade?

**R. F.:** É sentir a falta de alguém.

**Maria Augusta:** Muito bem, então escreve aí.

**M<sup>a</sup> M.:** Para mim a saudade é ter um sentimento muito forte pela pessoa e nunca mais esquecê-la.

**M.:** A saudade é um sentimento forte, é sentir que temos falta de uma pessoa.

**B.:** É sentir que não conseguimos ficar sem uma pessoa.

**Mag.:** A saudade para mim é sentir amor, carinho e amizade pelas pessoas.

**Maria Augusta:** E tu Mafalda o que é para ti a saudade? Quando vais para os acampamentos o que sentes?

**Maf.:** Saudades dos meus pais, há meninos que até choram.

**E.:** Para mim é quando uma pessoa parte e sentir a falta dela.

**Maria Augusta:** É sentir a falta de alguém ou a falta de fazer alguma coisa.

“Eu ainda me sinto triste quando penso no Arnaldo, mas às vezes também me sinto feliz.”  
Estão a ver, ela tem boas recordações dele. O que é que nós guardamos quando as pessoas ou os nossos amigos partem?

**M<sup>a</sup> M.:** Eu guardei quatro fotografias para mim e quatro pedaços de pêlo.

**Maria Augusta:** Objectos, fotografias e recordações boas e felizes.

“Podes ajudar-me? Conheces alguém que esteja triste? Podes ajudar essa pessoa e ajudá-la a sentir-se melhor.” Agora eu quero que vocês escrevam no papel o que são para vocês os amigos, eu quero que me digam o que é que representam os amigos para nós.

**M.:** Posso dizer que são solidárias?

**Maria Augusta:** E o que é que isso quer dizer?

**B.:** Que são nossas amigas, que nos ajudam nos nossos momentos bons e menos bons.

**Maria Augusta:** Muito bem, estão presentes quando nós precisamos.

**Mª M.:** Para mim os amigos são pessoas que se unem e não se chateiam.

**M.:** Eu escrevi que para mim os amigos são solidários.

**Maria Augusta:** E porque é que são solidários?

**M.:** Porque eu gosto muito deles.

**Maria Augusta:** Mas isso não quer dizer solidário.

**B.:** Porque são tuas amigas e ajudam-te quando precisas.

**Maria Augusta:** Exactamente, porque são teus amigos e estão sempre prontos para te ajudar quando tu precisas.

**M.:** Mas podemos pôr os primos como amigos?

**Maria Augusta:** Claros, os primos, os pais, os tios são todos amigos.

Muito bem, já estão todos entregues. Até para a semana.

30-05-2009

### **8ª Sessão:**

**Maria Augusta:** Bom dia a todos. Hoje temos connosco a professora F. e a Professora M. (elementos do Timbra) que estão aqui para nos contar duas histórias. Primeiro vamos ouvir a história: "O livro da avó".

#### **(Nota: Visualização do vídeo sobre a história "O livro da avó")**

##### **O livro da avó**

"A minha avó disse-me uma vez fazes-me falta. A minha avó era muito, muito, muito velha. Ela contava-me histórias de quando a minha mãe era pequena como eu e brincava descalça.

A minha avó nem sempre era amável, noutras ocasiões beijava-nos e isso era bom.

Cada vez que saía da casa dela, via-a desaparecer ao longe. E de cada vez que voltava era uma festa. Os bolos, os primos, a Coca-Cola, os carinhos...

Muitos anos passaram, mas eu de vez enquanto tenho vontade de dizer muito alto: Fazes-me falta!"

**Maria Augusta:** Gostaram da história?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** O que é que vocês acham que fazia falta a este menino?

**Todos:** A avó.

**Maria Augusta:** Exactamente, eu também percebi que a avó deve ter falecido.

**M.:** Eu só não percebi ali uma coisa, foi quando ele disse que a avó não era sempre má.

**Professora Fernanda:** A avó não era sempre amável. O que é que quer dizer isso?

**B.:** Que não era sempre amiga.

**Mª M.:** Porque o menino às vezes portava-se mal e a avó chamava-lhe à atenção.

**Professora Fernanda:** E não é assim com todos vocês?

**Todos:** Sim.

**Maria Augusta:** Nem toda a gente está sempre bem disposto ou tem de ser amável com todos. Mas há momentos em que as pessoas têm de ser chamadas à atenção, é o caso da avó. Quando ela não estava amável, é porque os meninos se estavam a portar mal.

**Professora Fernanda:** A avó de vez em quando tinha de pôr aquela máscara de chamar à atenção.

**Maria Augusta:** Mas o menino depois da avó falecer sentiu a falta dela. Agora vamos perguntar às professoras se elas têm outra história para nos contar.

**Professora Fernanda:** Sim, temos outra história.

**Maria Augusta:** Vamos agora ouvir a outra história e depois fazem um resumo.

**MªM.:** Podemos fazer em banda desenhada?

**Maria Augusta:** Sim podem, mas tem de ser com legendas. Esta foi uma história pequenina, mas muito bonita. Agora vamos ouvir a outra história.

**Professora Madalena:** A segunda história que temos para contar chama-se “O meu pai”. Esta história é sobre um menino que vai contar algo que se passou com ele.

### O meu Pai

“Este menino vivia com a mãe e com a irmã, todos os dias ele ia para a escola.

O meu pai não vive connosco – dizia o menino. Disseram ao menino que ele vivia noutra terra, numa terra muito distante e o menino imaginava onde seria essa terra.

O menino adorava fazer desenhos, contar histórias que ele próprio inventava. Então dizia que gostava de desenhar o pai. Eu tenho um pai só meu – dizia ele. E às vezes quando estou sozinho falo com ele e até já o levei a passear no jardim do meu bairro – dizia ele aos outros meninos.

Um dia o menino contou os passeios que dava com o seu pai. E à noite dizia que o pai lhe contava coisas da terra onde ele vivia.

Então, um menino que se chamava João começou a rir-se e disse: É mentira, tu não tens pai nenhum.

O menino ficou zangado e disse: Tenho um pai só meu, tu nunca o viste porque só eu o posso ver. O menino ficou furioso e depois ficou triste. Então decidiu ir para a casinha pequenina que existia no canto da sala.

Depois veio a amiga Susana e ficou muito calada, passou muito tempo e a Susana sempre ali muito calada, não se mexia. Eu estava farto de estar ali, levantou-se para ir fazer barro. Quando ia a passar pela Susana ela disse muito aflita: Cuidado, olha que pisas o meu coelho! O menino ficou muito espantado. A Susana tinha um coelho só dela! Mas o menino conseguia vê-lo.

Então, o menino levantou-se e passou por ela com muito cuidado para não pisar o coelho. Tão contente, foi ter com os outros meninos que tinham ido para o quintal da escola.

Vitória, vitória, acabou-se a história.”

**Maria Augusta:** Muito bem, uma história muito gira. Quem quer falar sobre a história? Afinal o menino encontrou alguém parecido com ele. O menino tinha um pai só dele, eu acho que o

menino queria era dizer que tinha um pai que não estava com ele, não estava presente. O que queria dizer isso?

**Mª M.:** Que podia estar distante.

**B.:** Ou podia ter morrido.

**Maria Augusta:** Mas o menino vivia como se o pai estivesse sempre presente, ele via o pai, ele conhecia o pai. Ele tinha encontrado uma amiga que tinha a mesma situação.

**Mª M.:** Só que era com um coelho.

**Maria Augusta:** Era um coelhinho especial, só ela é que o via.

**M.:** Mas ele conseguiu vê-lo.

**Maria Augusta:** Conseguiu porque ele era igual a ela, tinham a capacidade de ver aquilo que queriam e aquilo que gostavam, viam as coisas ou as pessoas de quem gostavam.  
Agora vão fazer um resumo da história “O livro da avó”.

**(Nota: Desenho s e um resumo da história “ O livro da avó”.**

**Maria Augusta:** Muito bem, agora vão fazer este trabalhinho. Escrevem para cada palavra o que significa para vocês. E depois vão escrever qual era o problema do menino.

**(Nota: Trabalho sobre a história “O meu Pai”.)**

**Maria Augusta:** Muito bem, já acabaram todos, para a semana tornamo-nos a encontrar. Bom fim-de-semana para todos.

## **Anexo 4**

Transcrição das entrevistas aos Pais

# RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS AOS PAIS

## 1. Qual o papel que ocupa na família?

- 1- Mãe/R.: Mãe
- 2- Mãe/Mag.: Mãe
- 3- Mãe/B.: Mãe
- 4- Mãe/M.: Mãe
- 5- Mãe/E.: Mãe

## 2. A sua idade situa-se entre, e a do seu cônjuge/companheiro(a):

- 1- R.:
  - Mãe: b) 30-39
  - Pai: b) 30-39
- 2- Mag.:
  - Mãe: c) 40-49
  - Pai: -----
- 3- B.:
  - Mãe: b) 30-39
  - Pai: b) 30-39
- 4- M.:
  - Mãe: b) 30-39
  - Pai: b) 30-39
- 5- E.:
  - Mãe: 40
  - Pai: 43

## 3. Qual é a sua profissão?

## 4. Qual é a profissão do seu cônjuge?

- 1- R.:
  - Mãe: Empregada de Balcão
  - Pai: Motorista
- 2- Mag.:
  - Mãe: Educadora de Infância
  - Pai: -----
- 3- B.:
  - Mãe: Controladora de qualidade
  - Pai: Técnico de informática

4- **M.:**

- Mãe: Cabeleireira
- Pai: Técnico de electrónica

5- **E.:**

- Mãe: Empregada Fabril
- Pai: Bancário

**5.Quantos filhos têm?**

1- **Mãe/R.:** 2

2- **Mãe/Mag.:** 2

3- **Mãe/B.:** 2

4- **Mãe/M.:** 1

5- **Mãe/E.:** 3

**6. Que idade têm? \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos**

1- **Mãe/R.:** 10 anos/ 17 anos

2- **Mãe/Mag.:** 8 anos/ 18 anos

3- **Mãe/B.:** 9 anos/ 5 anos

4- **Mãe/M.:** 7 anos

5- **Mãe/E.:** 17 anos/20 anos

**1- Já viveu de perto um luto? De quem?**

1- **Mãe/R.:** Já vivi o luto do meu cunhado e da minha sogra, não eram pessoas que me eram muito próximas, mas eram pessoas com quem me relacionava bastante porque estavam sempre presentes.

2- **Mãe/Mag.:** Sim, mais que um.

3- **Mãe/B.:** Sim, um primo.

4- **Mãe/M.:** Sim, do meu primo.

5- **Mãe/E.:** Sim, da ama do E. e do meu irmão.

**Questões de Transição**

**1– Quem partilhou consigo de perto essa vivência?**

**Falemos agora, especificamente d(a)/d(o).....**

**1- Mãe/R.:** O caso da avó, ela presenciou, apesar de não ter percebido directamente, depois mais tarde eu disse-lhe. Foi quando ela tomou realmente consciência. Do tio também fomos nós que lhe dissemos depois passado algum tempo. Ela era mais pequena, mas também custou a aceitar.

**2- Mãe/Mag.:** Os meus familiares, incluindo os filhos e amigos mais próximos.

**3- Mãe/B.:** Os meus irmãos, os meus pais e o meu filho principalmente. O B. na altura tinha 6 anos.

**4- Mãe/M.:** O meu marido, os meus irmãos e a M. também.

**5- Mãe/E.:** O E.

## Questões Chave

### 1- Quem participou ao seu filho(a) a morte do familiar? Quando?

**1- Mãe/R.:** Quase logo no caso da avó, quando chegamos ao hospital dissemos-lhe.

**2- Mãe/Mag.:** Fui eu que participei à Mag. tanto a morte do pai, como recentemente a morte da avó materna.

**3- Mãe/B.:** Fui eu logo no dia em que me telefonaram e como ele estava perto de mim contei-lhe.

**4- Mãe/M.:** Fui eu que lhe participei no próprio dia.

**5- Mãe/E.:** Fui eu que lhe disse.

### 2 – Que lhe disse concretamente? Usou de artefactos para lhe dar a notícia?

**1- Mãe/R.:** No caso do tio, ela era mais pequena, a gente falou-lhe que o tio ia para o céu, que ele ia estar sempre preocupado com ela e que ele ia estar sempre presente na vida dela. Ela sabia que ele gostava muito dela e portanto que ele ia continuar a zelar por ela como zelava quando estava connosco.

No caso da avó, como ela era mais velha, ela sabia que a avó estava doente e dissemos-lhe directamente que a avó tinha falecido.

**2- Mãe/Mag.:** Relativamente à morte da avó não me foi muito difícil contar-lhe, porque ela sabia que a avó tinha estado hospitalizada e embora já estivesse em casa, não estava melhor. No fim-de-semana anterior do seu falecimento esteve com ela o que talvez a tenha ajudado a aceitar a morte melhor, havia se despedido inconscientemente.

Quanto ao falecimento do pai quase há 4 anos, foi uma situação dramática para todos e principalmente para ela que teria 4 anos e meio. Foi-me muito difícil de lhe contar directamente e no próprio dia. Aconselhei-me com uma psicóloga e só passados dois dias lhe dei o primeiro sinal de que o pai estava muito mal, no hospital mas não podíamos visitar.

Ela sabia que ele tinha uma dor no ombro e braço direito, aproveitei esse fecho para lhe dizer que a dor aumentou, piorou e teve de ficar hospitalizado porque entretanto o coração dele não estava bem e tinha de ser vigiado e tratado pelos médicos.

Usei de alguns artefactos, a conselho do psicólogo para a preparar lentamente e gradualmente no sentido da doença, estava a avançar para uma fase terminal e ao fim do 2º dia contei-lhe que tinham telefonado do hospital a confirmar a morte; o coração não havia aguentado o sofrimento!

**3- Mãe/B.:** Disse que o primo tinha falecido, ele já sabia que o primo tinha tido um acidente, que se queimou e que tinha estado dois meses no hospital do Porto. No princípio havia perspectivas, mas as coisas depois correram mal. Portanto o B. estava a par da situação porque também estávamos a acompanhar os filhos dele e a esposa. Não usei de artifícios para lhe contar a noticia, usei simplesmente a verdade.

**4- Mãe/M.:** Foi de forma directa porque ele já estava doente, esteve internado um mês. Ela já sabia do estado critico em que ele estava e quando soubemos da notícia ela estava connosco e apercebeu-se.

**5- Mãe/E.:** A senhora ficou doente e em três semanas ela faleceu, ela esteve internada e a morte dela nunca foi muito esclarecida. Primeiro disseram que foi trombozes, depois já diziam que foi um abc! Ela pediu para ver o E. e ele foi lá vê-la, depois contamos-lhe e ele aceitou muito bem. Não notamos alterações, às vezes perguntávamos se ele tinha saudades da “F.” e ele começava a contar quando ela lhe trazia chocolates. Depois também contava que o tio M. tinha deixado de fumar dentro de casa porque a “F.” não gostava. Ele falava bastante dela!

Quando ela faleceu dissemos-lhe que Jesus também precisava de uma ama lá em cima e que ela tinha partido.

### **3 – Como reagiu a criança? Notou mudanças no seu comportamento? Especifique melhor.**

**1- Mãe/R.:** Ficou muito triste como é óbvio. No caso do tio a preocupação dela era a prima porque era mais pequena, não queria que a prima soubesse. Andou ali como se fosse uma pessoa adulta, tentou encarar a situação como os adultos, de forma a proteger a prima.

No caso da avó, já tinha mais consciência, ficou muito triste, chorou muito, mas depois a preocupação dela era não chorar nem ficar triste ao pé do avô e do pai.

Nos primeiros dias notei diferenças no comportamento dela, ficava muito triste, chorava por todos os cantos, mesmo hoje quando se lembra e quando está mais consciente, ela chora e tem saudades.

**2- Mãe/Mag.:** Muito mal. A Mag. teve crises de choro, ansiedade, teve de ser apoiada por um psicólogo.

Tornou-se muito chorona, dependente dos adultos e sobretudo de mim, por ter medo que eu morresse também e ela ficasse só. Dormiu comigo durante muito tempo...

Dormia muito mal, precisava de tomar calmante à noite para induzir o sono, pois à noite era o pior momento do dia, quando ela se lembrava muito do pai. Era muito agressiva comigo e culpava-me de não a levar ao “céu” a ver o pai.

**3- Mãe/B.:** O B. abraçou-se a mim e disse: deixa lá mãe. Foi mais adulto do que eu para lhe ser sincera.

Não notei mudanças no comportamento dele, nem nos primos dele.

**4- Mãe/M.:** A M. surpreende-me sempre um bocado, ela reagiu bem! Eu não aceitei, mas ela aceitou, embora ela não fale muito no assunto. Ela vai visitar o primo as vezes que quer, aliás, mais vezes do que eu, mas não fala.

Ela conviveu mais com os filhos do meu primo antes e depois dele falecer, mas o comportamento dela continuou normal, embora ela tente dar sempre carinho àqueles que ela pensa que precisam mais. Por exemplo, ela acha que não pode dizer que está a sofrer, quando acha que os filhos dele sofrem mais.

**5- Mãe/E.:** Na altura não notei mudanças, mas agora noto que o E. tem uns medos! Se a morte da ama tivesse sido recente, eu dizia que esses medos tinham a ver com isso. O E. meteu na cabeça que o irmão tem de estar em casa na hora de ele ir para a cama, ele tem medo de ficar sozinho porque tem medo que alguém o esteja a espreitar! Eu não associo isto à morte da “F.”, ele começa a crescer e diz que o irmão sai e ele não sai, com nove anos já começa a ser espertalhão.

Fala naturalmente da ama e vai à casa dela às vezes quando a família faz festas, o Eduardo faz parte do grupo da família. Também vai dormir à casa da filha dela que agora está grávida, ela gosta muito do E.. Lá ele também não dorme sozinho, gosta sempre de dormir com alguém.

#### **4 – O que a preocupou mais a si? E à criança? Que dúvidas tinha?**

**1- Mãe/R.:** O facto de nunca mais poder ver aquelas pessoas, o facto de as pessoas desaparecer completamente da vida dela. Ela sabia que não ia voltar a ter o carinho delas, acho que isso foi realmente o que mais a preocupou.

Ela não teve dúvidas, essas curiosidades nunca perguntou, fica um bocado cautelosa em relação aos cemitérios, não gosta de ir, apesar de a gente ir todas as semanas contra a vontade dela. Ela diz para eu ir sozinha que ela fica no carro, mas quando tem de ir vai e conversa com a avó.

A mim o que mais me preocupou foi ser difícil ela superar isto tudo.

Acho que ouve diferenças em relação aos dois casos, acho que no segundo ela já estava mais madura, talvez porque já tinha passado por isso uma vez, talvez porque era mais velha, ou talvez porque a avó também já estava doente e foi um processo gradual. Ela foi-se habituando à avó estar doente, já previa que ia acontecer uma situação destas. Com o tio, foi uma situação diferente e o choque foi muito grande.

**2- Mãe/Mag.:** A mim preocupou-me muito o sofrimento dela. Não sabia como e quando ela aceitaria a morte do pai e o que ela poderia causar em termos de distúrbios emocionais e comportamentais no futuro.

A ela preocupava-lhe a ideia de não se ter despedido do pai... de não o poder ver mais... de ter saudades e não conseguir resistir... de não ter mais um pai como os outros meninos.

Perguntava-me onde estava o pai... como tinha ido para o céu... se ele não podia vir dar-lhe um beijo e voltar... como ia viver sem pai... Enfim, ela vivia muito angustiada pela perda do pai e por alguma incompreensão face ao processo que implica morrer, que ela não conseguia compreender na sua totalidade devido à idade precoce.

**3- Mãe/B.:** Era ele confundir as coisas e ficar preocupado, não saber lidar muito bem com aquilo que aconteceu. Mas, acho que o B. reagiu muito bem, reagiu de uma maneira muito bem e entendeu muito bem. Acho que ele reagiu assim porque já sabia que o primo estava hospitalizado em estado grave e também porque ele era meu primo, não era propriamente um primo dele. Embora ele gostasse dele, só estava com ele quando eu me encontrava com ele. Acho que o que poderia ter afectado ao B. era saber o porquê de isso lhe ter acontecido, era o que mais lhe preocupava. Ele queimou-se com aguardente numa brincadeira com amigos e isso é que afectou o B., porque ele ficou a pensar porque é que ele fez aquilo, o B. sabia que aquilo era ilegal. O facto de ele falecer, acho que ele estava mais mentalizado do que eu. Achava que ele ia recuperar porque ele era muito forte, mas o B. achava que não, porque ele capta muito bem as conversas e ouvia o que eu e a esposa dele dizíamos.

As circunstâncias de como aconteceu é que o preocupou, durante uns tempos ainda falava disso. Dizia-me para não fazer as asneiras que o primo fazia, dizia que eu tinha de pensar nos outros. Depois da morte do meu primo ouve o desânimo dos filhos, da esposa e ele acompanhou, ele apercebe-se muito bem das coisas e acho que isso é que o marcou um bocadinho. O primo foi ajudar os amigos e numa sequência trágica a família ficou destruída porque ele era um pilar para aquela família.

**4- Mãe/M.:** Preocupou-me o facto de a M. fazer muitas perguntas e às vezes pergunta coisas que eu não consigo responder devido à idade dela. Às vezes tenho de ser directa porque ela faz muitas perguntas como os adultos.

Ela pergunta onde é que ele está, se ajuda...ela sabe que o primo depois da morte nunca mais volta.

**5- Mãe/E.:** A minha preocupação era que ele me fugisse para a casa da ama porque ele muitas vezes chegava a casa e dizia que ia à casa dela. Mas isso nunca me aconteceu, talvez porque já não morava lá ninguém. Como esse movimento acabou por ali, foram muitas perdas para ele. Quando a filha dela casou logo a seguir fez um quarto para o E. e isso para ele foi uma coisa nova. O E. sentiu que a ama foi substituída, é por isso que eu no que poder ajudar a filha dela vou fazê-lo porque ela também ajudou muito o meu filho a ultrapassar a perda da ama.

Ele este período desceu a matemática, achava que tinha algum problema, mas se calhar a culpa foi nossa. Nós ajudamos a fazer os deveres só que ela ensinou as contas de dividir diferente de nós e dos meus filhos.

Quando fiz as bodas de prata ofereci o ramo ao meu pai e ao meu irmão porque foram pessoas que foram ao meu casamento. Na comunhão dele quis dar o ramo à "F." e a filha e o marido dela acompanharam-no ao cemitério. A família dela gostava muito do E. porque diziam que quando havia alguma zanga entre os casais ele unia-os.

O E. fazia muitas perguntas, perguntava que roupa é que ela levava no funeral porque ela arranjava-se muito bem. Como ela ia sem óculos, ele achava que ela estava diferente e que não estava tão bonita. Nós dizíamos-lhe que as pessoas quando partem é porque fazem falta noutra lugar.

A outra senhora que morreu à pouco tempo também deixou os morangos para o E. e é ele que vai lá apanha-los. Ele também aceitou porque a viu doente e não dramatiza. Ele percebe que a pessoa não volta, mas por vezes pergunta se um dia a vai encontrar! Nós dizemos-lhe que vamos, digo-lhe que às vezes tenho saudades do meu pai e que um dia vou encontra-lo. Também lhe digo que as pessoas partem mas que nós continuamos ligadas a elas, quando sentimos falta delas é porque elas também estão a pensar em nós.

## **5 – A criança participou de algum ritual fúnebre? Por exemplo:**

### **a) - Funeral**

- Missa
- Luto (negro)
- Visitas ao cemitério
- Celebração de datas/aniversário
- Arrumar os objectos pessoais
- Guardar recordações

1- **Mãe/R.:** Foi à missa de sétimo dia, do mês, vai a algumas visitas ao cemitério e vai à celebração de aniversários em missas. Tem também as fotografias da avó e do tio.

2- **Mãe/Mag.:** Não, de nenhum.

3- **Mãe/B.:** Não, eu não quis.

4- **Mãe/M.:** A M. só foi à missa de sétimo dia e visita o cemitério sempre que ela quer e vai muitas vezes sozinha porque nós moramos relativamente perto. Às vezes nós ficamos em casa e ela vai lá sozinha, ela sente necessidade de ir lá e gosta de ir sozinha.

5- **Mãe/E.:** Sim, no caso da ama ele foi ao funeral, vai às festas de aniversário que fazem para não esquecer a mãe e é uma maneira de a família se juntar toda. Acho que para eles a presença do E. também é uma forma de ultrapassarem o luto. Mas o E. está a crescer e começa a deixar de querer ir, acho que quando ele se desligar do luto também se vai desligar da família.

**b) Se sim, porque o fez?**

**Se não, porque o não fez?**

1- **Mãe/R.:** Ela não foi aos funerais porque não quis.

2- **Mãe/Mag.:** Achei que estando tão confusa, angustiada e infeliz qualquer participação nessas cerimónias poderia criar-lhe mais instabilidade emocional.

3- **Mãe/B.:** Foi visitar no Domingo com a minha irmã e a M., porque a meu ver a M. ficou mais abalada porque ela estava mais próxima dele e era mais pequenina. Uma vez ficou a dormir com a M. e foi com ela pôr flores lá, mas acho que sinceramente para o B. não foi nada assim que o incomodasse. Ele levou isso como um gesto de carinho, prestar uma homenagem ao primo, acho que com isso ele não ficou marcado.

4- **Mãe/M.:** Não nos diz porque é que vai sozinha, diz que chega lá, olha para ele e fala com ele.

5- **Mãe/E.:** Na altura ele não queria ir ver a "F.", mas depois no dia do funeral quis ir, mas não ficou à minha beira, foi dar a mão à filha da ama. Só no cemitério é que o fui buscar para a nossa beira e ele nem falou. Aceitou tudo, apesar de ficar triste aceitou.

**6 – Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade que se tenha apercebido?**

1- **Mãe/R.:** Apenas vê fotografias, não criou nenhum ritual, às vezes gosta de falar sozinha. Ao deitar ao princípio rezava uma oração, mas agora já se desabitou.

2- **Mãe/Mag.:** A Mag. adquiriu alguns rituais próprios de viver o seu luto. A psicóloga aconselhava-me a usar o menino Jesus, como um companheiro, amigo eterno do pai. Por isso ela falava com o Jesus e mandava-lhe dar o recado ao pai... fazia desenhos e pedia ao Jesus que lhe desse a ler ao pai...

Enfim, quando ela adormecia eu guardava-as claro...

Via os álbuns de fotografias... mostrava-as aos outros... levava para a escola e oferecia às professoras.

No dia do pai colocava a prenda junto ao Jesus e pedia-lhe que lhe entregasse...

Preocupava-se em ter sempre flores na jarra junto ao Jesus e à fotografia do pai...

Falava muito dele... contava situações passadas...

Durante muito tempo a Mag. viveu com estes rituais que a ajudaram a ultrapassar a fase de negação e de raiva, controlada com o calmante até ter aceite a morte do pai como irreversível. Quando percebeu que estar morto é deixar de ver e ouvir... não fez mais desenhos nem mandou recados... não valia a pena, dizia ela!

3- **Mãe/B.:** Não fez rigorosamente nada de diferente. Daquilo que me compete e daquilo que tenho conhecido do meu filho, ele tem de saber a verdade e tem de a entender. A partir do momento que ele a entende, ele aceita, ele não gosta de ficar com dúvidas, tem de perceber o porquê. A partir daí aceita a natureza das coisas.

**4- Mãe/M.:** Acho que o ritual que ela criou foi ir ao cemitério sozinha para estar com ele e para falar com ele.

Uma altura no dia de todos os Santos ela quês muito ir levar flores ao primo e eu não queria ir. Fiz tudo por tudo para ela não perceber que era aquele dia, mas ela foi teimosa, fez um desenho e quês ir lá levar. Numa cartolina fez corações e escreveu o que lhe deu na cabeça e depois foi lá entregar.

**5- Mãe/E.:** Ele fala bastante nela, guardou fotografias e escrevia desenhos. Um dia fez um desenho e escreveu para a “F.”, nós íamos pôr no cemitério mas depois achamos que a família ia ver e podia causar sofrimento. O E. preocupava-se muito se a campa estava bonita, como ela gostava de plantas bonitas ele preocupava-se com isso.

## **7 – Que comportamentos revelou ela na Escola? Teve apoios e de quem?**

**1- Mãe/R.:** Não notei diferenças, apesar que nos primeiros dias a professora chamou-me e disse que ela chorava muito na sala, estava desconcentrada e nervosa. Teve apoios da professora e nossos.

**2- Mãe/Maq.:** Na escola, pelo que me foi dito tornou-se muito dependente dos adultos e de uma ou outra amiga. Chorava facilmente, medrosa com ruídos, portas fechadas, ausência dos adultos e situações novas e estranhas.

Teve o apoio incondicional da Educadora e Auxiliar, bem como de todos os adultos do colégio.

**3- Mãe/B.:** Não, ele na escola quês contar como sendo uma novidade, mas não foi nada que alterasse o comportamento normal dele. Acho que ele ficou mais incomodado com a morte do pai de uma menina da sala dele porque ela ficou muito triste e tinham de fazer muitas coisas para ela não ficar triste. Neste caso ele viveu mais de perto, acho que ainda hoje ele tem esse cuidado porque à F. há determinado coisas que não se pode dizer. Não conhecia o senhor de perto, mas sentiu a dor da amiga.

Na escola ele partilhou a morte com a professora e com os colegas, mas foi ele que quês contar e não teve problemas nenhuns a esse respeito.

**4- Mãe/M.:** Não, só passado um mês é que ela contou na escola o que se passou. Ela na altura andava no infantário e a educadora sabia, mas só passado um mês é que a Mara contou a toda a gente, porque pediu muito uma flor do jardim do infantário para trazer para o tio. Nessa altura ficaram todas as pessoas do colégio a saber, naquele dia devia ter sentido necessidade de desabafar. Ninguém queria tirar as flores do jardim, mas quando ela disse que era para o tio deram-lhe! A partir daí fechou-se de novo!

**5- Mãe/E.:** Não, ele teve sempre boas notas. Na altura na escola ele era o centro das atenções e nós achávamos que o ajudavam muito, principalmente a professora porque ele admira-a muito. Eles tiveram muita sorte com a professora que tiveram, ela já tem um bocado de experiência, também é mãe e ajudou.

**8 – Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.**

**1- Mãe/R.:** A R. viveu o luto de forma isolada, todas as pessoas vivem o luto da mesma forma e as pessoas guardam o luto muito para elas. Ela quando a avó faleceu não ficou connosco nos primeiros dias porque íamos para fora. Como ficou em casa de pessoas estranhas, ela não chorou, ou melhor, chorava mas não queria dar a entender aquilo que sofria. Quando chegou a casa e ficou sozinha comigo chorou muito. Depois de chorar ela disse-me que já estava mais aliviada.

**2- Mãe/Mag.:** Acho, pelo que vi acontecer com a minha filha... imaginei que se não tivesse tido apoios (psicóloga particular \* Professora e Auxiliar e amigos) não lhe seria fácil ultrapassar tamanho desgosto que a perda do pai lhe causou.

Agora está mais autónoma, auto-confiante, mas ainda apresenta alguma dificuldade nos relacionamentos com as colegas.

Quando é rejeitada sofre muito e não sabe defender-se dessas “maldades” dos colegas. Quando a magoa e chora depois...

**3- Mãe/B.:** Acho que pode, como no caso dessa colega do B. que estava a fazer um luto e se não houver entreaduda, aí pode interferir nas relações com os outros. A menina isolava-se e a professora chamou à atenção e pediu aos restantes colegas para ajudarem e acho que ela superou até relativamente bem. No dia que o pai faleceu ela foi para a escola, o que achei um acto de coragem por parte da mãe.

**4- Mãe/M.:** Pode, se nós também os compreendermos um bocado, se não os ajudarmos.

**5- Mãe/E.:** Acho que pode interferir, embora não tenha sido o caso do E.. Depende como as crianças aceitam, como ele também tem dois irmãos mais velhos também ajudou, foram vários factores que contribuíram para que o luto fosse bem ultrapassado

**Os adultos tendem a esconder os sinais de morte à criança.**

**1 – Acha que este procedimento está correcto? Como acha que deveria ser? Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?**

**1- Mãe/R.:** Depende da idade da criança, quando elas são demasiado pequenas. Apesar que sou a favor de não esconder nada a ninguém. Acho que se deveria dizer sempre a verdade às crianças, elas devem encarar a vida tal como ela é porque mais cedo ou mais tarde todos nós passamos por uma situação destas.

**2- Mãe/Mag.:** Acho que não devem esconder, nem mentir... mas, pela minha experiencia não podemos tratar todos por igual...

Há que ter em atenção a proximidade afectiva do falecido, a idade da criança e o seu temperamento... Vários factores contribuem para que ela tenha ou não capacidade de assimilar uma noticia tão dura!

A verdade deve ser dita à medida exacta e gradual deste conjunto de factores... compreendendo e aceitando a sua repulsa ou curiosidade face ao assunto.

Gostaria apenas de dizer que as crianças, às vezes, surpreendem-nos e sem que nos apercebermos elas estão a dar-se conta destes sinais e a geri-los sozinhas.

O importante é sabermos ajuda-las a perceber medindo o que fazemos e dizemos, a cada instante.

Elas acabam por compreender, à medida da sua maturidade e sentem-se confiantes quando falamos a verdade, confiamos nelas e ultrapassam mais facilmente falando naturalmente das coisas.

**3- Mãe/B.:** Não, acho que as crianças para poderem entender e continuarem a sua vida temos de falar sempre a verdade, porque aquilo que se esconde hoje não se consegue esconder amanhã e a criança começa a fazer juízos de valor do porquê de ontem me terem dito aquilo e agora me estarem a dizer o contrário! Se dissermos sempre a verdade, eles sabem que podem sempre contar connosco porque estamos ali para qualquer assunto.

**4- Mãe/M.:** Acho que não está correcto, a morte apanha-nos de surpresa a qualquer momento, por isso acho que a criança deve estar preparada para a realidade porque mentir não é bom! Eles ficariam tristes duas vezes!

No caso da M., senti que quando eu estava triste, ela tinha uma postura de alegre e forte para me alegrar a mim. A M. tem uma personalidade muito de adulto, eu sou a confidente dela, ela conversa muito comigo e há certas e determinadas coisas que é muito difícil de lhe explicar.

Ela é criança e faz muitas perguntas, na semana passada morreu a mãe de uma colega minha que faleceu e fui à igreja só lhe dar um beijinho. A M. foi comigo porque não tinha onde a deixar e pedi-lhe que ficasse no carro porque a quis poupar e porque achei que não era um sítio para levar uma criança. A M. é muito masoquista, é muito adulta e foi comigo à igreja. Estivemos um pouco na igreja, viemos embora e depois ela encheu-me de perguntas até casa. No final fiquei feliz porque ela perguntou-me onde estava a mãe da minha colega porque não a viu. Eu sou sincera, não gosto de ir ao cemitério, acho que somos masoquistas ao ir ver pessoas que já faleceram. Há quem diga que a pessoas isso faz bem, mas a mim não, já à M. isso faz-lhe bem e eu tenho que aceitar. Só não queria que ela visse alguém no caixão porque isso não é bom para ninguém. Fiquei contente quando chegamos a casa e ela disse que não viu ninguém, mas ela quer sempre ver tudo ao pormenor. Ela sabe o que é a morte, mas não sabe o que é um funeral porque eu ao do primo não a deixei ir! Na altura não a deixei ir porque ela só tinha 5 anos e foi um funeral muito marcante porque era uma pessoa nova e tinha sido um acidente brutal. Foi um roubo da vida e uma criança não percebe isso! Como também fiquei muito triste quando fui ao dos meus avós e não sabia porque as pessoas choravam, também não queria que a M. ficasse com essa imagem. Prefiro que ela fique com a imagem do primo como ele era para ela.

**5- Mãe/E.:** Acho que não porque depois a pessoa falta. Se lhe disserem que essa pessoa desapareceu, eles podem achar que ela não gostava deles! É natural as pessoas partirem, é muito mais difícil explicar quando morre uma pessoa nova. Normalmente partem sempre os mais velhos, a "F." era nova, acho que o E. um dia vai me perguntar se no céu há amas!

Uma altura ele quês saber como nasciam os bebés e nós brincamos com ele. Depois na escola deu educação sexual e descobriu que lhe mentimos e acho que foi um erro nosso!

Vai acontecer o mesmo quando ele se aperceber que no céu não há amas! Eu na altura vou-lhe dizer que se calhar até há, porque isto também tem a ver como a gente pensa em relação à nossa religião. Por aquilo que aprendemos, vou lhe dizer que é um anjo que olha por outras pessoas, porque eu agora não posso dizer que ela já não existe em lado nenhum... eu acredito que existe mais vida para além desta.

Eu digo-lhe muitas vezes que a nossa vida é uma passagem e que temos uma missão a nível profissional que tem de estudar muito porque um dia a família pode precisar da ajuda dele. O irmão dele tinha uma conta no banco e o E. também queria ter, então na comunhão dele queria juntar o dinheiro para abrir também uma conta. Nós conversamos com ele e dissemos que parte do dinheiro era para ajudar na festa e que o resto ia para a conta dele. Ele ao início não aceitou, mas nós tivemos que lhe dizer que não!

Acho que a morte deve ser contada o mais naturalmente possível e contar a verdade. Nós fizemos assim com o E., dissemos-lhe que a "F." morreu porque estava doente e que quando ele quisesse podia levar-lhe uma flor.

E acho que nunca se deve levar um filho à força só porque os outros dizem que devemos leva-lo porque nós nunca sabemos o que é melhor para eles! O E. na altura quiz ir ao funeral e eu achei bem não o contrariar. Ele viu o caixão, falou da roupa que ela levava. As pessoas perguntaram se ele não ficou com trauma....!

Quando a minha vizinha morreu, eu estava lá com ela e ajudei-a a partir, acho que eles precisam de calor humano nessa altura. O primeiro sentimento é sempre de pânico, mas depois é preciso ter calma e não se fica com trauma. Senti que a ajudei porque se dramatizarmos não as estamos a ajudar.

Nós só acreditamos naquilo que queremos, mas às vezes devíamos pensar que no meio da morte e destes sofrimentos há coisas boas!

## **Anexo 5**

Transcrição das entrevistas aos Professores/Outros

## RESPOSTAS ÀS ENTREVISTAS AOS PROFESSORES/AUXILIARES

### 1.A sua idade situa-se entre:

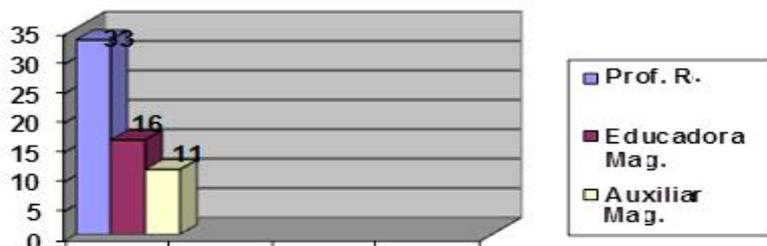
Quadro 13 - Idade dos Docentes/Auxiliar entrevistados

Idades	30-40	40-50	50-60
Nomes			
Prof. R.			x
Educadora Mag.	x		
Auxiliar Mag.		x	

Neste quadro verificamos que as Docentes e Auxiliares, num total de três, têm idades bastantes díspares, pelo que poderão vir a constituir-se ou não uma variável relevante quanto à forma de encarar e gerir as questões relacionadas com a Morte.

### 2.Há quanto tempo é Professor(a)?

Fig. 10 - Anos de Docência



Constatamos, nesta figura, que uma das inquiridas tem cerca do dobro dos anos de docência que as restantes e esse factor poderá, porventura, ter-lhe permitido ter a oportunidade de registar mais experiências no âmbito do nosso estudo. Não pensamos, todavia, que essa possa ser uma dedução linear, mas apenas hipotética, porquanto uma situação não leva directamente à outra, apenas o acaso.

## Tem filhos? Quantos?

Quadro 14 – Nº de filhos dos entrevistados

Tem filhos? Quantos?	Sim	Não	Nº
Prof. R.		x	0
Educadora Mag.	x		2
Auxiliar Mag.	x		2

Este quadro, possibilita – nos verificar que apenas uma das entrevistadas não terá tido filhos. Esse facto apenas nos revela que, como mãe, nunca terá sabido/conhecido o sofrimento de um filho em eventuais casos de perda, concretamente a Perda por Morte na família.

Que idade têm? \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos \_\_\_\_\_ anos

Quadro 15 – Idade dos filhos

Que idade têm? Idades	0 – 5 anos	5 - 10 anos	10 – 20 anos
Prof. R.	---	---	
Educadora Mag.	x	x	
Auxiliar Mag.			x

Podemos concluir, segundo este quadro, da capacidade de duas entrevistadas em compreender crianças de diferentes faixas etárias, em diferentes situações. Isso possibilita – as aperceber –se da forma como elas percebem diversificadas questões, como esta em particular.

## 5-Já viveu de perto um luto? Como o comunicou aos seus filhos?

**1- Prof. /R.:** Não

**2-Educadora/ Mag:** Sim... não comuniquei porque eles ainda não eram vivos.

**3-Auxiliar/ Mag:** Sim, não comuniquei porque eles não eram nascidos. Foi a minha avó e a minha sogra que faleceram um ano antes de nascer o meu filho.

**4- Professora/Mag.:** Sim...muito recentemente, o do meu irmão.

Relativamente a esta questão, nenhuma das inquiridas, na qualidade de mãe, teve a necessidade de comunicar aos seus filhos, a trágica notícia da morte de um familiar próximo.

**1- No seu caso particular, já viveu de perto o luto de algum aluno? Quem lhe comunicou o falecimento?**

**Falemos, agora especificamente d(a), d(o).....**

**1- Prof. /R.:** Sim, da R. e foi a própria que me disse.

**2- Educadora/Mag.:** Sim, foram amigos de familiares que comunicaram o luto.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Foi a A..

**4- Professora/Mag.:** Sim, o da Mag.. Não sei quem lhe comunicou o luto.

**1- Sabe como e quem participou ao seu (sua) aluno(a) a morte do familiar?**

**1-Prof. /R.:** Penso que foram os pais no próprio dia que lhe contaram a verdade sobre o falecimento da avó. Relativamente à morte do tio à três anos atrás, foi ela que contou o acontecimento no próprio dia.

**2- Educadora/ Mag.:** Não deve ter sido os pais, mas francamente quando soube o que aconteceu foi por intermédio de amigos, neste caso da mãe da Maf.. Depois foi com a mãe dela que falamos, mas já tinha acontecido. Eu julgo que a comunicação da morte do pai à margarida foi directa, porque ela quando chegou à escola já sabia o que se tinha passado. Embora ela faltasse à escola durante uma semana.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Não sei porque nós evitamos falar sobre isso com a Mag. na altura para que ela não se lembrasse e aceitasse o que aconteceu com normalidade.

**4- Professora/Mag.:** Não sei...

**2- Como reagiu a criança? Notou mudanças no seu comportamento? Especifique melhor.**

**1- Prof. /R.:** Relativamente à morte do tio, a R. evidenciou um comportamento diferente do habitual, tendo chorado muito no mesmo dia e seguintes (durante bastante tempo) mostrando sinais de uma grande tristeza. Em relação ao falecimento da avó, que se passou recentemente, não se registou um comportamento tão sofrido, apesar de ter chorado muito no próprio dia e de ter falado muito sobre assuntos nos dias que se seguiram. Penso que a diferença de comportamentos em relação às duas situações igualmente difíceis para a R. se prendem com o factor idade e com as circunstâncias em que ocorreram.

**2- Educadora/ Mag.:** A Mag. quando veio para a escola coincidiu no ano em que ela entrou no colégio. Portanto ela estava numa fase de adaptação ao colégio e pouco tempo

depois aconteceu o falecimento do pai. Acho que ela regrediu, aquela evolução que devia ser mais rápida, de confiança com o espaço, de ganhar segurança com os colegas, acabou por se tornar mais lenta. Se calhar as inseguranças que ela tinha acentuaram-se mais. O facto de depender muito dos adultos, de não avançar logo com um trabalho, dizia que não queria, era mais observadora. Também não gostava de ter as portas fechadas e muitas vezes tinha de andar com uma chave no bolso para lhe dar alguma segurança.

Notei mudanças no comportamento em relação às portas, acho que se acentuaram algumas características dela.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Notei que ela estava mais triste e com necessidade de falar sobre aquilo que tinha acontecido. Ela sentia-se acolhida e mimada, mas triste ao mesmo tempo. Era um pouco chorona, ficou mais sensível e procurava mais os adultos.

**4- Professora/Mag.:** No primeiro ano, quando ela veio para cá, ela sentia necessidade de contar que de facto lhe tinha acontecido aquilo. Ela a qualquer momento pedia-me para não cantar algumas canções porque lhe fazia lembrar o pai. A partir do momento em que todos sabiam o que lhe tinha acontecido, não noto que ela seja carente, é uma criança como outra qualquer. Gosta de contar as peripécias dela, mas acho que é uma criança que de certa forma encarou bem a situação.

Este ano notei que quando chegaram dois amigos novos ela teve a necessidade de lhes contar também. Acho que é uma forma de ela se precaver, se eles lhe perguntarem alguma coisa sobre o pai assim já estão a par da situação. Tirando isso não vejo alterações, embora não a tenha conhecido antes.

O ano passado andava mais mimalha, tinha necessidade de estar mais próximo de alguém. Às vezes vinha para a minha beira e dizia-me: "Professora gosto tanto de ti como do meu pai." Ela sabia que eu estava aqui e que lhe podia compensar de alguma forma.

### **3- O que a preocupou mais a si? E à criança? Que perguntas lhe fazia?**

**1- Prof. /R.:** O que mais me preocupava era o nervosismo e a falta de concentração que a R. evidenciou nos primeiros dias que se seguiram ao sucedido. O que mais preocupava à R. era o facto de nunca mais poder ver os familiares que lhe tinham falecido e tinha necessidade de falar do assunto comigo.

**2- Educadora/ Mag.:** Foi a auto-confiança dela, era uma criança insegura e isso acentuou-se mais nela. Ela tinha imensas capacidades, mas não avançava. Preferia ficar parada a observar, do que avançar e mostrar aos colegas que também sabia. Preferia ficar na incerteza, percebendo ou não, preferia não fazer, ficava na sombra.

Numa primeira fase ela era muito reservada, ela não falava muito. Houve uma preocupação de trabalhar com histórias, trabalhar de uma forma indirecta estes problemas, ela às vezes falava e referia-se a ele no céu. Falou sempre do pai de uma forma muito meiga, apesar de ter saudades, quando começou a falar do pai, não falava de uma forma negativa, ela falava como se o pai fosse ainda presente. Mas se é uma forma de ela se sentir bem, não acho mal.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Era o sofrimento que ela podia estar a sentir e não poder colaborar, aqueles momentos de silêncio que sentia. Ela sentava-se isolada, mais caladinha e eu tentava ir busca-la para ela não ficar sozinha, ela tinha um pouco essa tendência.

Às vezes ela perguntava-me onde eu achava que o pai dela estava. E eu dizia-lhe que estava ali em cima no céu, que estava bem, mas eu evitava falar muito disso.

**4- Professora/Mag.:** Eu não sabia muito bem como lidar com a situação. No dia do pai tentei sempre redobrar-me, dar-lhe mais carinho e estar mais de volta dela.

A Mag. nunca me questionou nada acerca da morte do pai.

#### **4- Sabe se a criança participou de algum ritual fúnebre? Por exemplo**

##### **a) - Funeral**

- Missa
- Luto (negro)
- Visitas ao cemitério
- Celebração de datas/aniversário
- Arrumar os objectos pessoais
- Guardar recordações

**1- Prof. /R.:** Penso que não porque ela nunca me falou nesse assunto.

**2- Educadora/ Mag.:** Francamente não tenho certezas, ela nessa parte não falou, nunca se referiu. Ela não falou comigo porque quando estávamos juntas era em grupo e estávamos todos juntos, eram momentos onde estavam planificados. Ela procurava poucas áreas, andava sempre atrás do adulto, poderia eventualmente brincar com a Maf., acabava por ser levada pelas brincadeiras da Maf.. As brincadeiras que pudessem surgir eram estruturadas por outra criança, não eram da sua iniciativa, não partia dela, ela não entrava na brincadeira, acabava por ser receptiva. Por vezes era o adulto que sugeria para ela ir brincar com a Maf. ou às vezes optava por actividades isoladas como jogos, puzzles, coisas que não exigem muito dialogo e repetia muito.

Procurava muito o adulto no recreio para não brincar, nos momentos de transição, precisava de segurança.

No dia do pai, que foi logo a seguir, ela fez uma prenda para o pai e a intenção era guardá-la para a estrelinha do céu. Nesse ano não se fez festa por causa dela porque ainda era muito recente. Dissemos-lhe para ela guardar a prenda do pai que estava no céu e ela até fez aquilo com vontade.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Eu lembro-me que ela contou que foi levar a prendinha do dia do pai ao cemitério. Uma vez também trouxe fotografias do pai para a escola, fazia desenhos e levava-os para casa.

**4- Professora/Mag.:** Lembro-me que ela falou que foi à missa quando fez um ano de aniversário.

##### **b) Se sim, porque acha que a deixaram participar?**

## **Se não, porque o terão feito?**

**1- Prof. /R.:** Acredito que o fizeram para poupar a R. de um maior sofrimento.

**2- Educadora/ Mag.:** Eu acho que ela não foi por ter acontecido de uma forma tão violenta, faleceu de repente e ninguém estava preparado. Se calhar também por causa da idade dela. Cada vez se fala mais nesses assuntos e se questiona abordar ou não a morte com a criança. Há muita gente que fala de ela lidar com a morte, saber trabalhar, fazer o luto é importante. Se ela tivesse ido talvez tivesse feito o luto mais depressa, mas também talvez pela violência da notícia, faz com que as pessoas não pensem!

**3- Auxiliar/ Mag.:** Eu acho que foi para não a entristecer mais, para não ficar tão sensibilizada, o que também tinha a ver com a idade dela.

**4- Professora/Mag.:** Acho que é importante porque eles têm de lidar com a perda diariamente. É obvio que é muito duro uma situação destas, eu também sou crescida, estou a passar por isso e sei muito bem os momentos que nós temos. Imagino nas cabeças das crianças o que passará por ali! Acho que é importante eles saberem porque o dia-a-dia é feito de perdas e de conquistas.

No meu caso a psicóloga sugeriu-nos leva-lo a ver o pai no caixão. Eu, não sei se felizmente ou se infelizmente foi bom eu o levar muitas vezes ao cemitério. Quando ia levar flores à minha avó tinha lá o buraco e eu ia-lhe explicando o processo. Nós perguntávamos-lhe se ele queria ir ver o pai e ele dizia que não, mas a psicóloga aconselhava-nos que seria bom para ele. Não sei se de facto ele ainda percebe porque às vezes pergunta-me se o pai já está debaixo da terra, mas que a alma dele ainda está viva. É o que nós lhe explicamos segundo a nossa religião. Enquanto crianças, este impacto não sei se será o ideal. Não lhe contamos logo de imediato o que se passou, a médica de família foi lá a casa e disse-lhe que o pai ia a caminhar, teve um acidente e pediu ao Jesus para o levar para o céu, mas que estava muito orgulhosos dele e que lhe mandava um abraço. Ele ficou muito entalado, olhava para todo o lado onde tinha fotografias do pai, mas não chorava. Depois dissemos-lhe que ele podia chorar e às vezes choro quando ele está para o deixar mais à vontade.

Um dia perguntou-me se o pai estava debaixo daquela terra toda. Não estava à espera e disse-lhe que o corpo não estava, mas a alma sim. Ele se calhar não percebe, mas aceita!

## **5- Que rituais de luto criou a criança, de sua livre e espontânea vontade, que sejam do seu conhecimento?**

**1- Prof. /R.:** Aparentemente nenhuns rituais, apenas as conversas que mantinha comigo sempre que sentia necessidade.

**2- Educadora/ Mag.:** Eu penso que no segundo ano ela já começou a falar do pai como se fosse algo presente, no primeiro ano ela guardou o sofrimento para ela. Manifestou-se muito com medos, nas portas, choros, de não querer entrar na sala. A porta tinha de ficar aberta, até a da entrada se estivesse fechada ela entrava em pânico. Manifestou-se muito

pela insegurança, pela auto-estima dela, da auto-confiança. No ano seguinte acho que ela deu um salto muito grande entre o 2º e 3º período, ela amadureceu, mostrou que sabia trabalhar muito bem na mesa por ela, nos pequenos grupos ela levava os trabalhos até ao fim. Já falava no pai naturalmente como se ele fosse presente e nós também conversávamos muito com ela. Nos cinco anos ela vive como se o pai estivesse presente, guardado no céu, até chegou a contar isso aos colegas. Como ela não foi muito espontânea, os colegas sempre a respeitaram.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Ela fazia muitos desenhos e também notava que quando alguma criança falava de alguma situação do pai ela também tentava falar que o pai também fez! Falava o que o pai fez, mas com naturalidade, não falava com sentimento de mágoa, falava nas habilidades que o pai fazia. Eram essas coisas que mais me impressionavam nela! Ela quando dizia que ia fazer um desenho para o pai dizia-o com uma naturalidade, dizia para que era porque ela tinha um menino Jesus em casa e punha lá os desenhos para ele levar para o pai. Não falava directamente com o pai, dizia ao Jesus e depois ele é que dizia ao pai.

**4- Professora/Mag.:** Quando rezávamos ela falava muitas vezes que queria enviar um beijinho para o pai, às vezes trazia as fotografias onde estava ela e o pai para mostrar aos amigos e para me mostrar a mim. Eu acho que a altura que mexe mais com eles é perto do dia do pai. Quando foi da Mag. tentei que eles fizessem outras coisas também para que ela não se sentisse triste. Nós fazemos um presente para eles entregarem ao pai, quando eles não têm pai, tentamos jogar de outra maneira. Ela sentia-se diferente dos outros porque levava mais presentes.

## **6- Que comportamentos revelou ela na Escola? Teve apoios e de quem?**

**1- Prof./R.:** Nervosismo, desconcentração, por vezes choro e necessidade de desabafar. Teve apoio da professora e eventualmente dos amigos.

**2- Educadora/ Mag.:** Teve apoios de mim, da auxiliar e da psicóloga. Também teve o apoio especial de uma amiga que foi a Maf., ela é mais extrovertida e consegue passar melhor aquilo que sente a partir da palavra, mas tem um lado muito afectuoso, muito sensível. No início houve uma preocupação de estar com os amigos do ano anterior e nem sempre estava atenta à Mag., mas depois lentamente começou a trabalhar com ela, elogiava muito os trabalhos da Mag.. Na fase da morte do pai da Mag., a Maf. preocupou-se tanto com ela como com os outros, era generalista. A Maf. chamava-a para brincar, incluía-a nas brincadeiras, mas nem sempre era assim porque nesse aspecto a Mafalda era mais líder e conseguia ter uma relação muito especial com os mais pequenos. Mas a Mag. também conseguiu dar a volta, apesar de continuar com as suas características, continuou a procurar muito o adulto que lhe desse a mão, mas de um ano para o outro ela deu um salto muito grande.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Distanciava-se um pouco, falava muito com os adultos. A Maf. ajudou-a muito quando a Mag. veio para cá, mas nesta fase ela foi muito autónoma, estava com

medo do que lhe estava a acontecer e não se influenciava com a presença dela. A Maf. tinha atitudes de ajuda, mas ela mesmo assim mantinha a posição dela. Ela sentia-se apoiada, mas sentia a sua situação controlada, ela acolhia a Maf. e os amigos, mas mantinha a personalidade dela.

Teve apoios de mim, da educadora, da psicóloga, da irmã e dos amigos.

**4- Professora/Mag.:** Ela teve alguma dificuldade, mas acho que não foi devido à perda. A nível de aprendizagem é uma criança normal, em determinadas coisas tem algumas dificuldades. A nível de amigos, já tenho falado também com outros pais, há qualquer coisa que falha na comunicação entre eles. As meninas principalmente não se entendem muito bem e se calhar ela precisava mais de ter um grupo de amigos do que as outras. Ela achasse muito colocada de parte, é pena em relação a isso. Agora pela perda, que me lembre de ter observado, ela não revelou comportamentos diferentes.

**7- Que peso tem um luto na criança, a seu ver? Acha que o luto pode interferir nas suas relações com os outros? De que modo? Especifique.**

**1- Prof./R.:** Frequentemente isola-as, cria-lhes situações de dificuldades de relacionamento tanto com adultos como com crianças. Às vezes torna-as excessivamente independentes do grupo (amigos/colegas) e dos adultos (pais, primos, irmãos). No caso da R. e por forças do seu temperamento penso que ela superou melhor as situações sem cair em nenhum dos comportamentos acima referidos.

**2- Educadora/ Mag.:** Eu acho que é sempre uma perda, deve ser uma confusão nos sentimentos dela, incertezas. São questões que mexem com um adulto, quanto mais com uma criança que ainda está numa fase dos porquês. Morreu de repente o pilar dela, o ponto de referência para quem ela trabalhava. Acho que de repente é como cortar as pernas para caminhar! Tudo aquilo que ela já tinha conquistado tem de tornar a aprender a viver sem aquele pilar, tendo em conta a relação que ela tinha com o pai e a idade que ela tinha.

Acho que o luto pode interferir na relação com os outros, quanto mais não seja nos pensamentos, porque queiramos ou não o luto acaba por ser um crescimento à força. Eu lembro-me que à dois anos duas crianças perderam a mãe, mas o luto das gémeas não se comparou com o da Mag. porque a mãe já estava doente à muito tempo, só que elas acompanharam a doença da mãe à muito tempo. A doença da mãe estava a ser mais prejudicial para elas do que a própria morte, pois elas a partir daí começaram a reviver. O que elas viam dantes era o sofrimento da mãe por não poder comer, por não poder falar porque era um cancro da boca e também o sofrimento das pessoas que a envolviam. Tudo aquilo era uma carga negativa para as crianças e de repente a morte da mãe para as crianças acabou por ser um alívio para elas. O facto de o pai ter encontrado outra companheira logo a seguir, foi para as crianças uma baforada de ar fresco. Ainda agora elas são crianças alegres, felizes e cheias de vida. Notou-se muita diferença nos dois casos, no fundo foi uma mentalização para aquelas crianças que a Mag. não teve, acabou

por ser um amadurecimento à força para ela. No caso das outras crianças a doença da mãe já foi o amadurecimento para elas, a família sofria muito, a mãe das meninas mesmo fisicamente era desfigurada.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Acho que é um sentimento muito forte e que o adulto pode não conseguir compreender o que ela está a sentir.

Acho que pode afectar a relação com os outros de forma negativa, se for um luto muito forte pode criar interferência na relação com os outros na escola e até no aproveitamento escolar.

**4- Professora/Mag.:** Eu sou uma pessoa que lido muito mal com a morte, faz-me um pouco de confusão porque não sei o que vai na cabeça deles. O meu sobrinho já lhe tínhamos dito e ele ainda foi perguntar à psicóloga se o pai ainda ia voltar! Não sabemos muito bem o que vai na cabeça deles!

Quando viemos das férias da Páscoa, os meus alunos perguntaram se as férias tinham corrido bem, eu disse que não e contei-lhes o que aconteceu. Normalmente quando acontecem estas situações parece que eles se aproximam mais um dos outros, mesmo não falando desse assunto há uma ligação. Acho que eles devem sentir um vazio muito grande como nós!

Acho que o relacionamento com os outros pode evoluir de uma forma positiva, eles podem mostrar aos outros que são pessoas mais sensíveis em relação a determinados aspectos. Mesmo que um dia a mãe tenha outro namorado, nunca vai conseguir compensar como o pai. Acho que essas crianças vão ser as primeiras a aceitar esse tipo de situações e as primeiras a dar força a quem já não tem o pai.

### **Os adultos tendem a esconder os sinais de morte à criança.**

#### **1- Acha que este procedimento está correcto? Como acha que deveria ser?**

##### **Que gostaria de acrescentar ao que já foi dito?**

**1- Prof. /R.:** Eu penso que de um modo geral a criança deve ser poupada ao sofrimento que os sinais da morte naturalmente provocam. Contudo, ela tem o direito de ser informada da situação e participar em alguns rituais se for da sua vontade ou mesmo não sendo como forma de perpetuar a memória dos familiares perdidos especialmente quando são próximos.

Eu penso que o investigar os efeitos do luto nas crianças é a melhor forma de se compreender até que ponto a morte e o luto as afecta no seu quotidiano e as prepara para o sofrimento.

**2- Educadora/ Mag.:** Isso é uma questão que me tem emocionado a mim própria, porque trabalho com muitas crianças e por vezes questiono-me como abordar as situações. Mas o que eu acho é que a sinceridade, a abertura, o falar sobre as coisas é a melhor terapia. Do meu ponto de vista é isso, falar com naturalidade quer da morte, quer do divórcio. Ao falar com naturalidade minimiza-se o problema, ao não falar valoriza-se o problema porque vai criar desconfiança e no nosso interior até vamos valorizar mais. O falar faz com que o que

é um grande problema se torne um pequeno problema, porque estamos a desabafar. Para mim esta é a melhor terapia, apesar de nunca ter vivido isso a nível familiar com os meus filhos, eu penso que é nesse momento saber lidar com isso, falar e expor. No entanto temos de saber até que ponto a criança quer falar, temos de ouvir a criança e a partir disso tentar ajudar a criança com a verdade.

Quanto à criança participar em rituais fúnebres, acho que se a criança chorasse junto da mãe e de familiares próximos, acaba por se aliviar e se calhar viver isso. Mas é uma questão que eu própria ainda tenho dúvidas, mas acho que se elas desde cedo começarem a viver com isso já é meio caminho andado.

**3- Auxiliar/ Mag.:** Não acho que seja correcto, não lhes devemos esconder porque isso é uma coisa natural. Temos de pensar como é que vamos falar, temos de pensar que nós somos adultos e aceitamos de uma maneira, mas elas são crianças e podem aceitar de outra maneira! Portanto, a verdade acima de tudo à medida da criança, porque ela tem de estar preparada para a vida. Assim, um dia quando acontecer isso ela já vai estar preparada, não vale a pena esconder.

Há coisas que não concordo como os pais que levam os meninos para a casa mortuária, às vezes também é preciso estar muito bem preparado para isso.

**4- Professora/Mag.:** Não acho que esteja correcto. Eu não acredito que nós andamos aqui uma vida inteira para depois as coisas deixarem de existir, acho que tudo isto é um processo. É isto que nós dizemos ao meu sobrinho porque é o que nós acreditamos.

Em relação ao luto eu uso o preto, mas não só porque o meu irmão morreu, é o meu estado de espírito e sinto-me bem assim, vou deixar de usar quando olhar para o espelho e já me sentir bem.

Em relação ao facto de lhes contar exactamente como é que foi, em algumas situações até é bom. No caso do meu irmão como suspeitamos que tenha sido relativamente a uma coisa menos boa, achamos que poderia afectar o meu sobrinho mais tarde e achamos melhor não lhe contar. Acho que não devemos fechar tudo, mas também não devemos abrir tudo. Eles depois também vão crescendo e vão compreendendo.

Acho que é importante acrescentar que no caso das crianças é preciso dar-lhes tudo de nós. Eu à Mag. fui-lhe dando de tudo que tinha e que não tinha. De um momento para o outro deparei-me com a mesma situação e acho que devemos mesmo compensa-los, dar-lhes aquilo que eles nunca mais poderão ter.

Na altura do Natal, a Mag. trouxe-me a fotografia dela e do pai com um pinheiro e escreveu-me: "Professora gosto tanto de ti como o meu pai". Nesse dia fartei-me de chorar e aquilo andou uns dias que não me saia da cabeça porque é muito duro! Ela contava muitas vezes que quando a mãe estava doente, ela e o pai faziam-lhe o jantar. Acho que ela tem uma imagem óptima do pai e só traz aspectos positivos.

## **Anexo 6**

Ficha de Identificação/Caracterização das crianças do Grupo de Enfoque

## **Ficha de Identificação/Caracterização das crianças**

Estas fichas constituem, em primeira-mão, uma forma de reunir elementos que permitam caracterizar as crianças do Grupo de Enfoque quanto a questões essenciais e estruturais; género, idade, ano de escolaridade e escola que frequentam, com a intenção de representar a amostra, de forma estatística.

Depois, revelar-nos-iam algumas particularidades sobre cada uma delas; interesses, perspectivas de futuro. Estas poderiam constituir singularidades reveladoras dos seus contextos de vida, das condições socioeconómicas da família, das expectativas de uns e outros.

Finalmente, permitir às crianças entrar no estudo dando-lhes o poder e a liberdade de expressarem opiniões, seria um primeiro exercício para as sessões subsequentes e essa foi a convicção que nos levou a fazê-lo, numa atitude de aceitação das suas capacidades discursivas, opinativas, reflexivas.

Entendemos questioná-las sobre o papel dos adultos, no seu seio familiar, na sociedade e num sentido mais lato, no universo humano. Estas respostas dar-nos-iam pistas sobre a forma como elas vêem os adultos e o seu modo de agir e ainda sobre a consciência da sua própria posição/ condição estrutural num mundo normalizado, formatado, preparado para elas, onde, afinal, não se generalizou a participação das crianças, em assuntos que lhe digam respeito directamente, bem como a co-decisão sobre os mesmos.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 22-12-1996

Escola que frequentas Eb 2/3 Frei Caetano Brandão - Maximinos

Ano de escolaridade 7º ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Veterinária.

Porquê? Porque gosto muito de animais.

Que mais gostas fazer? De passear.

Que te desagrada muito fazer? Abanar o meu quarto.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Não resmungarem muito; não

discutirem, mudar o comportamento.

Que pensas dos adultos? É o que eu penso dos adultos

é que são muito rígidos.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 5 de Março 1996

Escola que frequentas Escola EB 2.3 Dr. Francisco Sanches

Ano de escolaridade 7º Ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Advogado.

Porquê? Porque gosto de "fazer" a justiça.

Que mais gostas fazer? Falar com os meus amigos,  
e "fazer" ocupamentos dos escuteiros.

Que te desagrada muito fazer? Estudar matemática.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Eu mudaria a maneira e a compreensão  
que eles têm perante nós.

Que pensas dos adultos? Muitos pensam que só  
percebem em palavras, sem pensar nas consequências.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 10/03/1999

Escola que frequentas EB1 de Celvina de Baslo

Ano de escolaridade 4º

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Dentista, Enfermeira ou Pediatra.

Porquê? ~~Porque~~ Porque são profissões que me agradam.

Que mais gostas fazer? Jogar de fátins e fazer malacão.

Que te desagrada muito fazer? Dar matemática na escola.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Além imbricarem tanto.

Que pensas dos adultos? São grandes, são independentes e fazem tudo o que querem mas não deixam as crianças fazer

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 16/7/1999

Escola que frequentas Colégio Jesuana

Ano de escolaridade 4ª ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

A profissão que pretendo ter quando for grande é ser cabeleireira.

Porquê? Porque assim posso agradar os clientes.

Que mais gostas fazer? o que mais gosto de fazer é saltar à corda.

Que te desagrada muito fazer? Deq. Desagrada-me muito fazer o cabelo da minha mãe.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Eu mudaria a forma de como amfregada da escola que está sempre a resmungar comosco.

Que pensas dos adultos? Eu penso que os adultos são pessoas que às vezes se abateiam mas são divertidos.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 01/08/99

Escola que frequentas Dom Diogo de Sousa

Ano de escolaridade Quarto ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Quando crescer quero ser tenista.

Porquê? Porque adoro jogar ténis e acho que tenho jeito para isso.

Que mais gostas fazer? Eu gosto de trabalhar com aparelhos electrónicos.

Que te desagrada muito fazer? Desagrada-me ser zangado por outras pessoas.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Se mandasse mudaria a maneira do meu pai, que é exagerar nos castigos.

Que pensas dos adultos? Eu penso que são pessoas normais como nós, mas mais velhas.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 23/11/2009

Escola que frequentas Escola Secundária das Ilhas

Ano de escolaridade 4.º B

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Futebolista

Porquê? Jogador é o meu sonho

\_\_\_\_\_

Que mais gostas fazer? Polvo

\_\_\_\_\_

Que te desagrada muito fazer? Maguar os outros

\_\_\_\_\_

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Nada

\_\_\_\_\_

Que pensas dos adultos? Eu penso que são muito desfavoráveis

\_\_\_\_\_

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 29 de janeiro de 2000

Escola que frequentas EB1-Duinho da Misericórdia

Ano de escolaridade 3º ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Eu pretendo ter a profissão de médico.

Porquê? Porque gosto de ajudar as pessoas.

Que mais gostas fazer? O que eu gosto de fazer é de brincar por que gosto de estar com os meus amigos.

Que te desagrada muito fazer? O que me desagrada fazer é estar sem fazer nada.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Se mandasse na forma como os adultos me tratam não

mudaria nada.

Que pensas dos adultos? Eu penso que eles às vezes não fazem.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 26-1-2001

Escola que frequentas escola de Bragança

Ano de escolaridade 2º

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Quando for grande quero ser cabeleleira.

Porquê? Porque gosto de trabalhar nos cabelos.

Que mais gostas fazer? Eu gosto mais de ajudar a

minha mãe a arrumar a casa e de Brincar.

Que te desagradava muito fazer? Eu não gosto de ver

filmes de terror.

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Eu não mudaria nada porque

todos os adultos tratam-me bem.

Que pensas dos adultos? Os adultos ajudam-nos muito

e por isso gosto deles.

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 15/5/2008

Escola que frequentas boleiros de Beal

Ano de escolaridade 2º ano

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

professora e ama

Porquê? gosto de ensinar os outros, gosto de cuidar

Que mais gostas fazer? ir ao trabalho da minha mãe

Que te desagrada muito fazer? não gosto de fazer a cama

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? não mudaria nada

Que pensas dos adultos? inda

## FICHA DE IDENTIFICAÇÃO

Nome completo \_\_\_\_\_

Data de nascimento 12/5/2001 \_\_\_\_\_

Escola que frequentas 1. João do Santo \_\_\_\_\_

Ano de escolaridade 2.º ano \_\_\_\_\_

Telefone de casa \_\_\_\_\_

### Caracterização Pessoal:

Que profissão pretendes ter, quando fores grande?

Comerciante de arte sacra. \_\_\_\_\_

Porquê? Porque gosto de artigos religiosos. \_\_\_\_\_

Que mais gostas fazer? Praticar quadras. \_\_\_\_\_

Que te desagrada muito fazer? Ter inglês. \_\_\_\_\_

Se mandasses que mudarias na forma como os adultos (teus pais ou outros) te tratam? Não mudaria nada. \_\_\_\_\_

Que pensas dos adultos? Nada. \_\_\_\_\_

## **Anexo 7**

Registos realizados nas Sessões de Enfoque

## **Registos realizados nas Sessões de Enfoque**

Estes registos/trabalhos foram sendo realizados ao longo das sessões e apresentam – se aqui pela mesma ordem com que aparecerão no quadro de Dimensões e Categorias que reflecte, também, a disposição com que os temas foram tratados e daí subtraídas as referidas dimensões e categorias de análise. Estes registos aparecerão retratados, durante o estudo contudo, as representações gráficas, os desenhos das crianças, são muito significativas da compreensão/percepção delas relativamente a alguns temas.

Desse modo, afigurou-se-nos deveras relevante a sua inclusão, pela riqueza de pormenores, pela expressão gráfica de sentimentos, pela revelação dos seus contextos de vida, pela capacidade de exprimir, através do traço e das cores, as suas pequenas vidas e reais mundividências.

Estes aspectos levam-nos a concluir que a criança é capaz de perceber o mundo à sua volta, interpretá-lo e devolver a sua própria interpretação, reprodução, num acto sociológico correlato da sua condição actual de “criança actora social”, cidadã consciente.



A natureza  
é muito mais  
do que uance,  
reproduzir e morrer.

03 - 09 - 21

É a Peleare Vide?

É a coisa que só temos 1 vez na vida



O que é para mim a vida.

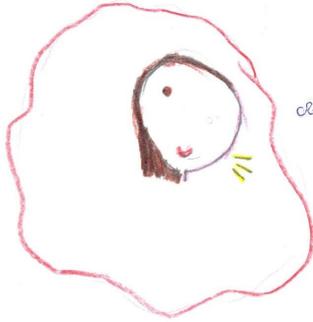


para mim a vida é amor e beneditina.



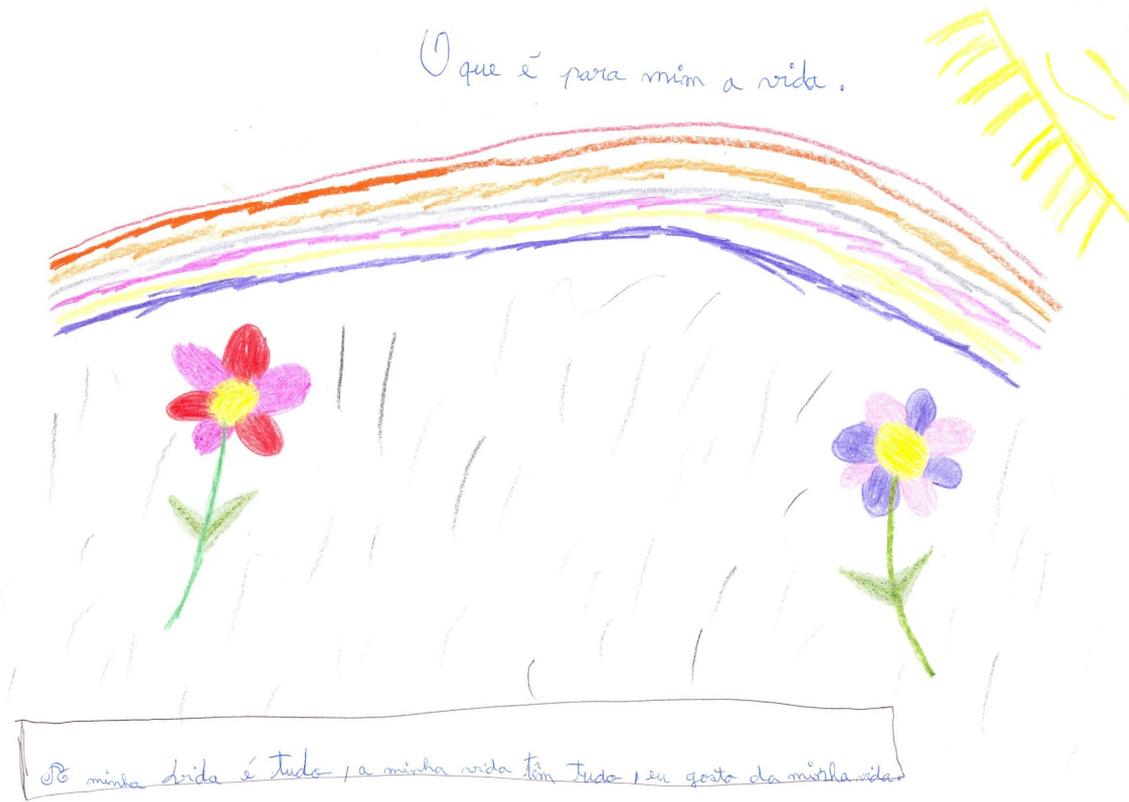
21/3/2009

27/3/2009

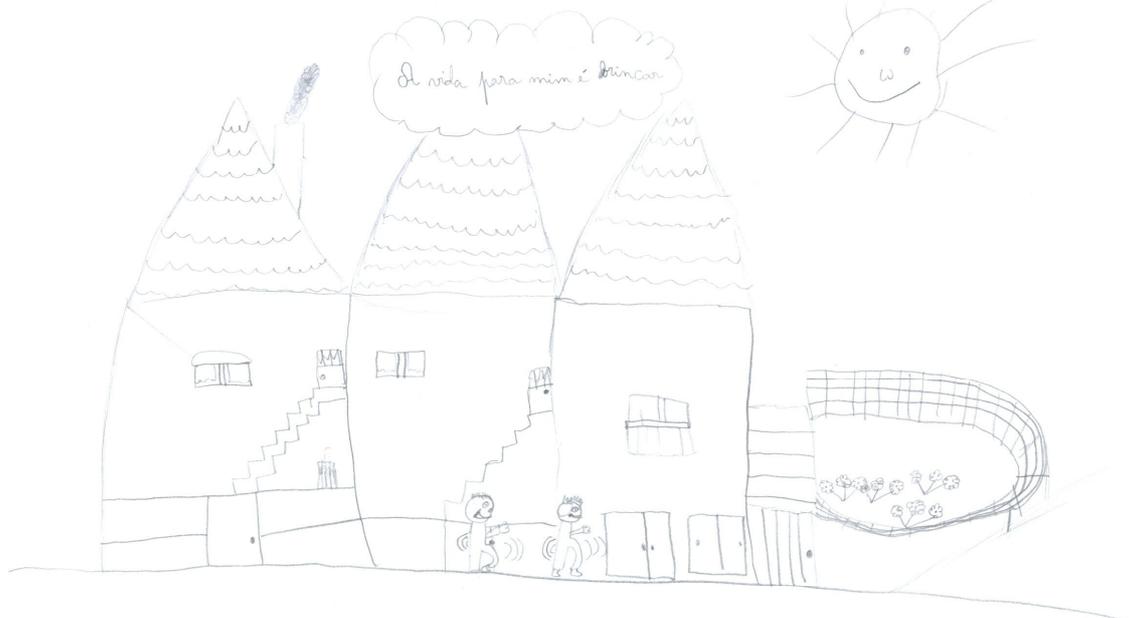


de vida para mim é a maior coisa ~~que~~ que tenho :  
(valioso)

O que é para mim a vida.



Minha vida é tudo, a minha vida tem tudo, eu gosto da minha vida.



Com os amigos

21/03/2009

21-03-2009

Para mim a vida é...

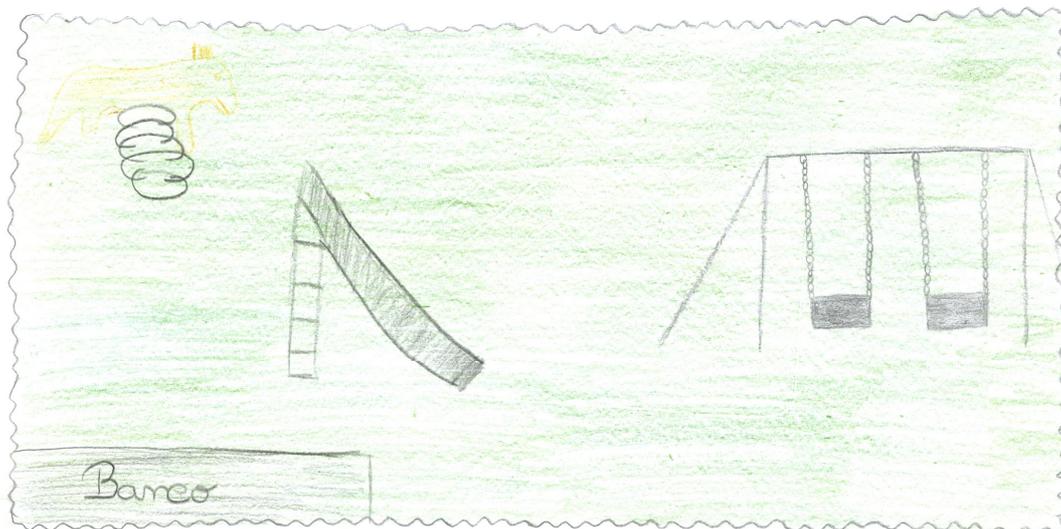


... a natureza a lutar pela sobrevivência.



de vida para mim

são momentos de brincadeira e felicidade:



A vida fazo mim e um  de Deus  
A vida fazo mim e o mais bom de todos  
A vida fazo mim e ajuda as pessoas a vive-la com  felicidade, amor e o melhor caminho possível  

Comecemos assim



Seguimos para a vida



Reproduzimos



e finalmente chegamos ao fim



data: 21/3/09

A Palavra Forte Sugere (faz-te pensar)...  
Faz-me pensar alguém que desapareceu.

A Palavra Forte Segura:

Sugere que fidejemos uma pessoa, ficamos tristes, mas não mais e nem é um desejo total

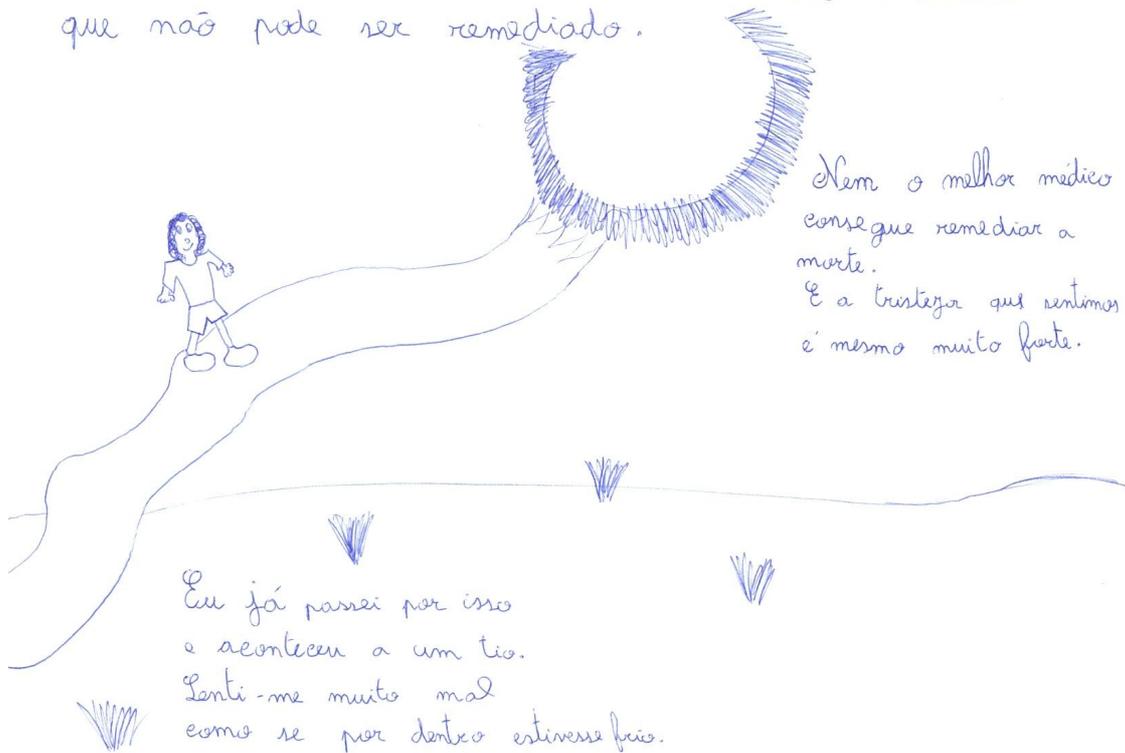
Depois de Forte de algéeres, que costuma  
têe as pessoas:

Temem-se de fato, têm flares no fogo e mandam estas coisas

---

Como desceves a forte?

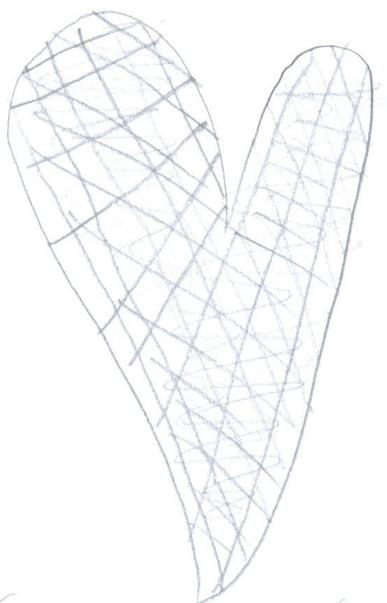
Para mim a morte é um acontecimento que não pode ser remediado.



04.04.09

Como descreves a forte?

Para mim a morte é a tristeza é chorar porque quando a pessoa  
está viva nós temos felicidade mas quando a pessoa morre sentimos  
tristeza.



( coração fortalecido > forte )

04-04-09

---

A morte para mim é a solidão desde o momento em que morre para a vida imbecila. É tristeza. A morte é feia e nunca se deseja a ninguém nem que seja a nossa inimiga. São momentos de escuridão para toda a vida.

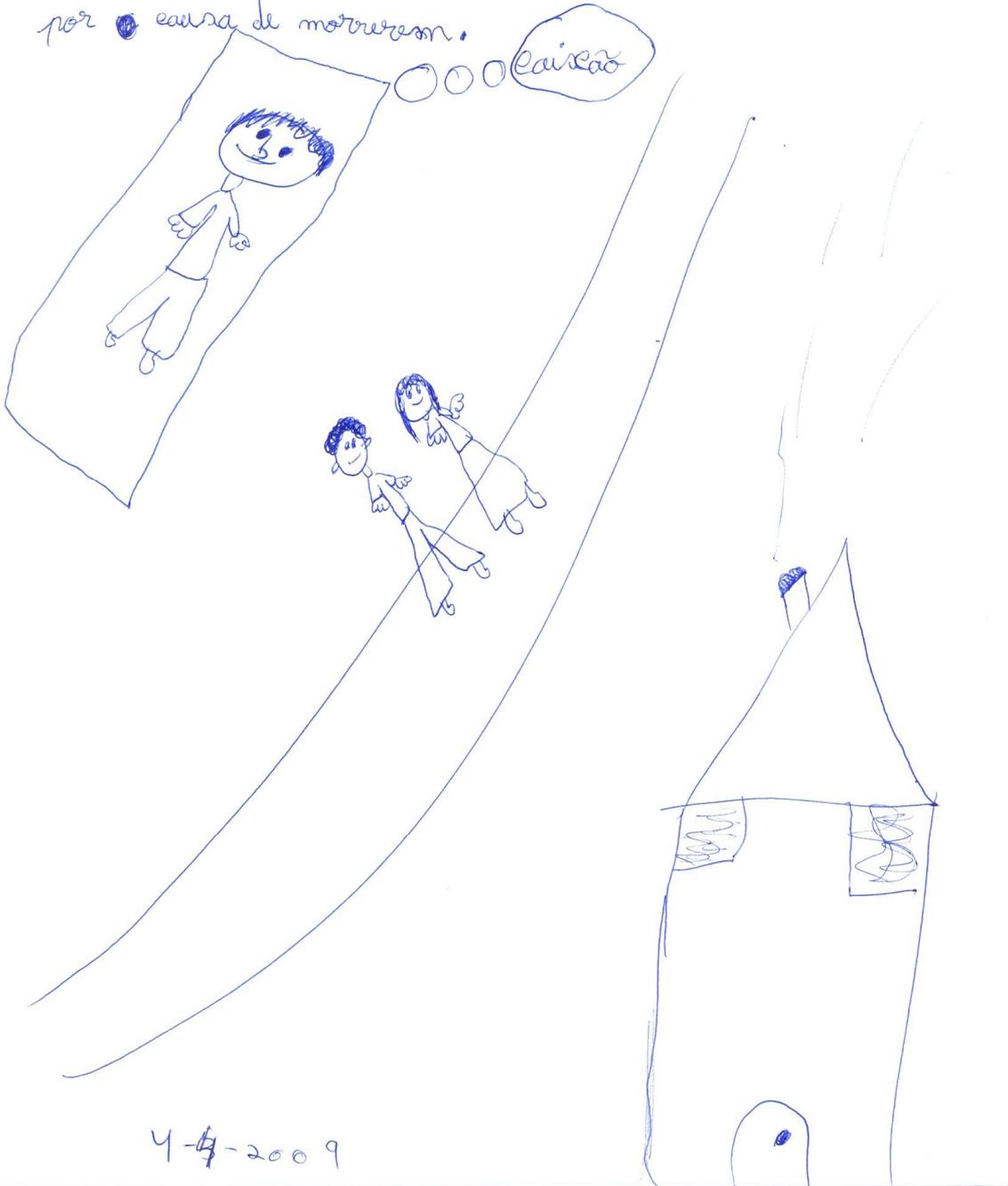


04-11-09

# Como desceres o forte?

É que nós deixamos de ver as pessoas, e ficamos tristes.

Eu gosto muito da minha família mas às vezes fico triste por causa de morte.



Relata um ou mais acontecimentos  
que tenhas vivido e te tenha agradado  
ou desagradado.

Porque os escolheste e que sentires  
e emoções viveste com eles.

Os meus dias especiais são quando eu faço amor.

Porque junto toda a gente em minha casa.

O dia que eu detestei foi quando faleceu a minha avó.

Porque eu gosto muito dela e tive que chorar muito  
para o meu coração ficar levezinho fiquei muito, muito triste.

---

Hist: "O veeeee pai"

Qual era o problema do veeeee pai de História?

O problema dele é que não tinha pai, porque tinha morrido

Sabes descrever a Saudade?

A saudade é muito triste.

A saudade é quando morre alguém ou vai para  
fora.

Hist: "O meu pai"

30-05-09

- Qual era o problema do menino de história?

O problema do menino era que estava sempre a falar do pai porque nunca estava com o pai.

Hist: "O meu pai" 20-05-09

- Qual era o problema do menino de história?

O menino pensava muito no pai.

Mas o pai do menino estava ausente mas o menino pensava muito nele.

E a Susana é que o compreendeu.

Lui estava na mesma situação.

Por um lado estava feliz porque pensava que o pai estava vivo. Por outro lado estava triste porque o pai não estava presente.

---

Hist: "O meu pai" 30-05-09

- Qual era o problema do menino de história?

O problema do menino era o pai viver numa terra distante, e para o recordar dizia que tinha "um pai só dele": ninguém o compreendia excepto uma menina chamada Susana que tinha um coelho imaginário também.



Hist: "O avô pai" 30-05-09

- Qual era o problema do cenário de história?

O problema era que tinha um pai e uma mãe.

o compunha. Mas o pai era o avô, e não  
uma mãe o compunha.

---

Para ti que são os Amigos?

Os amigos são a melhor coisa que o mundo tem,  
porque sem eles os passeios não têm graça. Com  
quem falar.

Hist: "O meu pai" 30-05-09

- Qual era o problema do menino de história?

O problema do menino era saudade do pai.

Porque o pai não vivia com ele.

ele era que o pai de menino morreu.

---

Hist: "O meu pai" 20-05-09

- Qual era o problema do menino de história?

O problema do menino era não ter o pai com ele.  
Ele sentia tristeza e a Suzana ajudou-o porque também tinha um colho imaginário que a consolava.

---

Qual foi a última vez que se sentiu triste?

<sup>10</sup> Quando a minha avó faleceu

Qual foi a última vez que te sentiste triste?

A última vez que esse me sente triste foi quando o meu cão foi para a polícia.  
~~Eu (dele)~~ fiquei muito triste e fiquei sózinha e com saudade dele para sempre.  
A saudade é sentir a falta de alguém dos meus brinquedos e das casa,  
Os amigos não foram solidários porque não essas amigas mas às vezes se chatam  
mas nós podemos amigos lembrar Mariana J. Maria D. Maria J. e etc.  
Porque me duram lembrar com eles.

18/09/09

• Qual foi a última vez que te sentis-te triste!

A última vez que me senti triste foi quando a minha hamester morreu. Depois embolhei num papel e fui enterrar num quintal de uma amiga. Eu fiquei muito triste. ~~A saudade é sentir falta de alguém.~~ Para mim a saudade é sentir falta de alguém.

---

• O que é para nós os amigos?

Para mim os amigos são pessoas que nos ajudam, que nos alegriam quando estamos tristes. Os amigos são pessoas boas e memos boas, são pessoas que estão sempre connosco e são pessoas em que nós podemos conversar e confiar. A minha melhor amiga chama-se Imês e é a minha melhor amiga porque estive com ela muito tempo, porque andava-mos sempre juntas, porque confiei nela. Para mim os melhores amigos são mais do que amigas, fazem quase parte da nossa família.

18-04-2009



~~De última vez~~

Qual foi a última vez que te sentiste triste?

De última vez que me senti triste foi quando a minha cadela foi abatida.  
18/4/2009.

Fiquei triste mas fui para a beira da meu irmão e chorar com ele.

E só passado 2 semanas para esquecer a tristeza.

---

Para mim a saudade é o sentimento que nós temos por alguém que queremos voltar a ver.

---

Para mim os amigos não esquecer que se unem e não se desatamam.

A minha melhor amiga é a Maria.

Eugênia da Maria parquês da tem um coração que me ama.

Qual foi a última vez que te sentiste triste?

Foi quando o meu gato fugiu. Depois fui para o meu quarto e fiquei um minutos lá fechado.

Dois passadas 2 semanas é que eu fiquei outra vez feliz.

A saudade é não conseguir viver sem alguém que tenhamos perdido.

Para mim os amigos são pessoas solidárias para nós, que nos ajudam nos momentos bons e menos bons e que nos perdoam quando não somos amigos.

O meu melhor amigo é o Ivo, porque é meu amigo desde quando o conheci.

P: Qual foi a última vez que te sentiste triste?

18/04/2009

R: A última vez que me senti triste foi quando a minha ama morreu.  
Depois chorei mas sentia-me sozinho sem ela.

P: O que é a saudade?

R: A saudade é sentir a falta de alguma coisa.

P: O que representam para ti os amigos?

R: Os amigos para mim representam alguém que gosta de nós.

O meu melhor amigo é o Zeé porque está sempre a brincar comigo no recreio.

18/04/09

Quando foi a última vez que te sentiste triste

A última vez que me senti triste foi quando tive uma febre alta  
Depois fiquei consolado porque a professora disse que a aquela febre era muito difícil

Saudade é querer ver uma pessoa  
a  
mim  
faz

Pare-te o que são os Amigos?

Amigos são pessoas que nos acompanham na vida

Qual foi a última vez que te sentiste triste?

A última vez que me senti triste foi quando ~~eu~~ a minha cadda 18-4-2009  
morreu.

Eu fiquei muito triste e chorei muito, ~~mas~~ só passado uma semana  
é que eu fiquei feliz.

---

A saudade é um sentimento muito forte de faltar alguma coisa.

Para mim os amigos são solidários, porque com meus amigos e  
estão prontos a ajudar.

A minha melhor amiga é a Maria Miguel, Bruna, Bruno, Leonora  
e Anaísa, porque elas e ele deixam-me brincar com elas e ele.

A Família  
Que é para ti a família?

A minha família é muito importante  
para mim.

A família



Mãe

Os meus pais são muito bons.  
Dão-me amor e carinho,  
e muitos presentes.



A minha irmã é muito boa  
amor e carinho por que ela tem



O meu irmão é da mãe  
presentes e é meu amigo  
e é meu irmão



O meu irmão é da mãe  
presentes e é meu amigo  
e é meu irmão



Et minha família tem cinco pessoas e um dos são os mais pequenos.  
Eu gosto do meu pai, da minha mãe, do meu irmão e da minha irmã.  
Ela tem uma coisa que eu gosto muito que é a amizade dos meus pais e dos irmãos.  
Eu sinto-me muito bem com ela.  
Gosto de brincar com o meu primo André e de conversar com a minha tia pelo telemóvel.  
Sai que a minha avó é Aguiinha mas gosto de lhe ajudar a andar pela casa.  
O meu tio é divertido porque dá-me muitas coisas.

23/02/2009

de minha família é grande e muito unida. Somos 4, a minha mãe tem 37 anos, o meu pai 45, a minha irmã 13 e eu 8.

Estamos ajudando-nos uns aos outros e somos felizes. Falamos sobre a família e da minha família também desatamos sentimentos. ~~é~~  
emoções.

18/2/2009/

# A família

A família é amiga de todos os que estão nelas, dá carinho, amor e nunca se deixam

---

O casamento



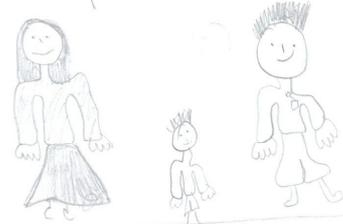
Em 1994 maternidade 2º filho.



A minha família  
A maternidade do  
primeiro filho



A família do primeiro filho



A família dos dois filhos.



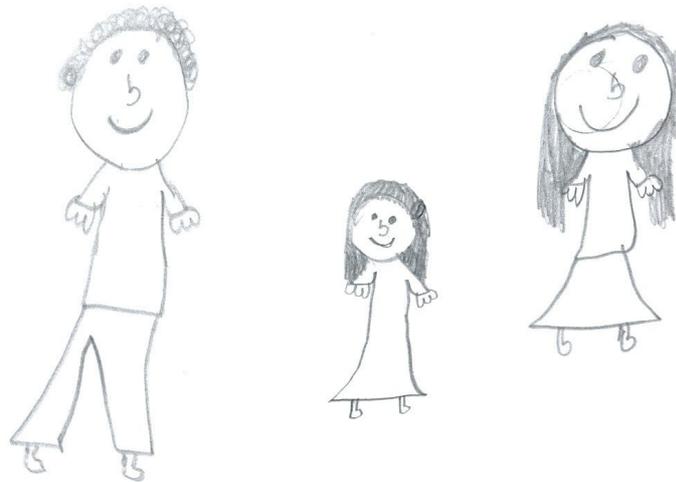
A separação dos meus pais.



A minha família é  
muito fixe

28/2/2009





A minha família são 3 pessoas, eu a minha mãe e o meu pai.

Eles nunca se separaram-se e eu gosto muito deles.

Eu respeito-os, para os meus pais não se sangarente com mim.

Então eles deixam-nos ver um bocado de Boniecos.

gosto muito deles.

---

## A Família

A minha família é pequena, mãe é muito unida, mãe tem muito amor, podia ser menos rígida. Sinto alegria e amor, mas outras famílias têm mais. Achei interessante a atitude do bebé do livro. Mas se eu fizesse isso aos meus pais eles ficavam zangados. A minha ~~mãe~~ mãe é fixe mas preocupa-se muito com o trabalho, eu mãe gosto disso. O meu pai ainda é pion, preocupa-se com o trabalho mas quando chega a casa senta-se no sofá e fica lá até à hora do jantar. Gostei da atitude do menino porque os pais acabaram por perceber. Eu gostei mesmo muito da atitude do menino. Os pais preocupam-se mais com a saúde do menino do que com os sentimentos. E eu acho que se deviam preocupar com os dois.

28/02/2009

---

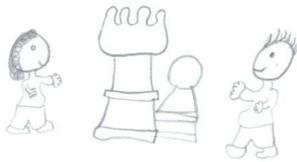
É minha família

É minha família é uma família unida.

Às vezes chateamo-nos...



Outras vezes divertimo-nos juntos...



Em algumas situações preferimos conversar...



O meu pai e a minha mãe são carinhosos para mim.

É minha irmã adora divertir-se comigo.

Que pensa de atitudes do  
meu pai?

Que propostas de atitudes e ideias  
dêns para que as crianças pos-  
sam mudar os comportamentos  
dos adultos.

1- Eu penso que a atitude do meu pai está certa porque os pais não lhe ligavam

2- Os adultos deixam ligas ao filho deixam ter atenção e não estão a olhar para a televisão

---

Pense na atitude da memimo.  
Que pensam sobre ela?  
Que propostas de atitudes / ou ideias  
das crianças pare mudarem os comportamentos dos adultos?

Eu acho que a atitude memimo foi boa porque mostrou aos pais que queria estar em família. Mas a outra opção <sup>o memimo</sup> poderia também ser para a mãe que de um dos pais ou para a mãe deles.

Pensem na atitude do menino!  
Que pensam sobre ele?  
Que propostas de atitudes / ou ideias  
das crianças parecem melhores ~~os~~ compor-  
tamentos dos adultos?

o menino fez muito bem?

Por que queria amor e carinho

o mãe anda consigo para a casa dar - me amor e carinho?

pernas com os filhos em vez de ver futebol?

perguntar aos filhos a opinião deles?

perguntar se eles concordam com eles?

---

Pensem na atitude do menino!  
Que pensam sobre ele?  
Que propostas de atitudes / ou ideias  
das crianças pare mudarem esse compor-  
tamento dos adultos?

Eu penso que ele foi um boado mal intencado  
porque desligava a televisão dos pais e os pais não  
percebiam nada do que ele queria dizer.

Os adultos devem conversar com as crianças, mas  
também têm de dar mais atenção.

a) Pense na atitude do menino!

↳ Que pensam sobre ele?

b) Que propostas de atitudes / ou ideias das crianças parecem mudar os comportamentos dos adultos?

a) Eu acho que ele tomou uma boa atitude, porque as crianças também têm direito de atenção.

b) Eu acho que as crianças deveriam chamar a atenção aos adultos e dizer-lhes que não se preocupam mais com o trabalho do que com a família.

---

30-05-09

Que te sugerem as seguintes palavras?

- Avó → familiar
  - Velha → idosa
  - História → livros que nos fazem ir a mundos distantes
  - Vida → tudo o que podemos fazer
  - Família → amigos
  - Fazer falta → tristeza
  - Pai → pessoa indispensável
  - Escola → aprendizagem e amigos
  - Amigos → pessoas especiais
  - Solidão → solidão
  - Estar só → estar triste
  - Sorte → coisa muito má
  - Separação → sentir falta de alguém
  - Felicidade → alegria
  - Recordar → lembrar alguém
-

30-05-09

Que te sugerem as seguintes palavras?

- Avó → alguém de que gostamos muito
  - Velha → pessoa idosa
  - História → muitas coisas interessantes
  - Vida → liberdade
  - Família → amor
  - Fazer falta → saudades
  - Pai → brincadeira
  - Escola → aprendizagem
  - Amigos → amizade
  - Tristeza → alguém falecido
  - Estar só → não ter amigos ou estar triste
  - Morte → tristeza ou desgosto quando alguém morre e não volta mais
  - Separação → perder alguém
  - Felicidade → alegria
  - Recordar → pensar em alguém ou pensar em algumas coisas boas ou más
-

30-05-09

Que te sugerem as seguintes palavras?

- Avó → ideia muito especial
- Velha → é uma ideia
- História → não coisas muito importantes para os meninos,
- Vida → ir a países distantes
- Família → anos a curinho
- Fazer gatta → histórias da avó
- Pai → soldados da paz
- Escola → amigos de todos
- Amigos → amigos
- Tristeza → solidão
- Estar só → estar com os primos
- Norte → moças
- Separação → pai
- Felicidade → alegria
- Recordar → pensar em alguém

30.05.09

Que te sugerem as seguintes palavras?

- Avó → Senhora velhinha
- Velha → Pessoa idosa
- História → agradável e interessante
- Vida → coisa que dura pouco ou muito tempo
- Família → Pessoas de amizade, amor, carinho etc.
- Fazer falta → ter saudade
- Pai → homem com muito amor para os filhos
- Escola → local de aprender
- Amigos → com quem partilhamos amizade.
- Tristeza → coisa que temos quando há um desgosto.
- Estar só → quando ficamos sem amigos
- Morte → desgosto
- Separação → estar separado de quem gosta.
- Felicidade → estar com alegria.
- Recordar → ter coisas ou lembranças boas ou más

Que te sugerem as seguintes palavras? 30-05-09

- Avó → Pessoa que já tem filhos e netos.
- Velha → Uma pessoa que tem idade.
- História → Um conto que começa e tem fim.
- Vida → <sup>mais.</sup> Pessoa que nasce, cresce, tem desenvolvimento e...
- Família → <sup>rangue.</sup> Um conjunto de pessoas como as mesmas.
- Fazer falta → <sup>de alguém</sup> É que uma pessoa que tem saudade de...
- Pai → Homem do mesmo sangue que tem amor.
- Escola → Lugar onde se aprende.
- Amigos → Pessoas em que nós temos amizade.
- Tristeza → É estar triste.
- Estar só → É estar sem ninguém.
- Forte → É alguém que mais.
- Separação → É alguém que se separa.
- Felicidade → É estar alegre.
- Recordar → Lembrar - mais de alguém.

O Livro da Avó

30/5/09



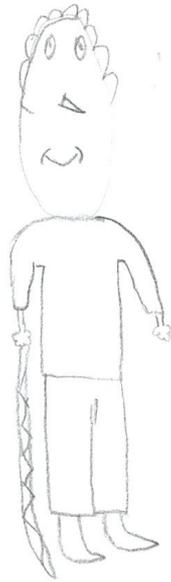
Um menino que estava  
feliz como a avó e  
que brincava com ela  
ouvindo as histórias dela  
e até que um dia ela  
morreu.

Que te "O Viro de Avo"  
Sugere as seguintes  
palavras?

- Avo → É a melhor coisa do mundo
  - Velha → Velhos são os tempos
  - histórias → Histórias maravilhosas
  - Vide → É termos d.
  - família → É o meu mundo
  - fazer falta → Um lugar sozinho
  - Pai → É o meu herói
  - escola → É para estudar
  - amigos → Com que falar
  - tristeza → Coisa muito triste
  - estar só → Está sozinho
  - morte → Desaparecimento para sempre
  - Separação → Separar
  - felicidade → É a coisa melhor do mundo
  - Recordar → Lembrar
-

À Minha avó.

O livro da ~~avó~~ avó.



À minha avó,  
gosta muito  
de ler livros,  
ela às vezes  
é um pouco  
exigente com  
migo mas  
na mesma  
eu gosto dela.

Ela faz  
muita falta.

20-05-09



O livro da avó

O menino gostava muito da avó e quando  
ela a avó dizia que era uma festa.

Os bolos, as cocadas e os sumos.

E ele também gostava de brincar com os

primos. E um dia foi à casa da avó e ela já

não estava lá. Fazas-me falta!

30-05-09

## A história da avó



Era uma vez uma senhora que tinha  
um neto que gostava muito dela.  
Ela era amorosa mas outras vezes não porque  
o neto se portava mal.  
Um dia a avó morreu e gostava não como  
os filhos e os pais, a família toda, menos a  
avó disse que esquecia nas festas e tudo ficava  
desse.

30-05-09



## **Anexo 8**

Registos de uma criança do Grupo de Enfoque, de 2006 a 2010

**“...uma menina, num corpo de criança, carregando o fardo de um adulto, não vivendo a sua infância”.**

Assim a definiu o psicólogo clínico, que a vem acompanhando, após a avaliação que realizou a esta criança.

Estes registos foram-nos cedidos, a título particular e exclusivamente para este estudo. São reveladores das sequelas que a perda por morte lhe infligiu e da dificuldade em ultrapassá-la.

Esta criança, Mag., hoje com nove anos, vive ainda muito angustiada pela perda. Evidenciou dificuldades de aprendizagem desde o 1º ano do 1º Ciclo, que ainda se vão mantendo. Tem sofrido contrariedades na sua tentativa de integração no grupo de pares que elegeu; ora rejeitada, ora solicitada por essas crianças.

Os seus comportamentos mudaram, assim como a sua vida mudou também.

É isso que ela reflecte nestes desenhos, na “escrita”, nas cores, nos pormenores ou falta deles, na frequência com que os faz e na forma reiterada com que expressa a falta que sente, a saudade...a pessoa que já não é mais.



**Ilustração 1-** Cor de fundo escura, numa paisagem despida de pessoas. Traços horizontais que se cruzam com verticais.



**Ilustração 2-** Ambiente florido, flores sem folhas, de novo. Duas pessoas, amputadas de braços e mãos. A árvore permanece...



Ilustração 3- Uma menina ou uma senhora, segurando um ramo de flores...sem contudo ter mãos. A árvore...com um ramo no tronco. Um fio, traço divide os dois planos do desenho...



Ilustração 4- Um "batalhão de amigos", curiosamente sem braços...

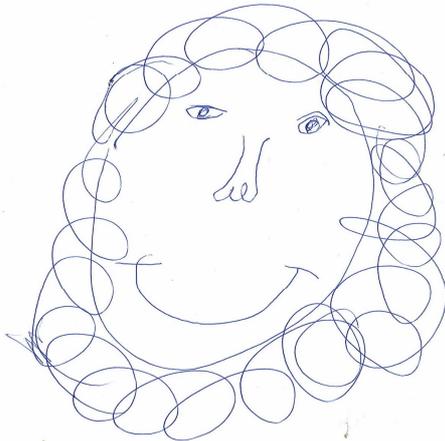


Ilustração 5- A filha está no meio., pai e mãe ladeiam-na, mas nenhum apresenta mãos...Corações e setas reflectem o amor da filha pelos seus pais. Um sol ligeiramente encoberto por uma nuvem...



Ilustração 6- As árvores continuam a figurar numa paisagem simplista, onde mãe e filha insistem em não ter braços ou mãos, nem as flores, folhas...

6 mãe pape e miã tu ma pate  
ste ma ta zami eu tamã  
ju ste ma ta tu



mãe i muitas milhã e taba e go  
gossa nãntu do ali e taba de miã

mãe gosto muito  
de ti do fundo do  
coração e queria que me  
vissem adorar

Ilustração 7 e 8- Dois registos que ilustram a dificuldade desta criança, ao nível da escrita, logo no 1º ano de escolaridade.



o pai gosto muito de ti.  
mãe  
da mãe  
gosto muito de

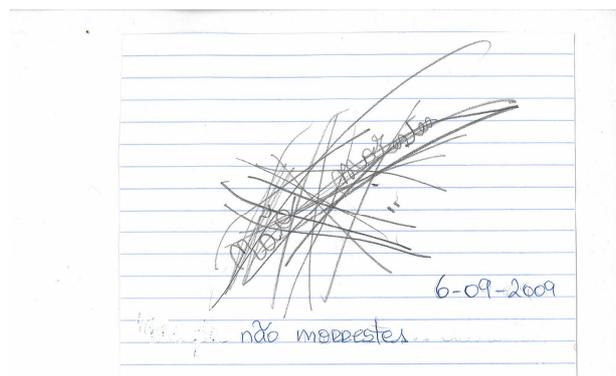
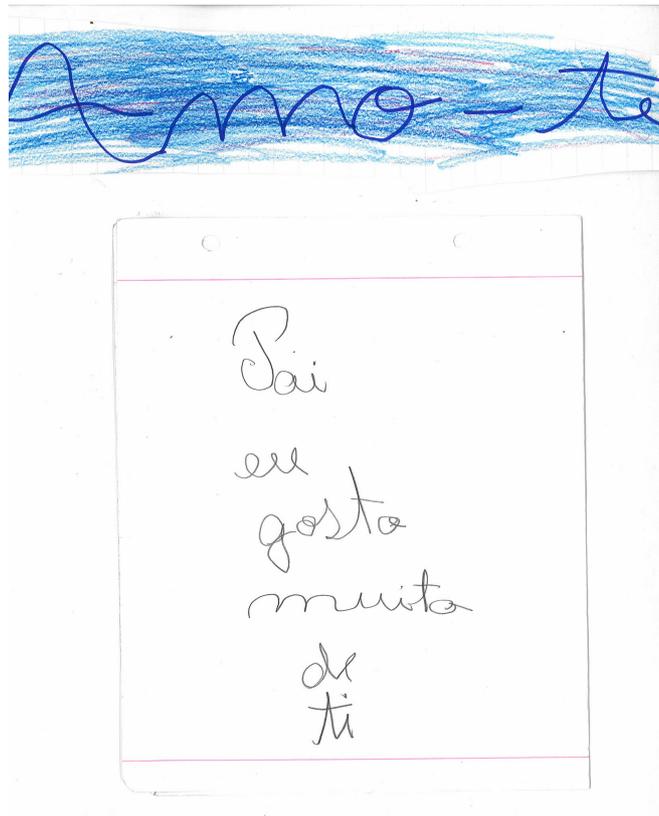
Olá querido Pai!  
Sebes quero te amar  
muito  
desde que nasci  
até muito tempo  
Bijinho da Raquel

Ilustração 9 e 10- Esta criança continua escrevendo, demonstrando o seu grande amor pelo pai, não esquecendo de o mostrar à mãe, única progenitora viva. A escrita continua evidenciando dificuldades na aprendizagem...





Ilustração 13 e 14- De forma repetida, esta criança demonstra o Amor que sente pelos seus progenitores...ainda que o pai tenha falecido, ele permanece na sua vida com uma presença forte e continuada.



Pai  
Quero dizer-te que é muito  
"faca" porque me levou a  
passar anos de liberdade  
de liberdade. Tu muito  
feliz contigo e todos muito  
amados tuos



Ilustração 15, 16 e 17 – A falta que a criança sente do pai é demonstrada pela constante inquietação em recordá-lo, chegando a afirmar que ele não morreu...para ela continua presente.

Olá a todos. eu <sup>quero-vos</sup>  
agradecer <sup>por</sup> me terem apoiado  
nos dias <sup>em</sup> que eu estava triste.  
Eu antes e agora era eu  
sou <sup>Rabugenta</sup> rabugenta, eu sei que  
sou gordinha mas a  
aparência não importa,  
o que importa é lá de dentro  
se somos bons ou <sup>por</sup> maus.

Sobretudo : agradeço!  
beijo

Ilustração 18- A criança tem a necessidade compulsiva de agradecer o bem que lhe fazem, retribuindo com registos...como se não merecesse.

Olá professora Eduarda eu sei que  
me porto mal mas hoje dia 18 de  
junho tenho uma coisa para  
lhe contar que a Margarida e a  
Francisca na hora do almoço  
comessaram a dizer que não eram  
minhas amigas e depois o Diogo defendeu-me  
e a Margarida disse que o Diogo  
gostava de mim depois inventaram  
uma canção sobre mim e depois fomos  
brincar a Margarida disse que eu me  
armava e depois a Francisca  
bateu com a cabeça e disseram que fui  
eu e não fui foi o Diogo ou o Diogo não foi

Ilustração 19- Na escola evidenciam-se alguns sentimentos de rejeição, de abuso dos colegas que ela tem necessidade de relatar à Professora, esclarecendo a sua condição de alvo de “maldades”, às vezes.

Pai

gost



mu i t o

da

ti

~~Pai gosto muito de ti sonento  
muito teres morrido sem ti  
a minha vida mãe é a mes-  
ma sem ti eu anseio nem  
depois quando fico cheio de  
saudades tuas venho para a  
escola e às vezes também  
penso em ti.~~

Ilustração 20- De novo, a criança exhibe a saudade e as consequências imediatas da sua perda; dormir mal, falta de concentração na escola...

~~QUERO FALAR DE A POR QUE ESTA~~

SENTIMENTOS ELES APARECEM  
E POR VEZES JA OS TEMOS  
SÃO COMO ZÃO NOS AS  
VEZES ATÉ GOSTAMOS  
POR QUE OS DEIXAMOS  
IR E AS VEZES A CURTIR  
A SORRIR EU NÔ QUERO  
RIR E NÃO QUERO  
FALAR DE SENTIMENTOS  
É DE FÉRIAS QUE QUERO  
FALAR.

MAS ANTES DE FALAR DAS FE-  
RIAS QUERO FALAR DOS

SENTIMENTOS VOU DIZER COISAS  
A RIMAR COM IR MAS NÃO POSSO

DIZER CORRIR, RIR, E CURTIR.  
DORMIR, ZUBIR, MENTIR,  
AGORA SIM JÁ QUEDAMOS  
FALAR DAS FÉRIAS EU NAS  
FÉRIAS QUERIA IR PARA ~~CE~~ CELORI-  
CO PORQUE

Ilustração 21- Nesta desorganização de ideias, esta criança expressa a necessidade de falar de sentimentos, mas ao mesmo tempo gostaria de os reprimir...e esquecer o que a faz sofrer.

## Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares

## Língua Portuguesa

Atue às competências previstas para o 3.º ano de escolaridade, embora se tenha empenhado pouco e capacidade para um melhor aproveitamento.

## Matemática

Atue às competências essenciais programadas para este ano de escolaridade. Por vezes necessita de um apoio muito individualizado.

## Estudo do Meio

Atue às competências previstas para esta área. Poderia ter-se aplicado um pouco mais.

## Expressões Artísticas e Físico-Motoras

Satisfaz as áreas das expressões.

## Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares

## Área de Projecto

Colabora satisfatoriamente nas actividades propostas.

## Estudo Acompanhado

Aluna pouco empenhada, necessita de motivação e apoio individualizado.

## Formação Cívica

Cumprir as regras estabelecidas e relacionar-se bem com os outros.

**Síntese descritiva das áreas curriculares disciplinares**

**Língua Portuguesa**

Faz uma leitura expressiva embora tenha alguma dificuldade em compreender o que lê. Aplica raramente as regras gramaticais. Elabora textos com grande criatividade e dá bastantes erros ortográficos. A sua caligrafia é bastante descuidada.

**Matemática**

Tem feito alguns progressos nesta área. Revela um razoável raciocínio e cálculo mental. Precisa de continuar a estudar as tabuadas e praticar as operações, bem como a leitura e escrita de números.

**Estudo do Meio**

Adquiriu alguns conhecimentos mas é pouco participativa.

Precisa de estudar um pouco mais.

**Expressões Artísticas e Físico-Motoras**

Satisfaz nas áreas das expressões.

**Síntese descritiva das áreas curriculares não disciplinares**

**Área de Projecto**

Colabora em todas as actividades com empenho.

**Estudo Acompanhado**

Necessita de apoio individualizado.

**Formação Cívica**

Participa com empenho na vida escolar. Mantém uma boa relação com todos.

Ilustração 22 e 23- Uma ficha de avaliação, desta menina, mostra as dificuldades escolares que ela tem enfrentado após a morte de seu pai...

## **Anexo 9**

Diploma das crianças do Grupo de Enfoque



Faculdade de Educação  
Curso de Educação

# Diploma

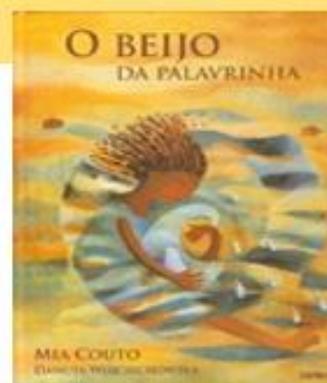
Como agradecimento pelo interesse e desempenho evidenciado por \_\_\_\_\_, contribuindo para a Tese de Mestrado de Maria Augusta Ribeiro, sobre 'O Luto na Criança pequena: Perspectiva Sociológica da Perda na Criança.'

O Orientador do Mestrado

A Co-Orientadora

A Mestranda

Braga, Outubro de 2010



## **Anexo 10**

Avaliação das Sessões do Grupo de Enfoque

## **Avaliação das Sessões do Grupo de Enfoque**

Embora as avaliações, das crianças, não tenham sido todas entregues, as aqui apresentadas constituem uma prova concludente das suas capacidade em reflectirem sobre assuntos “sérios”, de expressarem as suas opiniões, a sua interpretação desses assuntos e a forma como achariam que eles deveriam ser abordados, no seu quotidiano.

Constituem também uma avaliação preciosa e precisa sobre a importância da participação das crianças em estudos idênticos, versando temáticas que lhes digam directamente respeito.

Apenas duas crianças se mostraram incomodadas pela insistência na temática do estudo contudo, até elas evidenciaram ter gostado da experiência, destacando o lugar, o convívio, as amizades que fizeram, o tempo das sessões e os horários acordados, assim como os assuntos abordados.

É nossa convicção que estas crianças, como muitas outras, são competentes para produzir dados sociológicos relevantes sobre as suas concepções, participando, contribuindo para a sua afirmação como crianças cidadãs, actoras e indispensáveis à ordem social instituinte da qual são constituintes.

## FICHA DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES

1- Gostaste de participar neste estudo? Porquê?

Sim gostei, porque foi divertido e fiz  
novos amigos.

2- Que te agradou mais nestas sessões de trabalho?

Foram as histórias e os trabalhos que  
nos propuseram.

3- Que te agradou menos? Porquê?

O facto de termos falado muito em  
mortes, porque me fizeram lembrar momentos tristes.

4- Que mudarias nas sessões em que participaste?

- Os temas/Assuntos tratados

- O local

- As histórias

- O grupo

- Os horários

- O tempo

- Outros....

Explica porquê?

Eu não mudaria nada, porque os temas  
eram divertidos, o local espaçoso, o grupo  
era fantástico, os horários davam jeito, o  
tempo era razoável...

Obrigada pela tua colaboração!

## FICHA DE AVALIAÇÃO DAS SESSÕES

1- Gostaste de participar neste estudo? Porquê?

Sim, porque aprendemos muitas coisas novas.

2- Que te agradou mais nestas sessões de trabalho?

Foi percebermos várias histórias de sentimentos e emoções.

3- Que te agradou menos? Porquê?

Foi estar sempre a falar de morte, pois eu não gosto de morte.

4- Que mudarias nas sessões em que participaste?

- Os temas/Assuntos tratados

- O local

- As histórias

- O grupo

- Os horários

- O tempo

- Outros....

Explica porquê?

Porque o tempo não era suficiente para acabarmos os trabalhos, e por isso tínhamos que acabar em casa.

Obrigada pela tua colaboração!



## **Anexo 11**

Quadro de Dimensões e Categorias de Análise

**Quadro 16 - Dimensões e Categorias de Análise**

DIMENSÕES	CATEGORIAS	ALEGAÇÕES		
		CRIANÇAS	PAIS	DOCENTES/AUXILIAR
VIDA	Bem	-“presente de Deus” -“maior bem de todos” -“a coisa que só tenho uma vez na vida”	_____	_____
	Sentimentos	-“felicidade/amor/carinho” -“se estamos bem por dentro”	_____	_____
	Natureza	-“sobrevivência” -“umas nascem outras morrem” -“o ciclo da vida”	-“aceita a natureza das coisas” -“encarar a vida tal como ela é”	_____
	Tudo	-“ é tudo” -“sem nós não há adultos” -“tudo faz parte da vida”	_____	-“o dia a dia é feito de perdas e conquistas”
	Crenças religiosas/ Cultura	-“nós também temos uma cultura” -“a raça negra também tem culturas diferentes” -“podemos viver noutro mundo/lá em cima”	-“nós só acreditamos naquilo que queremos” - “em relação à nossa religião” -“por aquilo que aprendemos” -“no meio da morte e sofrimentos há coisas boas” -“um dia vou encontrá-lo”	-“é o que nós lhe explicamos segundo a nossa religião” -“não acredito que andamos uma vida inteira para depois as coisas deixarem de existir” -“é o que lhe dizemos porque é o que nós acreditamos”
	Uma viagem/ Missão	-“Vieira de Melo/deu a vida por eles” -“é interessante saber estas coisas” -“tudo tem um fim”	-“a nossa vida é uma passagem” -“temos uma missão” -“acredito que existe mais vida para além desta” -“um dia a família pode precisar dele”	-“começarem a viver com isso já é meio caminho andado” -“acho que tudo isto é um processo”
	Preâmbulo	-“é para os ir preparando”	-“mais cedo ou mais tarde todos nós passamos por uma situação destas” -“preparada para a realidade”	-“quando acontecer, já vai estar preparada” -“tem de estar preparada para a vida”

<p style="text-align: center;"><b>MORTE</b></p> <p style="text-align: center;"><b>Caracterização</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “solidão/isolamento”</li> <li>- “tristeza/desilusão”</li> <li>- “mudez”</li> <li>- “feia”</li> <li>- “escuridão”</li> <li>- “fim/livro”</li> <li>- “irremediável”</li> <li>- “frio”</li> <li>- “deixamos de ver as pessoas/irreversível”</li> <li>- “estão de olhos fechados/disfuncional”</li> <li>- “nunca se deseja a ninguém/universal”</li> <li>- “nem o melhor médico pode remediar”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “havia se despedido inconscientemente”</li> <li>- “em casa/hospitalizada”</li> <li>--“situação dramática”</li> <li>- “confusa e angustiada”</li> <li>- “pediu para ver o E./ a viu doente”</li> <li>- “vigia e tratada pelos médicos”</li> <li>- “fase terminal/estado crítico”</li> <li>- “alguém que desapareceu”</li> <li>- “desânimo dos filhos”</li> <li>- “deixou de fazer desenhos/o pai não via”</li> <li>- “nunca mais poder ver as pessoas”</li> <li>- “chorou muito”</li> <li>- “desapareceram da vida dela”</li> <li>- “foi mais adulto do que eu”</li> <li>- “surpreende-me/reagiu bem”</li> <li>- “mais abalada”</li> <li>- “embora não fale muito no assunto”</li> <li>- “a falta de um pilar /família”</li> <li>- “apanha-nos de surpresa”</li> <li>- “funeral muito marcante/pessoa nova”</li> <li>- “um roubo da vida”</li> <li>- “ajudei-a a partir/precisam de calor humano”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “momentos de silêncio”</li> <li>- “sentava-se isolada, mais caladinha”</li> <li>--“ela lidar com a morte/ muito duro esta situação”</li> <li>- “imagino nas cabeças das crianças que se passará”</li> <li>- “ ele pediu ao Jesus para o levar para o céu”</li> <li>- “ficou muito entalado/olhava para todo o lado/procurava fotografias do pai/não chorava”</li> <li>- “é sempre uma perda”</li> <li>- “são questões que mexem com os adultos quanto mais com uma criança na fase dos porquês”</li> <li>- “de repente é como cortar as pernas para caminhar/tendo em conta a idade dela e a relação com o pai”</li> <li>- “tudo quanto tinha conquistado tem de tornar a aprender/o luto é um crescimento á força”</li> <li>- “influencia as relações ao nível do pensamento(maturidade)”</li> <li>- “sentimento muito forte e o adulto pode não compreender o que ela está a sentir”</li> <li>- “lido muito mal com a morte”</li> <li>- “eles devem sentir um vazio muito grande como nós”</li> </ul>
<p style="text-align: center;"><b>Informação</b></p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “têm de esperar um bocado/eles podem ficar muito tristes”</li> <li>- “deviam contar logo”</li> <li>- “podem acreditar que ainda estão vivos”</li> <li>- “separaram-se em Fevereiro, só me contaram em Agosto”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “não foi muito difícil de lhe contar/avó”</li> <li>- “muito difícil de lhe contar...no dia/pai”</li> <li>- “passado algum tempo/ficam tristes 2 vezes”</li> <li>- “estava a par da situação/ mentalizado”</li> <li>- “de forma directa/a verdade/podem confiar”</li> <li>- “confirmar a morte”</li> <li>- “um dia vai perguntar”</li> <li>- “foi vê-la, depois contamos-lhe...”</li> <li>- “mais madura/mais velha”</li> <li>- “idade precoce”</li> <li>- “depende da idade da criança”</li> <li>- “não esconder/nem mentir/pode pensar que essa pessoa não gostava dela”</li> <li>- “não podemos tratar todos por igual”</li> <li>- “mais difícil contar a morte de alguém novo”</li> <li>- “proximidade afectiva/temperamento dela”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “foi a própria que me disse”</li> <li>- “foram amigos de familiares”</li> <li>- “não sei quem lhe contou/evitámos falar sobre isso/falámos com a mãe”</li> <li>- “penso que foram os pais no próprio dia”</li> <li>- “quando chegou à escola já sabia”</li> <li>- “por causa da idade”</li> <li>- “a violência da notícia, faz com que as pessoas não pensem”</li> <li>- “não lhe contámos de imediato”</li> <li>- “tem o direito a ser informada e participar se for da sua vontade”</li> <li>- “temos de pensar como lhes vamos falar/nós aceitamos duma maneira/elas de outra”</li> <li>- “questiono-me como abordar”</li> </ul>

<p>Pós-Morte</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “regeneração”</li> <li>- “transmigração”</li> <li>- “desaparecimento”</li> <li>- “dúvida/perplexidade”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ida para o céu/tinha partido”</li> <li>-“zelar por ela/estar sempre presente”</li> <li>-“tomou consciência”</li> <li>-“não ia voltar a ter o carinho”</li> <li>-“não teve dúvidas/ cautelosa/preocupação/ medos”</li> <li>- “aceitação do facto”</li> <li>- “não se ter despedido”</li> <li>- “”onde estava o pai/como tinha ido/céu</li> <li>-“não ter pai como os outros”</li> <li>-“as circunstâncias/o afectou”</li> <li>- “nunca mais volta”</li> <li>- “fazia muitas perguntas”</li> <li>-“se um dia a vai encontrar”</li> <li>- “família destruída”</li> <li>- “continuamos ligados a elas/também estão a pensar em nós”</li> <li>- “mais vida para além desta”</li> <li>-“o 1º sentimento é de pânico”</li> <li>-“um anjo que olha pelas pessoas/não posso dizer que ela já não existe em lado nenhum”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“nunca mais poder ver os familiares falecidos”</li> <li>-“referia-se a ele no céu”</li> <li>-“perguntava-me onde achava que ele estava”</li> <li>-“eu dizia-lhe que estava lá em cima no céu”</li> <li>-“que estava bem”</li> <li>-“a prenda do pai que está no céu”</li> <li>-“ia-lhe explicando o processo”</li> <li>-“perguntava-me se o pai está debaixo da terra e se a alma está viva”</li> <li>-“não sei se ele percebe”</li> <li>-“estava muito orgulhoso dele e mandava-lhe um abraço”</li> <li>-“aos cinco anos vivia como se o pai estivesse presente e guardado no céu”</li> <li>-“o luto frequentemente isola-as/cria dificuldades de relacionamento com os adultos e crianças ou torna-as muito independentes(desligados) deles”</li> <li>-“confusão nos seus sentimentos/incertezas”</li> <li>-“a criança deve ser poupada ao sofrimento dos sinais da morte”</li> <li>-“o falar com naturalidade da morte é a melhor terapia/minimiza-se”</li> </ul>
<p>Causas da Morte</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “idade”</li> <li>- “acidente”</li> <li>- “doença”</li> <li>- “guerra”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“a avó estava doente e velhinha”</li> <li>-“hospitalizada”</li> <li>-“uma dor”</li> <li>-“o coração...”</li> <li>- “houve diferenças nos dois casos”</li> <li>-“acidente/tragédia”</li> <li>- “já previa”</li> <li>- “o choque foi muito grande”</li> <li>- “a morte nunca foi bem esclarecida”</li> <li>- “quando partem é porque fazem falta noutro lugar”</li> <li>- “Jesus precisava de uma ama “</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “a diferença se prende com as circunstâncias”</li> <li>-“de repente, ninguém estava preparado”</li> <li>-“já a caminhar, teve um acidente”</li> <li>-“suspeitamos que tenha sido uma coisa menos boa”</li> <li>-“coisa natural”</li> </ul>

<b>RITUAIS</b>	de Culto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “ir à igreja”</li> <li>- “dia de Todos os santos”</li> <li>- “ir ao cemitério”</li> <li>- “oferendas”</li> <li>- “flores”</li> <li>- “orações”</li> <li>- “funerais”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“cemitério/ não gosta de ir”</li> <li>-“quando tem de ir, vai”</li> <li>-“missa 7º dia”</li> <li>- “missas de aniversário”</li> <li>-“eu não quis/quis poupá-la”</li> <li>-“cemitério/ sempre que quer ir”</li> <li>-“tem necessidade de ir/gosta de ir só”</li> <li>-“quis ir ao funeral da ama/ ficou ao pé da filha/deu-lhe a mão”</li> <li>-“viu o caixão/a roupa que levava”</li> <li>-“não levar à força/não contrariar”</li> <li>-“ela não quis ir ao funeral/avó”</li> <li>-“foi no Domingo pôr flores”</li> <li>-“prestar homenagem”</li> <li>-“preocupava-se/campa bonita”</li> <li>-“foi comigo à igreja”</li> <li>-“gesto de carinho”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“falou que foi à missa do 1º aniversário”</li> <li>-“penso que não/para a poupar”</li> <li>-“não foi por ter acontecido de forma tão violenta”</li> <li>-“por causa da idade”</li> <li>- “francamente não tenho certezas”</li> <li>-“nunca se referiu”</li> <li>-“contou-me que foi levar a prendinha ao cemitério”</li> <li>-“se tivesse ido talvez fizesse o luto mais depressa/desde cedo aprende”</li> <li>-“para não a entristecer mais”</li> <li>-“tinha a ver com a idade dela”</li> <li>-“acho importante/têm de lidar com a perda diariamente”</li> <li>-“ foi bom tê-lo levado muitas vezes ao cemitério/não queria”</li> <li>-“forma de perpetuar a memória”</li> </ul>
	de Luto	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “fotos”</li> <li>- “missas de aniversário”</li> <li>- ” orar”</li> <li>- “isolamento”</li> <li>- “não falar”</li> <li>- “prestar culto”</li> <li>- “usar preto”</li> <li>- “licença por nojo”</li> <li>-“chorar”</li> <li>- ”recordar tempos passados”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- “vai à casa dela”</li> <li>-“conversa com ela/avó”</li> <li>- “falava disso”</li> <li>-“dar o ramo à F./ cemitério”</li> <li>- “tem fotografias/avó e tio”</li> <li>-“não foi à escola”</li> <li>-“leva desenhos/escreveu”</li> <li>-fala/reza/ conta situações”</li> <li>-fala com Jesus/manda recados ao pai”</li> <li>- “fazia desenhos/Jesus levar”</li> <li>-“mostrava fotografias a outros”</li> <li>-colocava a prenda junto ao Jesus/Dia do Pai”</li> <li>-“flores numa jarra/junto à foto”</li> <li>-“ela gostava de flores/ele preocupava-se”</li> <li>-“vai às festas de aniversário/ama”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ fazer o luto é importante”</li> <li>-“necessidade de falar do assunto”</li> <li>-“falou sempre de forma meiga”</li> <li>-“como se ainda estivesse presente”</li> <li>-“tinha saudades”</li> <li>-“trouxe fotografias do pai para a escola/mostrava aos colegas”</li> <li>-“ desenhos para levar para casa”</li> <li>-“conversas comigo sempre que sentia necessidade”</li> <li>-“fazia muitos desenhos/tinha um menino Jesus em casa”</li> <li>-“não falava directamente com o pai/falava ao Jesus que lhe transmitia”</li> <li>-“quando rezávamos ela queria mandar um beijinho ao pai”</li> <li>-“tem uma imagem óptima do pai”</li> <li>-“uso preto/é o meu estado de espírito”</li> </ul>

**PROCESSO DE LUTO**

1ª Fase do Luto;  
torpor

- “por dentro frio/choque”
- “tristeza muito forte”
- “sofrer”
- “não conseguimos ficar sem uma pessoa”
- “chorar muito”
- “mais sozinhos”
- “queria o meu pai”
- “ficarmos desgastados”
- “não falavam com ninguém”
- “tristeza forte”
- “chorei muito/alto”
- “sentir-se mal/por dentro”
- “angústia/ansiedade”

2ª Fase do Luto;  
desorganização emocional

- “desilusão”
- “isolar-se”
- “sentir-se só”
- “falar pouco”
- “sentir-se desgastado”
- “começar a chorar/ muito”

3ª Fase do Luto;  
organização emocional

- “recordar/lembrar”
- “ver fotografias/filmes”
- “vestir de preto”
- “guardar objectos/rituais”
- “o coração ficar levezinho”

- “a professora disse/chorava muito”
- “desconcentrada e nervosa”
- “muito dependente dos adultos”
- “ não quis contar na escola”
- “partilhou a morte, na escola/foi ele que quis contar”
- “só contou passado um mês/escola”
- “era o centro das atenções”
- “viveu o luto de forma isolada”
- “ficou sozinha/chorou muito”
- “apoio dos professores/amigos e psicóloga/ confusa e infeliz”
- “crises de choro/ansiedade”
- “isolava-se/custou a aceitar”

- “chorava facilmente/não resistir”
- “medrosa/ruídos/portas fechadas/ ausência dos adultos/ da morte”
- “sentir necessidade de falar”
- “fechou-se novamente”
- “depois de chorar, sentia-se aliviada”
- “não se ter despedido/como ia viver sem pai”
- “desânimo dos filhos/da esposa”
- “família destruída”
- “falta do pilar daquela família”
- “já não morava lá ninguém/muitas perdas”
- “precisou de tomar calmante”

- “ter saudades”
- “ainda apresenta dificuldade no relacionamento com colegas”
- “sem entreeajuda pode interferir nas relações/continuar a vida”
- “ a ama substituída”
- “vários factores contribuem/luto bem ultrapassado”

- “chorou muito no dia e seguintes/durante muito tempo”
- “sinais de grande tristeza”
- “não tão sofrido/a diferença se prende com a idade e as circunstâncias das duas mortes”
- “ficou mais sensível e procurava os adultos”
- “nervosismo e falta de concentração”
- “ficar parada a observar, não fazer, na sombra”
- “nunca me questionou sobre a morte do pai”
- “dissemos-lhe que podia chorar”

- “quando veio para cá, sentia necessidade de contar”
- “pedia para não cantar canções que lhe lembravam o pai”
- “mais triste e com necessidade de falar/desabafar”
- “reservada/insegura”
- “não avançava”
- “às vezes falava”
- “isolava-se, mais caladinha”
- “coisas que não exigem muito diálogo e repetia”
- “guardou o sofrimento para ela”

- “no 2º ano já começou a falar do pai com naturalidade “
- “como se ele estivesse presente”
- “falava o que o pai fez com naturalidade, nas habilidades do pai”
- “não falava com sentimento de mágoa”

<p><b>FAMÍLIA</b></p>	<p>Perspectiva Singular</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“é pequena”</li> <li>-“não tem muito amor”</li> <li>-“a minha mãe é fixe”</li> <li>-“preocupa-se muito com o trabalho”</li> <li>-“o meu pai...senta-se no sofá”</li> <li>-“a minha família é composta por 4 elementos”</li> <li>-“falo e dialogo com os meus pais”</li> <li>-“foi feita com carinho e entreajudada”</li> <li>-“é alegre e conversa sobre tudo”</li> <li>-“posso contar sempre com ela”</li> <li>-“a minha família... é unida”</li> <li>-“às vezes chateamo-nos”</li> <li>-“outras vezes divertimo-nos juntos”</li> <li>-“em algumas situações preferimos conversar”</li> <li>-“é muito importante para mim”</li> <li>-“preocupam-se com a saúde”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“filhos”</li> <li>-“marido”</li> <li>-“a gente falou-lhe/dissemos-lhe”</li> <li>-“ela estava connosco”</li> <li>-“perguntávamos se tinha saudades”</li> <li>- “dar carinho”</li> <li>-“não ter um pai como os outros”</li> <li>-“pensar nos outros”</li> <li>-“acompanhou”</li> <li>-“abraçou-se a mim”</li> <li>-“a família se juntar toda”</li> <li>-“acto de coragem da mãe”</li> <li>-“daquilo que conheço do meu filho/tem de perceber o porquê”</li> <li>-“a presença do E./forma de ultrapassar o luto”</li> <li>-“se nós os compreendermos”</li> <li>-“se não os ajudarmos”</li> <li>-“tem dois irmãos mais velhos”</li> <li>-“não queria que a M. ficasse com essa imagem”</li> <li>-“descobriu que nós lhe mentimos”</li> <li>-“erro nosso”</li> <li>-“tem que ver como a gente pensa em relação à nossa religião”</li> <li>-“sentem-se confiantes quando falamos a verdade”</li> <li>-“sou a sua confidente/conversa muito comigo”</li> <li>-“eu estava triste/me alegrar”</li> <li>-“mais próxima”</li> </ul>	
-----------------------	-----------------------------	---	---	--

	<p>Perspectiva Ampla</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-Família pequena/grande</li> <li>-Tipologia da família</li> <li>- Recasamento</li> <li>-Muito afecto/ /carinho</li> <li>- Coesão/cumplicidade</li> <li>-Papéis dos elementos</li> <li>-Espaço de diálogo</li> <li>-Trabalho/ fonte de rendimentos</li> <li>-O pilar/ segurança e estabilidade</li> <li>-Amizade e entreaajuda</li> <li>-Respeito/Tolerância</li> <li>-Negociação/pais e filhos</li> <li>-Estilos parentais</li> <li>- Protecção/Amparo</li> <li>-Felicidade/Alegria</li> <li>-Cumplicidade/Irmãos</li> <li>-Rede de apoios</li> <li>-Laços de parentesco</li> <li>-Relações sociais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“meus familiares”</li> <li>- “irmãos”</li> <li>-“pais”</li> <li>- “meu primo”</li> <li>-“tio”</li> <li>-“avó/avô”</li> <li>-“acompanhar os filhos dele”</li> <li>-“amigos mais próximos”</li> <li>- “conviveu muito com eles”</li> <li>-“acha que os filhos sofrem mais”</li> <li>-“faz parte do grupo da família/ama”</li> <li>-“vai à casa dela quando há festas”</li> <li>-“ a família dela/ama”</li> <li>-“moramos relativamente perto”</li> <li>-“irmãos mais velhos”</li> </ul>	<p>-“o facto de o pai ter encontrado outra companheira, foi para as meninas uma baforada de ar fresco/ a doença da mãe foi o amadurecimento para elas”</p> <p>-“mesmo que a mãe tenha outro namorado, nunca vai conseguir compensar o pais”</p> <p>-“acho que essas crianças vão ser as primeiras a aceitar esse tipo de situações e a dar força a quem já não tem pai”</p>
--	--------------------------	---	---	---

<p style="text-align: center;"><b>AMIGOS/ PARES</b></p>	<p style="text-align: center;">Apoio e entreeajuda</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“é ser solidário”</li> <li>-“gostam uns dos outros”</li> <li>-“ajudam-se uns aos outros”</li> <li>-“ajudá-la/prontos a ajudar/dar amizade”</li> <li>-“tornar-se amigo dela”</li> <li>-“irem juntos entrar no grupo”</li> <li>-“nos ajudam/momentos bons e menos bons”</li> <li>-“são pessoas que se unem”</li> <li>-“e não se chateiam”</li> <li>-” a 2º melhor coisa “</li> <li>-“com quem falar”</li> <li>-“são pessoas solidárias”</li> <li>-“são nossas amigas”</li> <li>-“são a amizade”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“dependente de uma ou outra amiga”</li> <li>-“partilhou a morte...com os colegas”</li> <li>-“ficou muito incomodado /pai duma amiga/tem cuidado”</li> <li>-“ajudavam-no muito”</li> <li>-“restantes colegas”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“sentia-se acolhida e mimada”</li> <li>-“ tinha necessidade de estar perto de alguém”</li> <li>-“contou aos colegas que o pai estava guardado no céu”</li> <li>-“como não foi muito espontânea, os colegas sempre a respeitaram”</li> <li>-“teve apoio dos colegas e da professora/psicóloga e Irmã”</li> <li>-“a Maf. tinha atitudes de ajuda, mas ela mantinha a posição dela”</li> <li>-“sentia-se apoiadaacolhia os amigos”</li> <li>-“podem mostrar aos outros que são mais sensíveis em determinados aspectos”</li> <li>-“saber até que ponto a criança quer falar/ouvir e ajudar com a verdade”</li> </ul>
	<p style="text-align: center;">Outras redes de apoio</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“ajudam-me quando preciso”</li> <li>-“pessoas que se unem e não se chateiam”</li> <li>-“pessoas solidárias”</li> <li>-“que nos perdoam”</li> <li>-“pessoas que alegram quando estamos tristes”</li> <li>-“estão sempre connosco”</li> <li>-“em quem podemos conversar e confiar”</li> <li>-“pessoas que nos acompanham na vida”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“apoio da professora e nossos”</li> <li>-“dependente dos adultos”</li> <li>-“apoio da Ed. e Auxiliar”</li> <li>-“outros adultos do colégio”</li> <li>-“a educadora sabia...ficaram todas as pessoas a saber”</li> <li>-“principalmente a professora”</li> <li>-“pessoas estranhas”</li> <li>-“psicóloga”</li> <li>-“dois irmãos mais velhos”</li> <li>-“amigos mais próximos”</li> <li>-“meus familiares”</li> <li>-“vizinhos”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“vinha para a minha beira...”</li> <li>-“ela sabia que eu estava aqui e podia compensar de alguma forma”</li> <li>-“ia buscá-la para não ficar sozinha”</li> <li>-“evitava falar muito disso”</li> <li>-“não sabia muito bem como lidar com o assunto”</li> <li>-“tentei redobrar-me/precisava de segurança”</li> <li>-“dar-lhe mais carinho e estar de volta dela”</li> <li>-“procurava o adulto no recreio para não brincar”</li> <li>-“a psicóloga sugeriu levá-lo a ver o pai no caixão”</li> <li>-“a médica de família foi lá a casa”</li> <li>-“nós conversávamos muito com ela”</li> </ul>

<p style="text-align: center;"><b>SENTIMENTO EMOÇÃO E AFECTOS</b></p>	<p style="text-align: center;">Comportamentos após uma perda</p>	<p style="text-align: center;">Efeitos possíveis</p>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“Começava a contar quando ela(ama) lhe trazia chocolates”</li> <li>-“falava bastante dela”</li> <li>-“não notamos alterações”</li> <li>-“muito triste/preocupada com a prima mais nova/proteger a prima”</li> <li>-“como uma pessoa adulta”</li> <li>-“chorava por todos os cantos/mesmo hoje ela chora/conta coisas”</li> <li>-“tem saudades”</li> <li>-“muito chorona/dependentedos adultos”</li> <li>-“medo que eu morresse/de ficar só”</li> <li>-“dormiu comigo muito tempo/dormia muito mal/tomava calmante”</li> <li>-“a noite era o pior momento”</li> <li>-agressiva comigo/culpava-me de não a levar ao céu”</li> <li>-“ela aceitou/não fale muito”</li> <li>-vai visitar o primo se quiser/não fala”</li> <li>-“dar carinho aos que precisam mais/não mostra sofrimento/os primos sofrem mais”</li> <li>-“medos/não dorme sozinho/estão a espreitá-lo”</li> <li>-“o choque foi muito grande”</li> <li>-“pergunta se um dia a vai encontrar”</li> <li>-“necessidade de ir lá/sozinha”</li> <li>-“quando se desligar do luto/família”</li> <li>-“confusa, angustiada, infeliz”</li> <li>-“mais abalada/mais próxima”</li> <li>-“fala com ele e dele/vê fotografias”</li> <li>-“desconcentrada e nervosa/escola”</li> <li>-“dependente dos adultos e colegas”</li> <li>-“medrosa e fóbica”</li> <li>“dificuldade relacionamentos/rejeição”</li> <li>-“isolava-se”</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>-“regrediu/afecta a relação com os outros e o aproveitamento escolar”</li> <li>-“as inseguranças acentuaram-se”</li> <li>-“depende muito dos adultos”</li> <li>-“não queria avançar com um trabalho”</li> <li>-“mais observadora”</li> <li>-“não gostava de ter portas fechadas/andava com as chaves no bolso”</li> <li>-“mais chorona/distanciava-se”</li> <li>-“chegaram dois amigos novos e ela teve a necessidade de lhes contar”</li> <li>-“uma forma de se precaver/ficavam a par da situação dela”</li> <li>-“procurava poucas áreas/sempre atrás do adulto”</li> <li>-“acabava por ser levada pelas brincadeiras da Maf. ou o adulto sugeria”</li> <li>-“não tinha iniciativa, era receptiva às vezes”</li> <li>-“optava por actividades isoladas”</li> <li>-“manifestou muitos medos”</li> <li>-“no2º ano amadureceu”</li> <li>-“trabalhava bem e finalizava os trabalhos”</li> <li>-“eram essas coisas que mais me impressionavam nela”</li> <li>-“ela sentia-se diferente dos outros”</li> <li>-“continuou a dar a mão ao adulto, mas deu um salto”</li> <li>-“teve dificuldades na aprendizagem”</li> <li>-“acha-se muito colocada de parte/precisava mais de ter um grupo de amigos que outras crianças”</li> </ul>
---	--	--	--	---

